



PARA QUE SERVE
UM PÃO MESMO?



AS CASCAS DE BANANA
NO CAMINHO DO JUIZ MORO



veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2434 - ano 48 - nº 28
15 de julho de 2015



EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA

SEM APOIO POPULAR E DO CONGRESSO, O GOVERNO DILMA FLUTUA
EM UM AMBIENTE DE INCERTEZA, ENQUANTO AS SUSPEITAS DE CORRUPÇÃO
CHEGAM PERIGOSAMENTE PERTO DO PLANALTO

Promoção Vip no Rock in Rio_

Você e 5 amigos curtindo o festival na maior mordomia.

Cadastre-se e participe: itau.com.br/rockinrio



AFRICA

viver a música #issomudaomundo

Imagem ilustrativa. Certificado de Autorização SEAE/MF nº 04-0225/2015.

Participação de 15/6/2015 a 19/8/2015. Consulte o regulamento completo em www.itau.com.br/rockinrio



promoção
no

Rock in Rio

Patrocinador Oficial
do Rock in Rio.

Troca Sob Medida Volkswagen.
A vantagem que seu caminhão usado ainda carrega:
ele pode ser trocado por um Volkswagen.



Traga o seu caminhão antigo e garantimos a melhor avaliação do mercado para você trocar por um Caminhão Volkswagen novinho.

Confira também as condições diferenciadas de financiamento pelo CDC em uma de nossas Concessionárias.

www.bancovw.com.br. Ofertas válidas para a Linha de Caminhões Volkswagen, zero-quilômetro, com faturamento pelo estoque da Concessionária até o dia 31/7/2015, ou enquanto durar o estoque, podendo ser reajustado após esse período conforme a política de comercialização do fabricante ou alteração das regras pelo BNDES. Estoque de 300 unidades. Taxas a partir de 0,94% a.m., na combinação BNDES FINAME mais Financiamento Banco Volkswagen. Composição do financiamento: operação BNDES FINAME PSI 2015/01, na modalidade convencional, com entrada de 10% e saldo financiado em até 60 prestações mensais. Para micro, pequenas e médias empresas: taxa mista, sendo 70% da operação com taxa pré-fixada de 0,76% a.m. / 9,50% a.a. e 20% da operação com taxa fixa de 1,40% a.m. / 18,21% a.a. Para média

Uma marca da MAN Latin America.
www.man-la.com



Todos juntos fazem um trânsito melhor.



**SUPERVALORIZAÇÃO DO SEU
VEÍCULO USADO**

Condições imperdíveis

taxa de:

**0,94 %
a.m.**

em até 60 parcelas fixas



**Caminhões
sob medida.**

grande e grandes empresas: taxa mista sendo 50% da operação com taxa pré-fixada de 0,80% a.m. / 10% a.a. e 40% da operação com taxa fixa de 1,30% a.m. / 16,71% a.a. com carência de até 180 dias. A entrada de 10% pode ser financiada pelo Banco Volkswagen com taxa de 1,32% a.m. / 17,04% a.a. com capitalização mensal de juros. IOF e cadastro serão inclusos no cálculo das prestações. Crédito sujeito a aprovação. O plano BNDES FINAME PSI 2015/01 é financiado com recursos do BNDES, de acordo com a regulamentação em vigor. Consulte outros planos de financiamento e demais informações na Rede de Concessionárias Autorizadas de Caminhões e Ônibus Volkswagen. Ouvidoria: 0800 701 2834. SAC: 0800 770 1926. Acesso às pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800 770 1935. Imagens meramente ilustrativas.

FAZER O CERTO É A NOSSA CARA.

VENHA
TRABALHAR
NA BRF.



Caroline Dias
Gente – São Paulo



Se você quer crescer do jeito certo e acredita em um caminho sem atalhos, venha trabalhar com a gente.

A 7ª maior empresa de alimentos do mundo, presente em mais de 120 países, nos 5 continentes.

Nós somos uma das 100 empresas mais inovadoras do planeta, com 104 mil pessoas construindo o futuro juntas.

Sim, somos grandes, mas queremos ser muito mais com você.

Envie seu currículo pelo www.sonhadoresbrf.com.br

Vamos juntos realizar o sonho de uma BRF ainda maior.

VIVA BRF



brf

- 12 | **Carta ao Leitor**
- 14 | **Entrevista** Paul Dolan
- 22 | **Mailson da Nóbrega**
- 26 | **Leitor**

Dolan: "Sem dúvida, é possível criar felicidade"

PÁG. 14



KEYSTONE

Panorama

- 31 | **Imagem da Semana**
- 32 | **Datas**
- 34 | **Conversa com** Camila Carvalho
- 34 | **Números**
- 35 | **SobeDesce**
- 36 | **Radar**
- 40 | **Veja Essa**

Papa Francisco: "Maria não é uma mãe que reclama, nem uma sogra"

PÁG. 40



ILUSTRAÇÃO LÉZIO JÚNIOR

Brasil

- 42 | **Poder** O escândalo da Lava-Jato aproxima-se do Palácio do Planalto
- 50 | **As armadilhas para o juiz** Sérgio Moro
- 54 | **O impeachment e a cultura** democrática
- 56 | **Congresso** Dilma perde para Eduardo Cunha e a bancada evangélica
- 58 | **Reinaldo Azevedo**

Economia

- 60 | **Indústria** O plano do governo para reduzir as demissões

Internacional

- 62 | **China** Por que a Bolsa caiu
- 66 | **Grécia** A queda de braço com os credores

Geral

- 68 | **Gente**
- 70 | **Negócios** O homem que quase enterrou a Unimed no Rio de Janeiro

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Dilma: à beira de uma crise insustentável?

PÁG. 42



VITOR MARIGO

ISAAC LAWRENCE/AF



China: a oscilação no mercado financeiro tem baixo impacto na economia

PÁG. 62

Bugios: o resgate da fauna da Tijuca

PÁG. 80

veja.com

IMAGENS

A Grande Barreira de Corais, na costa da Austrália



FOTOS DAVID GRAY/REUTERS

O AQUECIMENTO GLOBAL DESACELEROU?

Desde 1998, o ritmo de aquecimento global diminuiu, ao mesmo tempo em que dispararam as emissões de gases de efeito estufa, em especial as do gás carbônico (CO₂). O fato intrigava a comunidade científica, até que, na semana passada, um estudo da Nasa, a agência espacial americana, revelou que a diminuição do aquecimento é apenas aparente, já que o calor da atmosfera está sendo transferido para camadas mais profundas dos oceanos. Reportagem no site de VEJA mostra quais podem ser as consequências desse processo.

PAUL A. SOUDERS/CORBIS/LATINSTOCK



INDIA NEWS

EM DEFESA DAS MULHERES

A advogada indiana **Vrinda Grover** tornou-se uma das vozes mais poderosas na luta global pelos direitos femininos. Os holofotes voltaram-se para ela há dois anos, quando manifestações contra leis arcaicas, que não protegiam as mulheres contra assédio sexual e estupro, proliferaram na Índia. "Ainda havia o conceito bárbaro de que a culpa era da mulher, não do agressor", lembra Vrinda. Ela liderou um movimento popular que mudou a lei indiana. "Houve avanços, mas muitos homens que foram às ruas para protestar contra os estupros voltam para casa e agredem a esposa", diz a advogada em entrevista ao site de VEJA.



Jogos de Toronto: servindo para pouca coisa
PÁG. 72



ERNANI DALMEIDA

A "pilhada" Amora Mautner: ousadia no horário nobre da TV PÁG. 86

- 72 | **Esporte** Os Jogos Pan-Americanos de 2015 são ofuscados por uma série de torneios mais relevantes
- 78 | **Olimpíada** O Comitê Rio 2016 se vê forçado a cortar gastos
- 80 | **Ambiente** O projeto que visa a levar novas espécies de animais à Floresta da Tijuca

Artes & Espetáculos

- 86 | **Televisão** Quem é a diretora de novelas Amora Mautner
- 90 | **Cinema** A adaptação de *Cidades de Papel*, de John Green
- 92 | **Livros** *Número Zero*, de Umberto Eco
- 94 | *Só por Hoje e para Sempre — Diário do Recomeço*, com anotações de Renato Russo
- 96 | **Veja Recomenda**
- 97 | **Os livros mais vendidos**
- 98 | **J.R. Guzzo**

■ O MALVADO FAVORITO

Caio Castro faz sucesso como o vilão Gregório, o Grego, chefe na favela lúdica da novela das 7, *I Love Paraisópolis*. O ator ganhou o público mesmo representando um miliciano que é capaz das maiores maldades e das mais singelas atitudes e vive de agiotagem, de desmanche de carros roubados e da tradicional "venda" de segurança. Castro não defende o personagem. "O Grego é um coitado", diz, em entrevista ao site de VEJA. Ele também resiste a torcer por um final feliz para a trama. "Por que tudo sempre tem de terminar bem?"

CRUCIFICADOS

A selvageria dos jihadistas do Estado Islâmico (EI) repete formas de execução e humilhação empregadas contra prisioneiros dos primórdios das civilizações. Ativistas que monitoram as atividades dos extremistas denunciaram recentemente que pessoas foram crucificadas por não ter respeitado o jejum do Ramadã. Reportagem do site de VEJA aborda a simbologia por trás da brutal condenação e o que motiva os fanáticos a retomar essas práticas.



PANDORA
UNFORGETTABLE MOMENTS

SALE

DE 08 A 29 DE JULHO*

* Ou até durarem os estoques. Consulte os produtos e lojas participantes da promoção.

www.pandorajoias.com.br

Copenhagen • London • Paris • Milan • New York
Tokyo • São Paulo • Rio de Janeiro

NUNCA
ANTES
NA HISTÓRIA
DESTE PAÍS.



F/NAZCA
SAATCHI & SAATCHI

Primeiro Grand Prix para um filme brasileiro em 62 anos de Festival de Cannes.

Se...



ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO O CONTEÚDO

Nesta semana tensa e difícil, VEJA dedica à presidente Dilma Rousseff esta tradução livre do famoso poema inspiracional *Se*, do inglês Rudyard Kipling

Se a senhora for capaz de mudar de ideia quando todo mundo ao seu redor é cabeça-dura e a culpa. Se mantiver a autoconfiança mesmo errando, mas der a devida atenção também a quem discorda. Se responder com fatos a quem, para a senhora, mente e, sentindo-se odiada, evitar a reação exagerada, e, mesmo assim, não se mostrar acima do bem e do mal.

Se não se deixar escravizar pelos sonhos da juventude ou não rejeitar, apenas porque não são suas, as boas ideias. Se tratar a popularidade e o abismo da impopularidade como impostores igualmente dedicados a iludir a plateia. Se conseguir entender que caiu nas próprias armadilhas e que esse seu tormento é fruto do ego, seu inimigo, ou se, vendo as suas convicções do passado superadas, reconstruir novas sem resquícios do credo antigo.

Se for capaz de ver seu conjunto de vitórias e reuni-lo em um vaso que, mesmo quebrado, preserve as flores, e, assim, possa começar de novo apenas com valores, e fazê-lo resignada e sem medo de perder o estilo. Se for capaz de forçar seu coração, nervos e tendões a servir sua vontade de salvar seu governo, mesmo quando tentam o contrário Mercadante, Rossetto e falcões.

Se for capaz de conversar com Stediles e não esmorecer e com sacerdotes de seitas econômicas sem emburrecer. Se nem Lula nem Cunha puderem feri-la profundamente. Se todos os brasileiros pobres dependerem da senhora, mas poucos em troca de votos e nenhum totalmente.

Se entender que a salvação não virá dos que vivem de repasses e contracheques do Leviatã obeso, mas dos brasileiros que trabalham e investem e, assim, carregam do Estado e da burocracia o peso.

Se usar a passagem implacável do tempo de modo que consiga fazer o Brasil voltar à normalidade e progredir, da senhora de novo será o poder que recebeu da urna, mas que, por ideologia e maus conselheiros, teve de dividir, e — ainda melhor — na história não deixará lacuna.

Só tem uma coisa melhor que dirigir o carro do ano: dirigir o carro do ano que vem.

O novo Audi Q3 2016 já está disponível.
Você pode ter o carro do próximo ano
com condições de 2015. Confira as opções
de motores de 150 cv, 180 cv e 220 cv.



Novo Audi Q3 2016 a partir de R\$ 119.990

Condições de financiamento em 24x com taxas de 0,99% ao mês.



Na Audi, você mantém
a garantia após a blindagem.*

Aproveite o Programa de Vendas Corporativas Audi. Saiba mais em cs@audi.com.br ou pelo telefone 0800 777 2834 (opção 3).
Para mais informações, acesse audi.com.br ou visite nossas concessionárias.



Todos juntos fazem um trânsito melhor.

Audi 
Vorsprung durch Technik

www.audi.com.br. Oferta válida nas Concessionárias Audi Autorizadas, para veículos básicos, vendidos até 31/7/2015, ou enquanto durar o estoque por modelo. Audi Q3 Attraction 1.4 - (código 8UCAXX), ano/modelo 15/16, zero-quilômetro. Estoque nacional de 10 unidades. Preço à vista a partir de R\$ 119.990,00 ou financiamento pela Audi Finance, operado pelo Banco Volkswagen, com entrada de R\$ 59.995,00 + 24 prestações mensais de R\$ 2.924,42. Primeira prestação com vencimento em até 30 dias. Taxa de juros: 0,99% a.m. e 12,55% a.a. Total da operação: R\$ 130.180,99. CET para esta operação: 16,63% a.a. Capitalização de juros mensal. IOF e cadastro inclusos no cálculo das prestações e no CET. Os custos de registro de contrato serão aplicados de acordo com o DETRAN de cada Estado ou autoridade estadual competente para a realização do registro. A critério do cliente, no caso de inclusão dos custos de registro de contrato e demais despesas decorrentes deste no financiamento, os valores deverão compor o CET e serão informados ao cliente previamente à contratação. Condições válidas apenas para venda de varejo. Crédito sujeito a aprovação. SAC: 0800 770 1926. Acesso às pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800 770 1935. Ouvidoria: 0800 701 0000. Central de Relacionamento Audi Concierge: 0800 777 2834. Imagens meramente ilustrativas.
*Consulte as parcerias e condições na rede de Concessionárias Autorizadas Audi.

A equação da felicidade

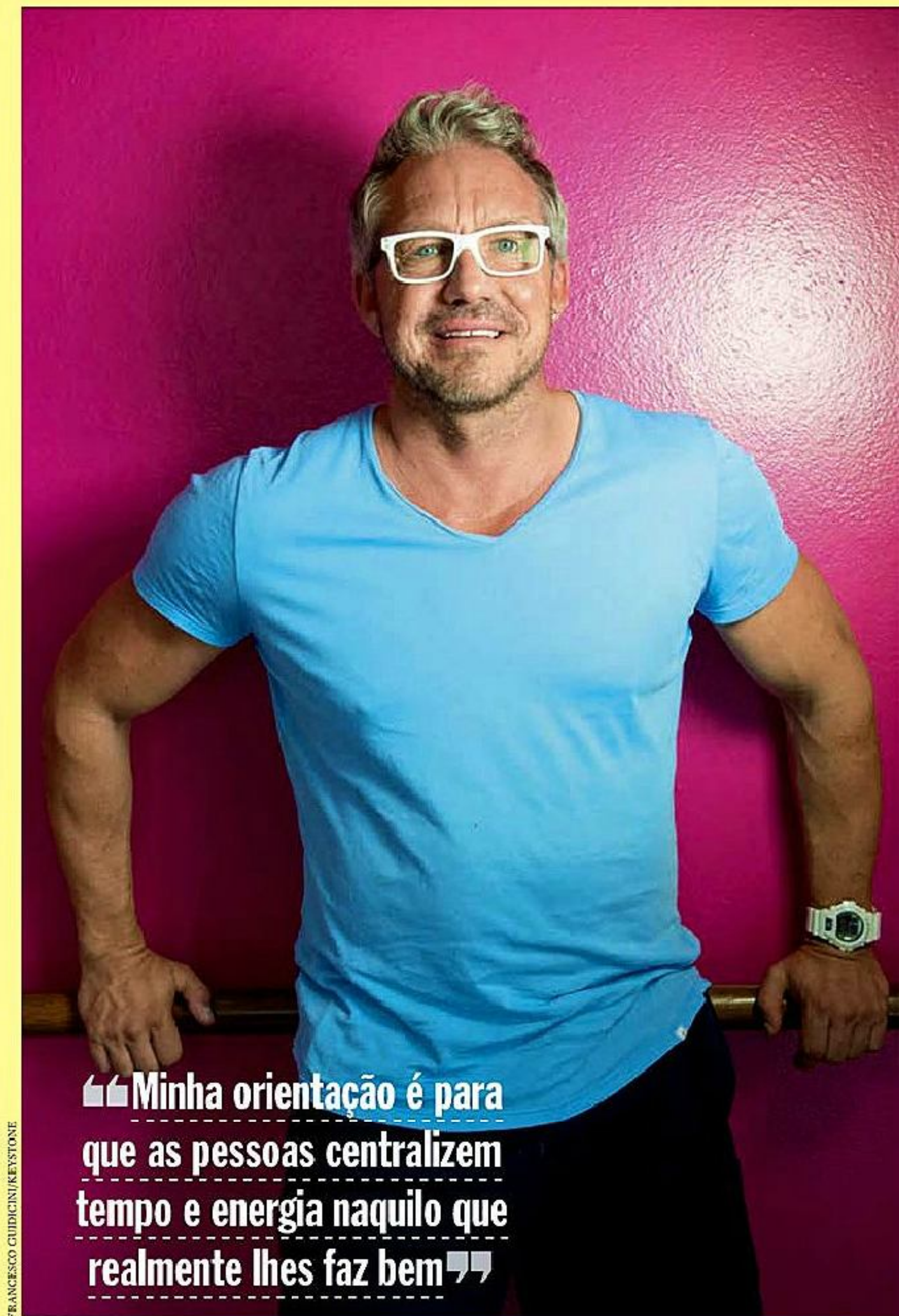
Para o economista inglês Paul Dolan, que passou os últimos dez anos pesquisando o que leva alguém a ser feliz, é fundamental unir prazer e propósito e cultivar as relações sociais

No Reino Unido, o economista londrino Paul Dolan, de 47 anos, é conhecido como guru da felicidade. Professor de ciências comportamentais na prestigiosa London School of Economics, ele passou a última década estudando o que faz com que as pessoas se sintam felizes — a convite do Nobel Daniel Kahneman, foi trabalhar na Universidade Princeton (EUA). Lá desenvolveu métodos de pesquisa para avaliar o bem-estar dos cidadãos que são usados hoje pelo governo britânico para embasar políticas públicas.

Descolado, Dolan diz, sem constrangimento, que odeia férias de mais de duas semanas, foge de festas de casamento e que seus dois filhos aplacaram um pouco o prazer que tinha na vida — mas acrescentaram um enorme senso de propósito à sua existência. Fã de exercícios físicos, o economista não deixa de ir à academia mesmo nos períodos de maior acúmulo de tarefas universitárias. Autor de *Felicidade Construída*, livro que resume seus estudos sobre o tema, ele assegura que a satisfação humana não se escreve no singular: só é feliz quem tem, principalmente, relações sociais bem estabelecidas. De Brighton, na Inglaterra, Dolan falou a VEJA.

O senhor define felicidade como a combinação de experiências de prazer com propósito ao longo do tempo. Como é possível controlar esse processo?

Eu não diria controlar, porque se trata de algo muito influenciado pelas circunstâncias. Mas, sem dúvida, é possível criar felicidade. Minha orientação para quem quer ser mais feliz é centralizar o tempo e a energia naquilo que realmente lhe faz bem. Uma vez que, por definição, a atenção que damos a uma coisa é necessariamente a que não damos a outra, é preciso racionalizá-la e distribuí-la da melhor maneira possível.



FRANCESCO GUIDICINI/KEystone

“Minha orientação é para que as pessoas centralizem tempo e energia naquilo que realmente lhes faz bem”



Imagens Ilustrativas.

Sabe qual é a marca de
PRESUNTO **S**
que começa com
termina com **A**,
tem **5** letras
e está com menos
gordura e sódio*?



*Se comparado à antiga formulação do presunto Seara.

PRESUNTO SEARA.

SAIA DO AUTOMÁTICO VOCÊ TAMBÉM.

EXPERIMENTE. A QUALIDADE VAI TE

SURPREENDER.





50% Menos Gordura*

36% Menos Sódio*



*Se comparado à antiga formulação do presunto Seara.

E onde entra o propósito? É importante considerar a dimensão temporal da felicidade. Aceitar que, em alguns momentos, precisamos abrir mão da satisfação no presente em troca de mais felicidade futura. Eis um exemplo: um casamento que não está dando certo pode ser o ponto de partida para o divórcio. Haverá dor de cabeça e tristeza a curto prazo; no entanto, ao menos no Reino Unido, as pesquisas mostram que o divórcio aumenta a felicidade dos cônjuges e dos filhos adultos. Reformar a casa ou largar o cigarro são outros bons exemplos. Os economistas têm um termo para isso: gratificação postergada. As atividades menos prazerosas do dia deveriam, pelo menos, oferecer algum propósito.

Podemos mesmo construir a própria felicidade? Boa parte de nossas ações é feita de forma automática. O insight psicológico que sugiro é parar para lembrar aquilo que lhe dá prazer no dia a dia e organizar a agenda de maneira que esses períodos se repitam com mais frequência. Essa organização precisa ser feita de forma que as coisas das quais você gosta apareçam na rotina sem que seja preciso ficar planejando constantemente. Imagine que você está construindo um parque para cachorros. É preciso definir onde pôr a área de adestramento, o gramado para que eles corram, a sombra, a água. Quem já levou o animal de estimação a um desses espaços observa que, quando ele é solto, não fica parado, sem saber aonde ir. Ele simplesmente corre porque está em um local que propicia essa liberdade. Tente montar a sua programação diária mais ou menos da mesma forma. Somos parecidos com os cães no modo de reagir a estímulos situacionais.

É possível criar felicidade mesmo em momentos de crise, como a que a Grécia está atravessando, e o Brasil, numa outra dimensão, também? Uma pesquisa feita recentemente mostra que o estado de espírito dos cidadãos é de duas a oito vezes mais sensível a depressões econômicas do que a períodos de bonança. Portanto, apesar de não ser impossível,

“**Uma crise da magnitude da grega ocupa o pensamento da população, que fica preocupada com os impostos, a desvalorização da moeda e o desemprego. Esse último pode baixar permanentemente a satisfação com a vida**”

certamente é mais difícil aumentar o bem-estar durante essa fase ruim. Mais uma vez, tem a ver com atenção. Uma crise da magnitude da grega ocupa o pensamento das pessoas. Elas estão preocupadas com o aumento dos impostos, com a desvalorização de sua moeda e, o mais importante, com o desemprego. A falta de trabalho em idade ativa exerce um grande impacto no bem-estar. O desemprego pode baixar permanentemente a satisfação com a vida.

Dinheiro, então, ao contrário do que diz o ditado popular, traz felicidade? Sabe-se hoje que a riqueza aumenta bastante a felicidade quando tira pessoas da pobreza para alçá-las à classe média. Uma vez satisfeitas as necessidades básicas, o impacto de cada dólar adicional na conta bancária diminui, porém ele nunca é nulo. Acredito que o efeito da renda sobre o bem-estar seja maior do que o descrito na literatura, porque é preciso, também, levar em conta seus efeitos indiretos. Indivíduos com mais dinheiro tendem a ter mais amigos, casam-se, são mais saudáveis. Todos esses fatores aumentam a satisfação com a vida. Por outro lado, é fácil entender por que aqueles que saem da pobreza têm o seu bem-estar dramaticamente alterado.

A pobreza ocupa muito o pensamento. As pessoas ficam o tempo todo preocupadas com a forma com que vão pagar as contas, com o emprego, com a educação precária dos filhos e até em como farão a próxima refeição.

O World Happiness Report 2015 mede a satisfação de cidadãos em 158 países. No topo, estão apenas nações desenvolvidas, como Suíça e Islândia, e, na base, somente nações pobres, como Togo e Burundi. Não é uma comprovação de que a renda é, sim, crucial para a felicidade? O World Happiness Report leva em conta uma série de indicadores, e não só os econômicos, como o PIB per capita. Considera, por exemplo, a percepção da corrupção pela população, a liberdade de escolha e a expectativa de vida. Esse tipo de estudo avalia outros pontos de vista além das particularidades de cada cidadão. Perguntar como alguém está é uma boa maneira de medir o bem-estar, mas é importante explorar outros universos se quisermos um retrato mais profundo. Acredito que, com os mecanismos de big data e estudos como esse, surjam, no futuro, outras formas de medir a felicidade, baseadas no tom de voz e na expressão facial, por exemplo.

Quais grupos de pessoas são considerados mais felizes, de acordo com as pesquisas? Os melhores dados sobre satisfação com a vida são provenientes da Alemanha e do Reino Unido. Nesses dois países, existem estudos longitudinais que, há mais de vinte anos, questionam cerca de 10 000 pessoas sobre como se sentem em relação à vida delas. Há alguns anos, fiz uma releitura de todos esses dados com dois colegas. A satisfação era mais alta para aqueles com mais dinheiro, especialmente quando comparados a pessoas de um estrato similar; para os mais saudáveis; para os que tinham mais relações sociais de qualidade; para os casados; para aqueles que tinham um emprego; e para os religiosos.

O que as pessoas que relatam uma satisfação maior para com a vida têm em comum? Principalmente relações sociais bem estabelecidas. Todo estudo, seja ele

de economia, psicologia ou medicina, chega a esse mesmo resultado. Estar perto de quem gostamos, amigos ou familiares, é especialmente prazeroso durante o lazer, mas, no ambiente de trabalho, pode significar até uma redução expressiva do risco de infarto (um estudo sueco que acompanhou mais de 3 000 trabalhadores por uma década concluiu que aqueles que tinham chefes bons, que mostravam consideração, empatia e promoviam mudanças de maneira humana, apresentavam uma probabilidade até 39% menor de sofrer infarto). Os benefícios da religião para o bem-estar provêm, em grande parte, da vida em comunidade e da rede de apoio que ela proporciona. Esta é uma boa maneira de aumentar rapidamente a felicidade: passar mais tempo com alguém de quem se gosta.

A idade influencia de alguma forma o bem-estar? Os mais jovens e os mais velhos costumam relatar maior felicidade, enquanto a faixa entre 45 e 49 anos tende a ser a pior. Pessoas desse último grupo descrevem não só um grau mais baixo de satisfação com a vida, mas também um nível mais baixo de propósito naquilo que fazem e de felicidade no dia anterior. A percepção que tenho é que esse mau humor de meia-idade está relacionado ao aumento do stress.

Alguns pesquisadores defendem a ideia da genética como decisiva para a maneira como encaramos a vida. O senhor concorda? Muito do que se passa em nosso organismo é fruto de uma predisposição genética, mas não acho interessante isolar um componente dessa forma porque é preciso considerar que ele vai interagir com o ambiente. Alguns estudos sugerem que a genética responde por 50% da nossa felicidade. Isso levou algumas pessoas a crer que temos um determinado nível de felicidade e que gravitamos em torno dele ao longo dos anos. Entretanto, esse ponto de vista não se sustenta pelas evidências. Existem ocorrências que podem reduzir permanentemente a satisfação com a vida, como o de-

“Cidadãos felizes são mais produtivos, mais saudáveis, ficam menos doentes, são mais sociáveis, ajudam mais os outros e vivem até seis anos a mais do que os infelizes. Por isso, os políticos estão cada vez mais interessados nesse assunto”

semprego e a deficiência física. Ao mesmo tempo, há outras capazes de efeitos positivos duradouros, como o casamento. A genética é fundamental, mas não podemos responsabilizá-la por tudo o que acontece conosco.

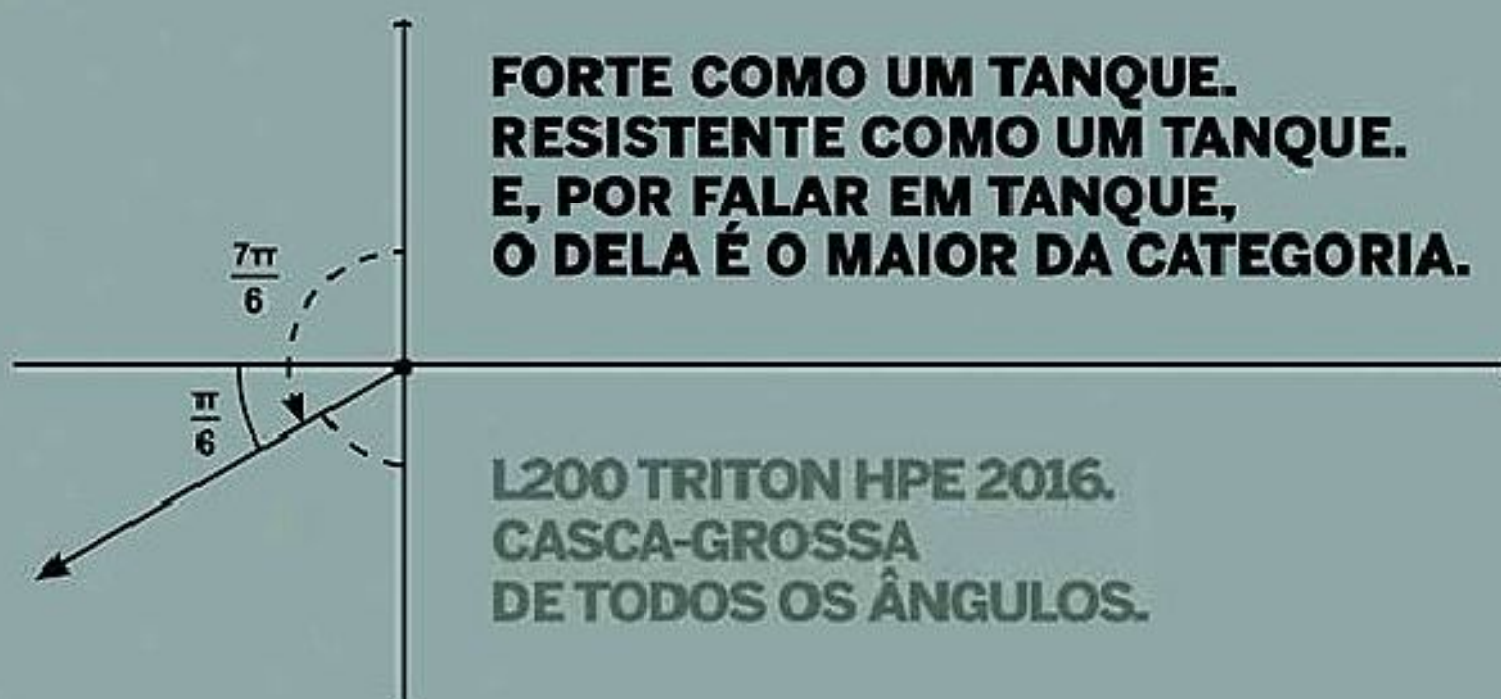
Os governos devem considerar a felicidade na hora de definir políticas públicas? Se os governos querem aumentar o bem-estar da população, precisam melhorar de alguma forma as experiências pessoais dos cidadãos. A felicidade é a consequência final de tudo o que fazemos. Quando falo sobre políticas públicas ou trabalho nesse setor, costumo substituir as palavras bem-estar ou felicidade por miséria e sofrimento. Isso porque a melhor maneira de tentar superar a experiência da população é reduzir essas duas coisas.

Quais são os benefícios da felicidade? Muitos. As pessoas felizes são mais produtivas, mais saudáveis, ficam menos doentes, são mais sociáveis, ajudam mais os outros e vivem mais. Há pesquisas que mostram que esse estado de espírito pode resultar em um aumento de até seis anos de vida. Por essa razão, os políticos também estão cada vez mais interessados no assunto.

O que o senhor destacaria como o maior obstáculo à felicidade? Há uma diferença entre o que realmente nos faz felizes no dia a dia e o discurso que construímos sobre o que deveria nos fazer felizes. As pessoas nos contam histórias de uma carreira bem-sucedida ou de como nosso parceiro ideal deveria ser, por exemplo, e nós as reproduzimos. Às vezes, vivemos pensando nessas narrativas e não prestamos atenção às experiências. É relativamente comum encontrar quem fique em um trabalho que não traz satisfação simplesmente porque os outros o acham legal e glamouroso. Passamos tempo demais preocupados com o que achamos que nos faria felizes. Precisamos nos livrar disso. Esse é o maior obstáculo.

Nos últimos anos, cada vez mais economistas têm estudado a felicidade, um tema presente nos primórdios dessa ciência mas afastado numa certa fase de sua história. Como o senhor vê essa redescoberta do assunto pela economia? De fato, o bem-estar da população já era tema de pesquisa de grandes pensadores, como Adam Smith e Thomas Malthus. Foi no século XX que ocorreu uma mudança importante na nossa área: passou-se a dar mais credibilidade ao que as pessoas faziam do que ao que falavam. A economia virou uma disciplina quase que exclusivamente preocupada com ações, e não com o discurso. Acredito que os psicólogos tenham ajudado a impulsionar esse retorno, pois, quando passaram a estudar a felicidade, boa parte de suas descobertas se baseou em relatos colhidos nos consultórios. Foi só nas últimas duas décadas que os economistas voltaram a perceber que, sim, é possível captar algo quando perguntamos às pessoas como elas se sentem. E eu diria que estamos mais confiantes nos seres humanos agora.

O que o senhor faz quando se sente triste? Escuto música. Considero-me uma pessoa de sorte, pois não sinto tristeza com frequência. Acredito que a música seja a droga mais eficaz para melhorar o humor instantaneamente. ■



**FORTE COMO UM TANQUE.
RESISTENTE COMO UM TANQUE.
E, POR FALAR EM TANQUE,
O DELA É O MAIOR DA CATEGORIA.**

**L200 TRITON HPE 2016.
CASCA-GROSSA
DE TODOS OS ÂNGULOS.**



DRIVEYOURWORLD 

Pedestre, use sua faixa.

POWERTRAIN:
MOTOR NAS OPÇÕES DIESEL
E FLEX, TRANSMISSÃO
AUTOMÁTICA COM ATÉ 15
COMBINAÇÕES⁽¹⁾ DE MARCHA E
TRAÇÃO 4X4 EASY SELECT.
⁽¹⁾Disponível apenas para a versão
HPE Diesel A/T.

**MAIOR AUTONOMIA
DA CATEGORIA:**
DESEMPENHO EM
LONGAS DISTÂNCIAS.

**SISTEMA MULTIMÍDIA
POWER TOUCH**
COM GPS INTEGRADO 3D,
EM PORTUGUÊS, CONEXÃO
BLUETOOTH®, DVD, CD, MP3
E ENTRADA USB.

SUSPENSÃO SDS:
CONFORTO, SEGURANÇA
E ESTABILIDADE.

L200TRITON.COM.BR



AFRICA

L200 TRITON. FORÇA E RESISTÊNCIA DE VERDADE.





A irresponsabilidade fiscal do Congresso

Desde a República, o Congresso demonstra irresponsabilidade fiscal e descaso com o impacto orçamentário de atos seus. Vejam-se episódios recentes de fragilização do fator previdenciário, indexação de todas as aposentadorias do INSS ao salário mínimo e aumento de até 78% para servidores do Judiciário em plena crise econômica. Mais triste, essa loucura teve o voto da oposição, em especial do PSDB.

Na República Velha (1889-1930), o Executivo só podia sancionar ou vetar todo o projeto de lei do orçamento da União. Eram comuns emendas estranhas à finalidade da peça orçamentária. Versavam sobre assuntos suscetíveis de veto caso fossem propostos via projeto de lei. Eram as “caudas orçamentárias”.

Desde a Magna Carta inglesa (1215), o orçamento esteve na origem e na força institucional dos parlamentos. Aqui, era habitualmente desmoralizado. No livro *Uma Introdução à Ciência das Finanças* (1969), Aliomar Baleeiro diz que o orçamento era usado “até para nomeações e promoções de funcionários públicos”. Servia também para dar



A irresponsabilidade tende a ser neutralizada se o sistema político dispuser de fortes e responsáveis lideranças no Executivo, no Legislativo ou em ambos. Só assim prevalecem os interesses legítimos da sociedade. Essas condições inexistem no Brasil



nome a ruas. Rui Barbosa falava em “orçamentos rabilongos”, tão grande era a cauda.

Segundo Baleeiro, “o mau costume atingiu as raias do escândalo” em 1922. O presidente Epitácio Pessoa vetou o projeto. Em 1926, a Constituição ganhou uma norma acaciana ainda em vigor. Está no artigo 165, parágrafo 8º, da Constituição de 1988, que diz: “A lei orçamentária anual não conterá dispositivo estranho à previsão da receita e à fixação da despesa”, uma ululante obviedade.

Sob a Constituição de 1946, as emendas orçamentárias proliferavam, contribuindo para expandir a despesa e para a inflação. Por isso, a Constituição do regime militar (1967) proibiu as emendas, negando a essência do Congresso. Na

Constituição de 1988, as emendas voltaram, sob certas limitações e sem a maioria dos efeitos nocivos do passado.

Uma explicação para a irresponsabilidade é o desrespeito à “restrição orçamentária”, que define as opções de consumo de um agente econômico diante do limite de sua renda. No governo, o limite é dado pela arrecadação e pela capacidade de endividamento, que também tem teto. Excesso de dívida leva à insolvência e a outras consequências desastrosas. A maioria dos parlamentares parece não crer na finitude dos recursos.

Outra explicação, mais contundente, é a ausência de conexão, aos olhos da sociedade, entre a ação do Congresso e seus efeitos. A aprovação de projeto danoso às finanças públicas mas favorável a certos grupos, como o dos aposentados, é comemorada com vivas ou o *Hino Nacional*. Se, mais tarde, sobrevêm ineficiências, inflação, recessão e desemprego, a culpa é atribuída ao Poder Executivo. Sobram, pois, incentivos à irresponsabilidade. No limite, a prevalência da racionalidade política individual pode levar ao colapso da economia.

A irresponsabilidade tende a ser neutralizada se o sistema político dispuser de fortes e responsáveis lideranças no Executivo, no Legislativo ou em ambos. Formam-se as condições para pensar o coletivo. Prevalecem os interesses legítimos e difusos da sociedade, principalmente o desenvolvimento sustentável, e não projetos individuais.

Essas condições não existem atualmente. No Executivo, as limitações de liderança da presidente da República a impedem de alcançar o duplo objetivo que se espera do chefe do governo no Brasil: aprovar sua agenda no Congresso e evitar “bolas nas costas” de leis fiscalmente ruinosas. Ela terceirizou a gestão da economia e a articulação política, mas não tem co-

mo fazer isso mesmo com sua liderança. No Congresso, os líderes privilegiam os próprios interesses. Basta ver as decisões com grave impacto fiscal e o encaminhamento, a toque de caixa, de uma reforma política errática e mal pensada.

Muitos celebraram o protagonismo do Congresso na presente legislatura. Houve quem enxergasse um arremedo de parlamentarismo, que, na verdade, é algo muito diferente. Ocorre que protagonismo sem coordenação, inclusive de partidos dotados de disciplina e sólida base programática, pode ser o caminho para o desastre.

Precisamos de um Congresso fiscalmente responsável e, o que dá no mesmo, partidos dignos do nome.

VOCÊ TEM AS IDEIAS,
O SANTANDER INCENTIVA
E TODO MUNDO
SAI GANHANDO.

PRÊMIOS SANTANDER

UNIVERSIDADES • 11ª EDIÇÃO

Aquela ideia em que você
tanto aposta pode ser
uma das que vão receber
prêmios em dinheiro,
bolsas de estudos
e mentoria. Este ano, serão
R\$ 2 milhões em prêmios.
É o jeito simples, pessoal
e justo do Santander
Universidades incentivar
talentos como você.

Inscreva seu projeto
até 17 de setembro em

santanderuniversidades.com.br



PRÊMIO
SANTANDER
EMPREENDEDORISMO



PRÊMIO
SANTANDER
UNIVERSIDADE SOLIDÁRIA



PRÊMIO
SANTANDER
CIÊNCIA E INOVAÇÃO



PRÊMIO
GUIA DO ESTUDANTE
DESTAQUES DO ANO

Imagens meramente ilustrativas. Concursos válidos de 23/6/2015 a 12/11/2015. Inscrições válidas entre 23/6/2015 e 17/9/2015. Para consultar o regulamento e obter mais informações, acesse www.santanderuniversidades.com.br.
Certificados de Autorização: Seae/MF nº 03/0245/2015, 03/0247/2015 e 03/0248/2015.

Parceiros:



Realização:



Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Eurípedes Alcântara, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente Abril Mídia: Giancarlo Civita

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor Comercial: Rogério Gabriel Comprido

Diretora de Vendas de Publicidade: Virginia Any

Diretor de Vendas para Audiência: Dimas Mietto

Diretor de Marketing: Tiago Afonso

Diretora Digital e Mobile: Sandra Carvalho

Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretor Editorial: Eurípedes Alcântara

veja

Diretor de Redações: Eurípedes Alcântara

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Lauro Jardim, Policarpo Junior e Thais Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** André Petry **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe, Okky de Souza, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Repórteres:** Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Carolina Melo, Fernanda Allegretti, Jennifer Ann Thomas, Kalleo Coura, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Raquel Beer, Renata Lucchesi, Sérgio Martins, Thais Botelho **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** **Brasília - Chefe:** Policarpo Junior **Editores:** Daniel Pereira, Rodrigo Rangel **Repórteres:** Adriano Ceolin, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin **Recife Pieter Attema** **Zalis Rio de Janeiro - Chefe:** Monica Weinberg **Repórteres:** Cecilia Ritto, Leslie Leitão **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Beatriz Semprini, Bruna Marin Assunção Ferreira, Felipe Machado de Souza, Gabriel Gama, Mariana Santos Silva **Diretor de Arte:** Rafael de Almeida Costa **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Ismael Carmino Canosa **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editor Visual:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** André Luis Chagas, Daniel Marucci, Douglas Bressar, Geraldo de Moura Filho, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Marcos Vinicius Rodrigues, Mario José Carvalho, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Alexandre Akermann, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** **Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caetano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Maurício Bevilacqua, Patricia Villas Boas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise Rocha Costa, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Heloisa Arraes, Jenifer Ianof, Lygia Roncel Ferreira, Otacilio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Moraes Motta, Lincoln Franz Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Alburquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor:** **Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Geraldo Samor, Lya Luft, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Ricardo Setti e Roberto Pompeu de Toledo **VEJA.COM - Diretor de Redação:** Carlos Graieb **Editores:** Katia Perin (chefe), Ana Clara Costa, Carolina da Gama Farina, Daniel Jelin, Ivan Marcelo Pacheco, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Braga Norte, Rita de Cassia de Lóiola, Vitor Pamplona **Repórteres:** Daniela Macedo dos Santos, Eduardo Gonçalves, Felipe Frazão de Queiroz, Guilherme Amado, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, Luis Filipe Silveira Lima, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Meire Akemi Kusumoto, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Heleias, Rodrigo Antonio, Virginia Alzueta Falanghe **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Analista SEO:** Adriano Ramos de Oliveira **Webmaster:** Carlos Eduardo Jorge **Webdesigners:** Andre Fuentes, Siclei Sobral **Infografista:** Adriano Pádua **Pidone Sucursais:** **Brasília Repórteres:** Gabriel Castro, Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Rio de Janeiro - Repórter:** Thiago Prado **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters
www.veja.com

VENDAS DE PUBLICIDADE – Andrea Veiga (RJ), Alex Stevens (Internacional), Ana Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Pessoa (Financeiro), Jacques Ricardo (Regional), Raquel Jenaga (Saúde, Esporte e Educação), Selma Souto (Bens de Consumo), William Hagopian (Transporte e Mobilidade) **VENDAS PARA AUDIÊNCIA** – Adailton Granado (Processos), Cinthia Obrecht (Circulação Exante/Femininas), Daniela Vada (Atendimento ao Assinante), Ícaro Freitas (Circulação Veja/Lifestyle), Luci Silva (Marketing Direto e Relacionamento), Marcos Tullio Arabe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas em Rede e Trade) **MARKETING** – Andrea Abelleira (Veja), Andrea Costa (Pesquisa de Mercado), César Almeida (Lifestyle), Carolina Bertelli (Femininas), Keila Arciprete (Exame), Márcia Asano (Abril Big Data), Ricardo Packness (Marketing e Eventos) **DIGITAL E MOBILE** – Adriana Bortolotto (Métricas), Ailton Lopes (Tendências), Marcos Franceschini (Implementação de Tendências), Rodrigo Martins (Redes Sociais)

APOIO – ABRIL BRANDED CONTENT – Dagmar Serpa, Kátia Milletto, Matthew Shirts, Patricia Hargreaves, Thiago Araújo **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** – Edilson Soares (Receitas), José Paulo Rando (Marketing e Conteúdo) **DEDOC ABRIL PRESS** – Elenice Ferrari **RECURSOS HUMANOS** – Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios), Marizete Ambram, Michelle Costa, Regina Cordeiro (Consultoria Interna), Ana Kohl (Saúde e Serviços)

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2434 (ISSN 0100-7122), ano 48/nº 28. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. Edições anteriores: Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornalista. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

"VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL. A yearly subscription abroad costs US\$ 454,59, except for Europe, where the subscription costs US\$ 334,34. To subscribe, visit our website: www.assineabril.com.br and click on "Assinatura Internacional".

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC

FIPP

ANER

SIP



Abril MÍDIA S.A.

Presidente: Giancarlo Civita

Diretor-Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa

Diretor de Finanças: Fábio Petrossi Gallo

Diretora Jurídica: Mariana Macia

Diretora de Recursos Humanos: Cláudia Ribeiro

Diretor de TI e Serviços Compartilhados: Claudio Prado

www.abril.com.br

veja

Às Suas Ordens

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

● Ligue grátis: 0800-7752828

● Grande São Paulo:

(11) 3347-2121

De segunda a sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote

assinatura corporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com

● Ligue grátis: 0800-7752112

● Grande São Paulo:

(11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoaopassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:

www.abrilconteudo.com.br

ou ligue para: (11) 3990-1381.

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

<http://www.veja.com>



TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Novos antitranspirantes comprimidos

Rendem igual com menos embalagem



Nossa tecnologia permite a mesma eficácia em latas menores.
Use como de costume e renderá tanto quanto antes ou devolveremos seu dinheiro.

✓
Rexona

Dove




Provas de Ricardo Pessoa

Com a admirável reportagem “Os arquivos do delator” (8 de julho), sobre as provas nas delações do empreiteiro Ricardo Pessoa, não há mais como duvidar do envolvimento de atores encastelados no poder. Se ainda existir algum resquício de seriedade no Brasil, chegou a hora de prová-lo, condenando na forma da lei todos os envolvidos no megasquema de corrupção na Petrobras. E, para que tal roubalheira não se repita, deveremos nos convencer de uma vez por todas das vantagens de um severo plano de privatização das estatais brasileiras.

EDSON GUERREIRO DOS REIS

Belém, PA

A maior contribuição que os empreiteiros envolvidos no escândalo do petróleo podem dar ao Brasil é confirmar tudo aquilo que já sabemos, com o nome dos envolvidos que formam a cúpula desta quadrilha sem-vergonha que aniquila com desvios, fraudes e incompetência a educação, a segurança, a saúde, o transporte e, principalmente, a moral dos brasileiros. Façam isso pelo nosso país, senhores empreiteiros. Passem para a história e salvem o Brasil. Agora vocês podem discordar dos quadrilheiros. Não percam a oportunidade.

HENRIQUE GOLDSTEIN

São Paulo, SP

“Todos os que se locupletaram do dinheiro público são partícipes do submundo do crime. Portanto, cadeia neles! Esse é o anseio da sociedade.”

RENATO MENDES PRESTES

Águas Claras, DF

Quanta tristeza! No arquivo do delator, publicado por VEJA, a gente observa a desgraça dos governos petistas contra a nossa pobre e sofrida população. Comecei a contar, iniciando pelo chefe Luiz Inácio Lula da Silva. Em seguida, o Mercadante, o delator, o tesoureiro, o Dirceu, o Adir Assad... Cansei! A coisa é mais séria do que muita gente pensa. O Brasil caminha em alta velocidade para o fundo do poço. Ai, se essa turma continuar...

OSÉAS FERNANDES

Cachoeiro de Itapemirim, ES

Praticamente todos os nomes envolvidos no escândalo do petróleo vieram à tona,

assim como o *modus operandi* que manteve a engrenagem corrupta funcionando por mais de doze anos. Neste momento, tentar desqualificar o instituto da delação premiada comparando-o com instrumentos utilizados na época da ditadura é uma demonstração inequívoca de desespero e falta de conhecimento da realidade pela qual passa o Brasil. Os fatos são extremamente teimosos.

MARCOS A.L. SANTANA

Palmas (TO), via smartphone

Francisco Dornelles

Excelente e oportuna a entrevista “Lula perdeu as ruas” (8 de julho), com o vice-governador do Rio de Janeiro, Francisco Dornelles (PP-RJ). Ele criticou a mudança do regime de exploração de petróleo, de concessão para partilha, e mostrou-se certo ao classificar tal medida como equivalente a “quase reestatizar a exploração”. Esse foi, talvez, um dos erros mais graves do governo do PT, ainda sob o comando de Lula. A mudança do regime de exploração não prejudicou apenas a Petrobras como empresa, mas o país como um todo, uma vez que pôs em dúvida, em escala global, a segurança jurídica de investir no Brasil, além de deixar claro para os investidores o viés estatizante do governo.

CARLOS NICOLAU CONTE

Rio de Janeiro, RJ

Provas O dono da construtora UTC, Ricardo Pessoa (foto), entregou à Justiça dezenas de planilhas e manuscritos que constituem um inventário do megasquema de corrupção na Petrobras que unia governo, políticos e empreiteiros



Neil deGrasse Tyson

Esclarecedora e inspiradora a entrevista com o astrofísico americano Neil deGrasse Tyson ("A busca pela origem de tudo", 8 de julho). Estou indo para os 70 anos e foi a primeira vez que vi expostas todas as minhas dúvidas sobre a existência de Deus e seu "papel" na civilização, a função da ciência e sua relação com os cidadãos e o poder do estímulo à busca das origens de tudo o que existe. Foi uma leitura "aliviadora" da minha sensação de incapacidade e solidão com pensamentos e conjecturas, que até aqui não haviam sido esclarecidos por nenhum meio entre os que tenho buscado. Depois dessa leitura, vejo que não estou sozinha nos meus questionamentos existenciais.

MARIA INEZ D'ABREU E SOUZA
Rio de Janeiro, RJ

O senhor Tyson, coitado, não percebe que Deus é simplesmente amor. Deus é como um pai que, apesar de amar muito o seu filho, não impede que ele venha a ter problemas na vida. Mesmo assim, o filho tem uma certeza: toda vez que precisar do pai, poderá contar com ele — nem sempre para resolver os seus problemas, mas sempre para mitigar a sua dor.

HERBERT ELOY RAMÍREZ CLAVIJO
Salvador, BA

O astrofísico Carl Sagan e seu discípulo doutor Tyson, ao contrário das correntes que há milênios "policiam pensamentos" para existir, nos oferecem elementos de razão — com a delicadeza dos verdadeiros cientistas — para libertar a mente humana das crenças ilusórias que tanto retardam a caminhada evolutiva da humanidade.

LUIZ BARBOZA NETO
Florianópolis, SC

Lya Luft

No artigo "A vida surreal" (8 de julho), a escritora Lya Luft nos presenteia com uma análise lúcida e realista sobre o Brasil. Tenho a resposta às suas perguntas: acorda, gigante adormecido; acorda, Brasil!

FELÍCIA NOBUKO MATSUDA KATO
Londrina, PR

A roubalheira da era PT, os desmandos e a insensatez de quase todos os políticos, principalmente dos presidentes da Câ-

mara e do Senado, nos envergonham. Não tenho visto políticos pensando no bem do povo brasileiro trabalhador; eles só têm tentado piorar a situação do governo, desgastando-o e apostando no quanto pior melhor. Sempre fui antipequista, mas quero que o meu país melhore. Não tenho partido político, sou brasileira com muito orgulho e sinto tristeza com o que acontece aqui.

MARILUCIA P. BASTOS
Conselheiro Pena (MG), via tablet

Sonhos

A reportagem "O remédio é sonhar" (8 de julho) é de uma beleza ímpar, com redação soberba, apreciações serenas e muito elucidativa. Nada é tão real, num momento em que os sonhos dos brasileiros se perdem como névoa ao sol.

GERALDO ANGELINO
Belo Horizonte, MG

Sempre sonhei muito. Quando acordo à noite, procuro lembrar o que estava sonhando. Se eu fico uma noite sem sonhar, acordo cansada como se não tivesse dormido bem. Esse assunto não se esgota, pois é muito gostoso e interessante.

MÔNICA DELFRARO DAVID
Campinas, SP

Gostei muito da reportagem especial "O remédio é sonhar", mas poderia também ter havido referência ao psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). O estudo que o americano Roc Morin conduz atualmente já era feito no século passado por Jung, que viajou e conheceu a cultura de povos de diversas regiões. Jung questionava sempre o que as pessoas sonhavam. Além de menção à grande semelhança dos estudos, poderia ter sido ressaltado que Jung trouxe contribuições para a interpretação dos sonhos e sobre a influência da cultura e dos acontecimentos cotidianos, bem como os tipos de sonho (compensatórios e premonitórios) citados na reportagem.

LARISSA RODRIGUES
Salto, SP

Roberto Pompeu de Toledo

Ode à vida! Assim descrevo o sentimento que tive ao ler o artigo "O escritor e a casa" (8 de julho), de Roberto Pompeu de Toledo. Por ser admiradora de Mário de Andrade, de sua vida e sua obra, vi da janela da Lopes Chaves o amor à vida que Mário de Andrade transcrevia em suas páginas. Pura balada de amor, Toledo. Obrigada.

VITÓRIA DENGK
Curitiba (PR), via smartphone

Ao projetar sua casa como uma continuidade de si mesmo, Mário de Andrade atribui a ela um status majestoso, quicá um adorno de boas energias. Um reduto de amabilidade tradutor de seus melhores momentos de vida. Tal extensão de si foi tanta que, mesmo após setenta anos de sua partida, seu local, sua Lopes Chaves e seus objetos continuam garantindo o encantamento de suas obras, de seu cotidiano e de seus pensamentos. É a permanente presença de um Mário ausente apenas em corpo, porém, sempre bem-vindo perante todas as gerações. É um Mário humano, representativo e tão à flor da pele que o torna imortal.

MARIANA PEDRINI MESSA
Londrina, PR

Rap

Hoje, o rap é um estilo musical popular no Brasil, destacado nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mas uma curiosidade a ressaltar é que muitos apostam que os repentistas nordestinos seriam os precursores do estilo no país. Adorei o quadro "Raio X da rapa", da reportagem "A elite do rap" (8 de julho), que mostra que o rap está crescendo. Entre seus ouvintes há jovens e também muitos adultos acima dos 30 anos. Sempre fui apaixonada por rappers dos Estados Unidos como Jay-Z e Lil Wayne, que utilizam inteligentemente o pop em suas músicas — coisa que rappers brasileiros aprenderam, e hoje fazem sucesso, como o Projota e a mais nova rapper cheia de estilo Karol Conka.

JÚLIA CORREIA
Salvador (BA), via smartphone

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação, VEJA** — Caixa Postal 11079 — CEP 05422-970 — São Paulo — SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.



Innovation
that excites

ADRIANA ARAÚJO,
a primeira boxeadora
brasileira a ganhar
uma medalha olímpica,
atleta do Time Nissan.



**FORÇA DO
ATREVIMENTO**

**É O QUE FAZ VOCÊ ENFRENTAR
QUALQUER OBSTÁCULO.**



PATROCINADOR OFICIAL

LEWTA0ALTBWA



Todos juntos fazem um trânsito melhor.

QUEM SE ATREVE VAI ALÉM.

#QuemSeAtreve

**A AJUDA QUE NOSSO
ORGANISMO PRECISA
PARA SE FORTALECER**



**SIDNEY
OLIVEIRA**

Quando nosso sistema imunológico está fortalecido, os riscos de doenças diminuem. Os Suplementos, Vitaminas e Minerais da Linha Sidney Oliveira contribuem para reforçar as defesas do organismo e aumentar nossa resistência.

A Maior Linha de Suplementos, Vitaminas e Minerais do Brasil

ultrafarma.com.br - 11 5591-1466

un
ultranutrientes
VIVER PARA MUITO PARA VIVER
Fabricados sob licença da ULTRANUTRIENTES USA LLC



veja 15 DE JULHO DE 2015 Panorama

Imagem da Semana

Datas ■ Conversa ■ Números ■ SobeDesce ■ Radar ■ Veja Essa



OSSEVATORE ROMANO/REUTERS

Antes fosse coca

Apesar da própria retórica anticapitalista, o papa torceu o nariz para o presente de Evo

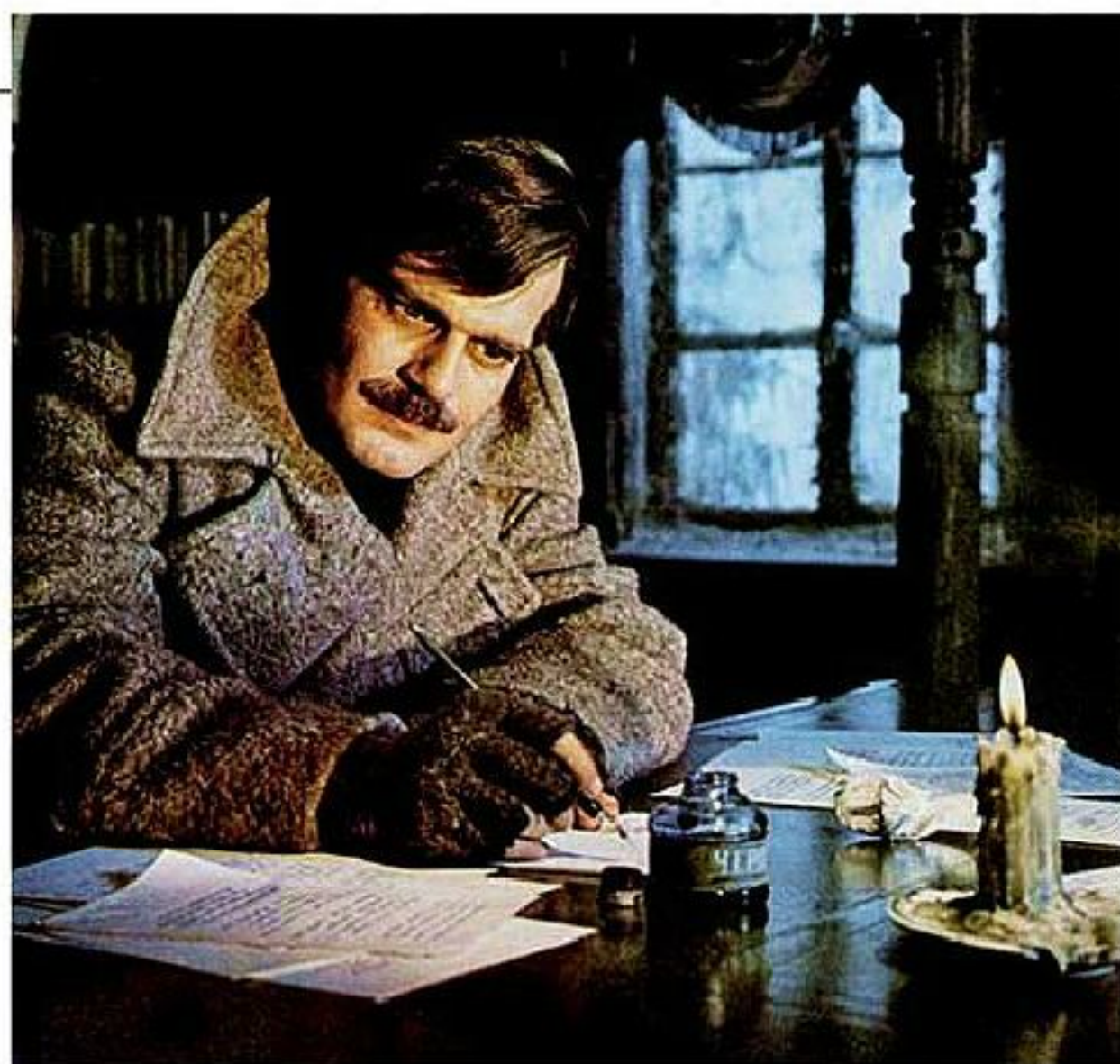
■ O papa Francisco sabe como funciona a cabeça de um populista latino-americano. Quando ainda era arcebispo de Buenos Aires, ele identificava-se com o peronismo e, nos últimos anos, viveu às turras com a vertente kirchnerista dessa linhagem política hegemônica da Argentina. Por isso, dava-se como certo que ele seria capaz de desviar-se com graça das armadilhas ideológicas que os bo-

livarianos Rafael Correa, do Equador, e Evo Morales, da Bolívia, tentariam pôr em seu caminho durante a visita de oito dias que incluiria também o Paraguai. Correa bem que tentou, mas o papa lhe lançou uma crítica às “ditaduras, ideologias ou sectarismos”. Morales deu ao pontífice uma bolsa com folhas de coca, planta da qual se extrai a cocaína, mas que, *in natura*, para infusão ou

para mastigar, é um estimulante tão inofensivo quanto o café ou uma latinha de energético. Mas o cocaleiro fez pior. Presenteou Francisco com um Jesus Cristo pregado ao martelo e à foice, símbolos dos regimes que perseguiram milhões de cristãos no século XX e que ainda o fazem em países como Coreia do Norte e China. Francisco disse, na própria Bolívia, que, “quando o capital se converte em ídolo, arruína a sociedade”, mas o papa não é, nem pode ser, comunista. Bergoglio sempre refutou a Teologia da Libertação, ainda que, na sema-

na passada, tenha rezado no local onde foi abandonado o corpo do padre Luis Espinal, um teórico desse movimento esquerdista, assassinado a mando de um ditador boliviano em 1980. Evo explicou que o crucifixo era uma criação de Espinal. “Eu não sabia”, teria murmurado o papa diante da peça. “Isso não está certo”, teria reclamado ele, segundo outra versão. Francisco pretende-se um crítico pós-marxista do capitalismo, o que explica por que foi tão indigesto o presente de Evo. Antes fossem mais folhas de coca. ■

DIOGO SCHELP



Omar Sharif
Como protagonista de *Doutor Jivago* (1965), o ator egípcio ganhou o Globo de Ouro

EVERETT COLLECTION/KEystone BRASIL



Jerry Weintraub
Produtor americano de cinema, também trabalhou em shows de Sinatra e Elvis

RICHARD SHOTWELL/INVISION/AP

Morreram

Omar Sharif, ator egípcio celebrado por sua atuação em *Doutor Jivago* (1965) e *Lawrence da Arábia* (1962). Fluente em cinco idiomas, já havia participado de uma série de filmes em seu país antes de receber o convite de David Lean para fazer o papel do guerreiro árabe Sherif Ali, em *Lawrence*. A atuação rendeu a Sharif uma indicação ao Oscar de melhor ator coadjuvante e um Globo de Ouro na mesma categoria. Três anos depois, como protagonista de *Doutor Jivago*, também dirigido por Lean, ganhou outro Globo de Ouro. Nascido em Alexandria, em uma família católica, foi batizado como Michel Shalhoub. Mudou de nome quando se converteu ao islamismo. A década de 60 foi especialmente profícua para ele, que, entre outras produções, esteve em *Funny Girl: A Garota Genial* (1968), com Barbra Streisand, e *Causa Perdida* (1969). Entusiasta de bridge,

escreveu dois livros sobre o jogo e chegou a ter uma coluna a respeito do assunto, publicada em diferentes jornais. Seu último filme foi o francês *Rock the Casbah* (2013). O ator sofria de Alzheimer. Dia 10, aos 83 anos, de infarto, no Cairo.

Jerry Weintraub, produtor americano que se tornou famoso por seu trabalho em *Nashville* (1975), *Karatê Kid* (1984) e *Onze Homens e Um Segredo* (2001). Antes do cinema, despontou na área musical, produzindo shows de Frank Sinatra, Elvis Presley e Bob Dylan. Tornou-se um autêntico mito no meio artístico graças ao seu charme, à sua influência política — era amigo de George Bush — e, claro, aos sucessos que acumulou ao longo da carreira. Jerome Charles Weintraub — esse era seu nome completo — nasceu em uma comunidade judaica do Brooklyn. Conhecido por florescer os fatos de sua vida,

dizia haver herdado tal característica do pai, joalheiro. Ganhou três prêmios Emmy. O mais recente deles pelo documentário *Years of Living Dangerously* (2014). Sua despedida acabou acontecendo com um novo *Tarzan*, que tem lançamento previsto para 2016. Dia 6, aos 77 anos, de insuficiência cardíaca, em Santa Barbara, Califórnia.

Juli Soler, restaurateur espanhol que reinventou o El Bulli e o transformou em uma referência mundial da gastronomia. Nascido em Barcelona, foi contratado como gerente do então chamado Hacienda El Bulli no início dos anos 80. Em 1984, apostou no talento do jovem Ferran Adrià quando o chef principal da casa, Jean-Paul Vinay, pediu demissão. A parceria Soler-Adrià deu tão certo que em 1990 a dupla comprou o estabelecimento. Com uma cozinha criativa, o El Bulli passou a acumular prêmios e a influenciar

a culinária dentro e fora da Europa. Fã dos Rolling Stones, Soler chegou a ter uma loja de discos na década de 70. Sua última função foi como administrador da Fundação El Bulli, criada após o encerramento das atividades do restaurante, em 2011. Desde 2012 estava afastado do cargo, por motivos de saúde. Dia 6, aos 66 anos, de uma doença neurológica degenerativa, em Rubí, na província de Barcelona.

Amanda Peterson, atriz americana conhecida pela participação na comédia romântica *Namorada de Aluguel* (1987). Sua trajetória artística começou cedo: aos 9 anos, a menina de Greeley, Colorado, integrou o elenco da adaptação do musical *Annie* dirigida por John Huston. Abandonou a carreira em 1994. No dia 5, o corpo da atriz, de 43 anos, foi encontrado em sua casa, na cidade onde nasceu. A causa da morte não foi confirmada. ■



Nestlé
Faz Bem



Cada vez que você prepara
Nutren®, você se prepara
pra viver tudo o que a vida tem.

Chegou Nutren® Senior, o suplemento da Nestlé com ACT-3,
uma combinação única de **Cálcio, Proteína e Vitamina D.**

Peça sua amostra grátis:
nutren.com.br

A melhor fase
da vida é agora.



NÃO CONTÉM GLÚTEN

O jeito novo de conhecer a vizinha

O Tem Açúcar? é o primeiro site de empréstimos entre vizinhos. Com 50 000 usuários no país, ele conecta pessoas que precisam, vá lá, de uma batedeira a outras, do bairro, dispostas a ceder a sua. E, claro, a conhecer gente

É mais fácil pedir algo emprestado a amigos do que a desconhecidos. Usar o site não é um jeitinho camuflado de conhecer gente nova? Amigos podem morar longe, e até chegar a eles acabamos comprando o objeto. Mas, sim, o site ajuda a conectar pessoas. Quase toda semana há usuários convidando outros para correr ou tomar um café.

Pode ser perigoso uma mulher pegar algo na casa de um homem de quem ela nunca ouviu falar. Que nível de proteção vocês oferecem? Temos um campo de avaliação dos clientes. Mas o tipo de perigo

que o nosso site pode oferecer é o mesmo dos sites de relacionamentos, como o Tinder, por exemplo. Trata-se sempre de desconhecidos.

Que pedido virou moda agora? Aumentaram as solicitações de bicicleta e de ajuda para fazer horta dentro de casa.

Alguma solicitação muito exótica? Uma pessoa pediu uma carminhonete velha e um pé de cabra. Dois usuários ficaram aterrorizados, achando que ela queria fazer um assalto. Fui atrás e descobri que a pessoa estava trabalhando em um filme de terror.

ERNANI DALMEIDA

■ Números

7 nanômetros, um décimo de milésimo da espessura de um fio de cabelo, mede um novo transistor desenvolvido pela IBM. É a metade do menor existente até agora

4 vezes mais potentes que os atuais serão os processadores que utilizarem a nova tecnologia, já que um único chip poderá ter até 20 bilhões de transistores

20 vezes já diminuíram de tamanho os transistores nos últimos quinze anos. Trata-se de uma nova confirmação da Lei de Moore, segundo a qual o poder de processamento dos computadores dobra a cada dezoito meses



ROYALTY FREE

DIZ A CRIADORA "Se eu tenho, por que não emprestar?"

O que já vetou? Maconha e remédios.

Há casos de roubo? Nenhum. O site tem seis meses e está em todo o país.

Ganha dinheiro com ele? Investi cerca de 35 000 reais, mas ainda não tive retorno. Penso em trazer anúncios de empresas que trabalham com o conceito de sustentabilidade e abrir contas em que as pessoas paguem para criar comunidades fechadas do prédio ou do trabalho.

Há endereços semelhantes, fora do país, que já lucram. Por quê? Tem um, em Amsterdã, que teve um aporte de 4 milhões de dólares de um investidor. Lá fora, a Justiça funciona, e ninguém pensa já de saída que vai ser roubado com um site assim.

S O B E

▲ Cesáreas

A ANS voltou atrás e os planos de saúde poderão cobrir os custos da cirurgia para mulheres que quiserem dar à luz dessa forma

▲ Muro

O Parlamento da Hungria aprovou a construção de uma barreira de 175 quilômetros de extensão na fronteira com a Sérvia para conter a imigração ilegal

▲ Faceglória

Com o botão "amém" no lugar do "curtir", a rede social que proíbe agressões e palavrões, criada por evangélicos brasileiros, já arrebanhou 100 000 adeptos

D E S C E

Universidades brasileiras ▼

Com exceção da Unesp, todas as grandes caíram no ranking que avalia as melhores instituições dos Brics

Nota Fiscal Paulista ▼

Para enfrentar a queda na arrecadação, o governo de São Paulo adiou por seis meses a liberação dos créditos e encolheu o valor das recompensas

Acordo nuclear ▼

As negociações com o Irã, que pareciam próximas de um desfecho, foram adiadas mais uma vez, depois que os aiatolás puseram novas exigências na mesa

Tão bom quanto ler é poder confiar.



■ PETROBRAS

Já vai tarde

O martelo já foi batido: Luis Lima Filho, diretor da rede de postos da BR e da cota de **Fernando Collor** na estatal, não chega ao fim da próxima semana no cargo. Já não era sem tempo: segundo disse Ricardo Pessoa em sua delação premiada, o nobre senador alagoano foi beneficiado com uma comissão de 20 milhões de reais num contrato fechado entre a UTC e outro diretor da BR, indicado por ele.

■ CONGRESSO

Mais dor de cabeça

Se até quarta-feira Renan Calheiros não instalar a CPI dos Fundos de Pensão, as oposições vão entrar com um recurso no STF. O prazo regimental



ALTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

para que a CPI comece a funcionar já expirou.

■ PSDB

Sonho tucano

O PSDB — Aécio Neves e FHC à frente — não admitirá publicamente, mas sonha com o seguinte cenário: o TSE cassa a chapa Dilma/Temer e, em vez de empossar o segundo colocado, convoca novas eleições. A cúpula tucana avalia que a necessária legitimidade só viria com um novo pleito.

CRISTIANO MARIZ



■ GOVERNO

Não conte com ela

Um ex-ministro de Dilma Rousseff aconselhou na semana passada um afoito banqueiro que já fazia planos do pós-Dilma: “Só não conte com ela. A Dilma vai resistir até o fim”.

Gente apressada

A propósito, algumas alas do PMDB — também afoitas — já discutem como seria o ministério de Michel Temer.

Menos um Collor: vai perder sua boquinha na BR Distribuidora

■ ECONOMIA

Forte demais

O clima está meio azedo no Palácio do Planalto em relação a Joaquim Levy. Aloizio Mercadante acha que Levy tem de afrouxar o ajuste porque a depressão da economia está indo longe demais.

A guerra continua

O espólio de Valentim dos Santos Diniz, fundador do Pão de Açúcar, acaba de ganhar na Justiça o direito de retomar parte da emblemática loja onde funciona o primeiro supermercado da rede. A loja está localizada

vivo

Quando alguém liga,
você se desliga do trânsito?

usar bem

A Vivo acredita que a conexão é muito importante, mas ela não pode ser mais importante do que a sua segurança.

Ladeira abaixo

Não é novidade que a popularidade de **Dilma Rousseff** na Câmara não é lá essas coisas — as sucessivas derrotas na votação de projetos do seu interesse reforçam a percepção. O problema para Dilma é que sua rejeição entre os deputados não para de crescer. De acordo com uma pesquisa inédita da consultoria Arko Advice, feita há duas semanas com 100 deputados de 23 partidos, 68% dos entrevistados desaprovam o modo como Dilma governa. É o mais alto percentual desde o início do ano, quando a Arko iniciou o levantamento mensal. Entre junho e julho, subiu de 46% para 55% o índice dos que consideram a política econômica ruim ou péssima. Novamente, o pior resultado registrado na série histórica. Mais: de zero a 10, os parlamentares cravaram 3 como a nota para o seu governo — a mais baixa de 2015.

Sem apoio *Dilma: sua relação com a Câmara, que já era ruim, piorou*

ao lado da sede do Grupo Pão de Açúcar (GPA), controlado pelo grupo francês Casino. O GPA quer a renovação do aluguel, mas o espólio já pediu o imóvel de volta para desenvolver um projeto imobiliário.

Dez anos atrás

Em dólar, o Ibovespa voltou ao patamar de 2005.

Em queda 1

As companhias aéreas registraram uma queda de cerca de 40% nos assentos vendidos nos voos domésticos no segmento corporativo neste semes-

tre em comparação com o mesmo período do ano passado.

Em queda 2

Seis das doze maiores construtoras de imóveis do Brasil não fizeram lançamentos neste primeiro semestre.

Em queda 3

Por falta de demanda, a Petrobras exportou 50 000 litros de gasolina há quinze dias. A última exportação desse porte se deu em 2011.

Céu azul *Neymar: com seu próprio jatinho*

Da Ambev para a Coca

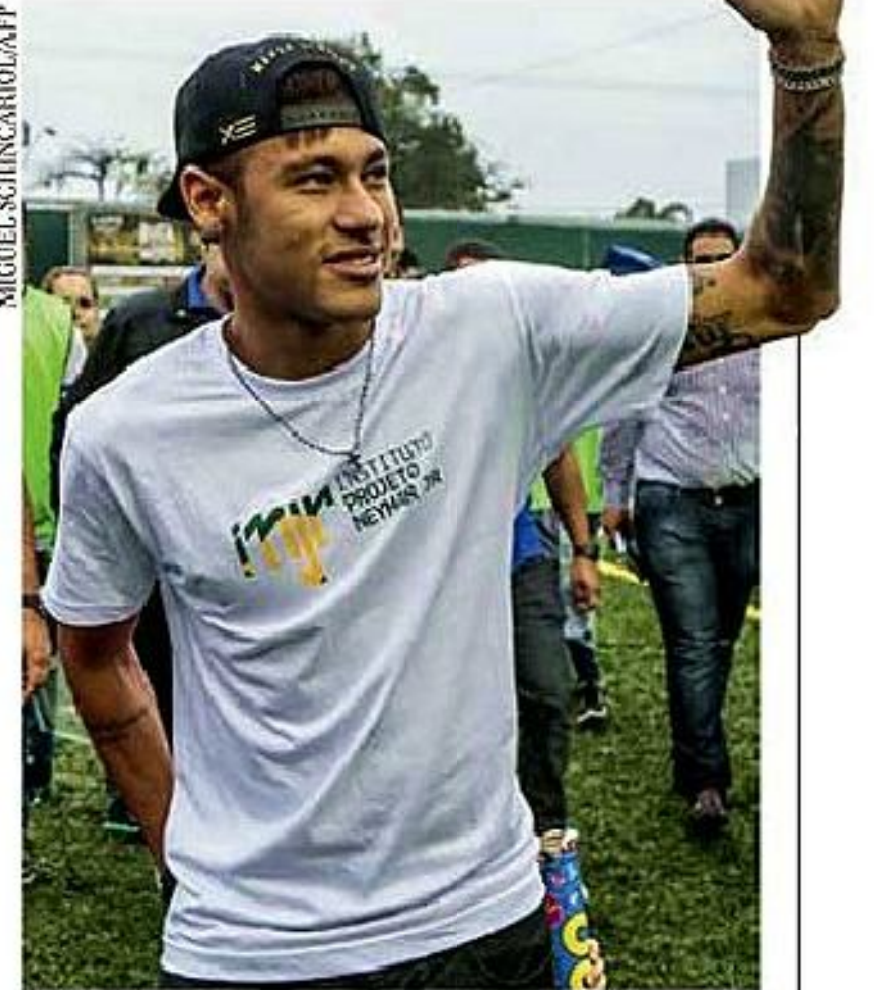
A Coca-Cola vai passar a distribuir no Brasil o energético Monster, que hoje pertence à linha de produtos da Ambev. Motivo: a Coca comprou nos EUA parte da fabricante do produto.

■ FUTEBOL

Nos ares

Neymar acaba de comprar um Citation, ano 2010. Pelo jatinho, que pertencia a Arezzo, pagou 12 milhões de dólares.

MIGUEL SCHINCARIOL/APF



Acesse usarbempegabem.com.br

pegabem

vivo Conectados vivemos melhor.

DM9

— Chegou Vigor Grego —

Sem Adição de Açúcares.

Combine do seu jeito.



Ultracremoso,

ultragostoso como o Vigor Grego tradicional que você conhece.

Experimente.

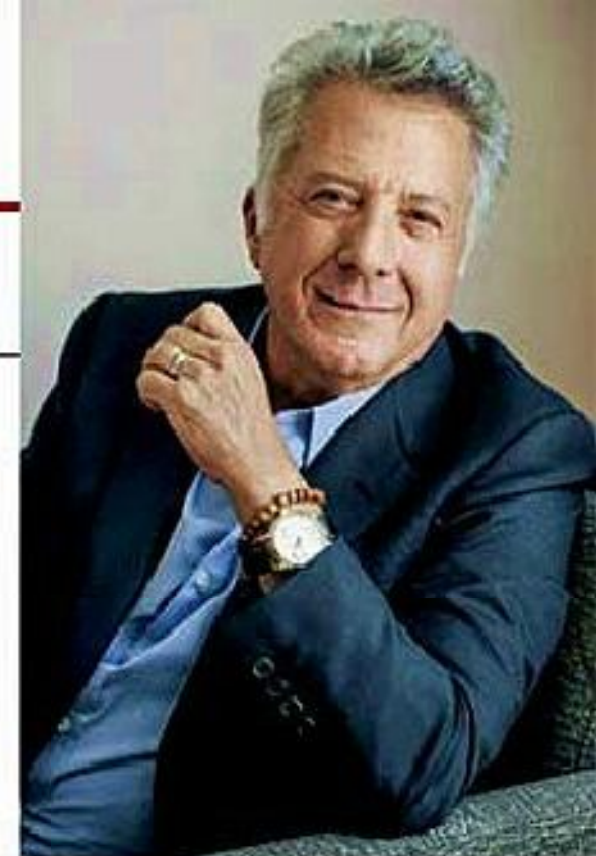
VIGOR GREGO

Bem feito como deve ser.



Tucker

Como todo iogurte desnatado.



CHRIS PIZZELLO/INVISION/AP

“A TV está no seu melhor momento. Enquanto isso, vivemos a pior fase do cinema.”

DUSTIN HOFFMAN, ator americano, no jornal inglês *The Independent*

“Marlon Brando tinha medo de que os Estados Unidos se tornassem uma nação que vigia civis. Ele seria um grande fã de Edward Snowden.”

SUSAN L. MIZRUCHI, biógrafa do ator americano, em *O Globo*

“Maria não é uma mãe que reclama, nem uma sogra que vigia para se aproveitar dos nossos erros.”

PAPA FRANCISCO, em missa campal realizada em Guayaquil, no Equador, o primeiro país visitado por ele em sua viagem à América do Sul

“É uma data que vai ficar marcada, como 1950 e as cinco vezes em que o Brasil foi campeão do mundo. A gente tem de ver pelo lado positivo: não vai ser possível vencer sempre.”

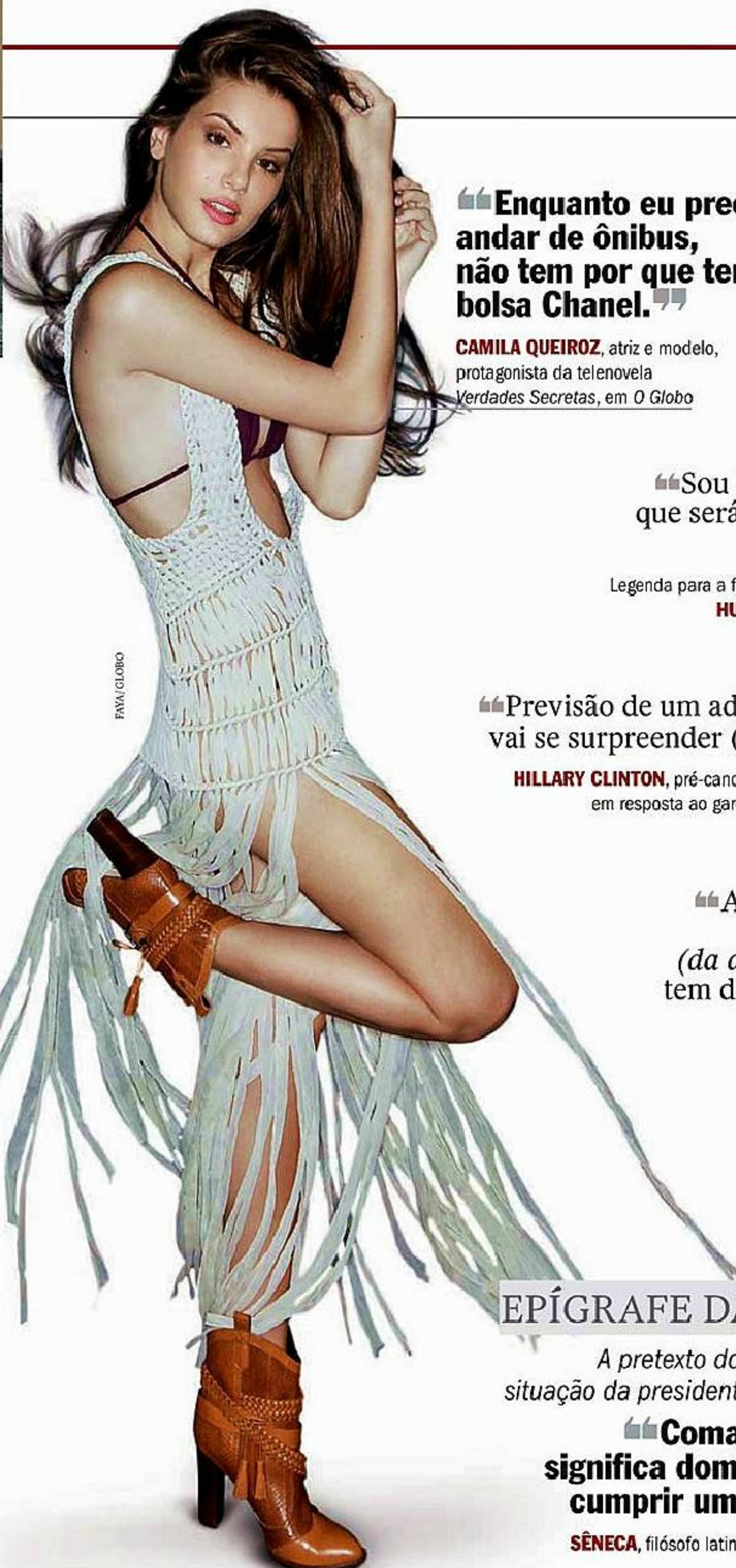
DUNGA, técnico da seleção brasileira, ao se pronunciar sobre o 7 a 1 para a Alemanha na Copa do Mundo — vexame que completou um ano na semana passada —, em reunião de ex-treinadores do Brasil promovida pela CBF, no Rio

“Em vez de reclamar, as outras equipes deveriam construir carros mais rápidos. Que culpa tem a Mercedes se a Ferrari faz somente espaguete?”

NIKI LAUDA, ex-piloto austríaco, tricampeão de F1, diretor da escuderia alemã, líder do campeonato, reagindo, no diário germânico *Bild*, à reclamação dos rivais de que sua hegemonia diminui o interesse pela competição

ILUSTRAÇÃO LÉZIO JUNIOR

Lézio Junior



FABA/GLOBO

“Enquanto eu precisar andar de ônibus, não tem por que ter bolsa Chanel.”

CAMILA QUEIROZ, atriz e modelo, protagonista da telenovela *Verdades Secretas*, em *O Globo*

“Ideologias não são derrotadas por armas. São derrotadas por melhores ideias.”

BARACK OBAMA, presidente americano, referindo-se à luta contra o Estado Islâmico, em discurso no Pentágono

“Sou homossexual e tenho medo do que será meu futuro e de que as pessoas não gostem de mim.”

Legenda para a foto de um menino chorando publicada na conta do projeto **HUMANS OF NEW YORK**, de Brandon Stanton, no Facebook

“Previsão de um adulto: seu futuro será incrível. Você vai se surpreender (...) com as coisas que você fará.”

HILLARY CLINTON, pré-candidata do Partido Democrata à sucessão de Barack Obama, em resposta ao garoto fotografado por Stanton, postada também no Facebook

“A única maneira de acabar com a corrupção é tirar o governo (da atividade empresarial). O governo tem de fomentar, controlar, regular, mas tem de sair do ‘business’.”

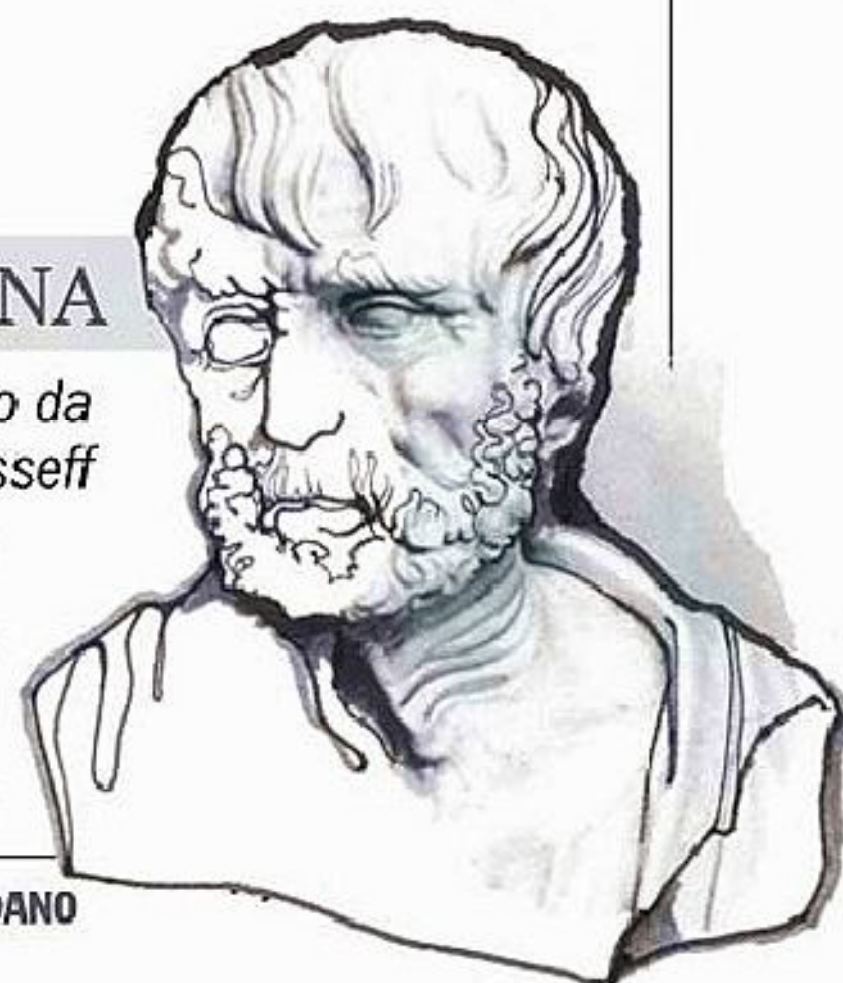
RUBENS OMETTO, presidente do conselho de administração do Grupo Cosan, na *Folha de S.Paulo*

EPÍGRAFE DA SEMANA

A pretexto do agravamento da situação da presidente Dilma Rousseff

“Comandar não significa dominar, mas cumprir um dever.”

SÊNECA, filósofo latino (4 a.C.-65 d.C.)



REFÉM

Sem apoio popular, sem sustentação no Congresso e cercada por denúncias de corrupção, Dilma atravessa seu pior momento



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA
EMERGENCY EXIT**

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
EMERGENCY EXIT
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
EMERGENCY EXIT
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
EMERGENCY EXIT

DILMA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO

CADA VEZ MAIS PERTO

Delatores acusam “o homem da presidente Dilma no setor elétrico” de agenciar pagamentos de propina ao PT durante a campanha presidencial de 2014



SINTONIA O engenheiro Valters Cardeal, diretor da Eletrobras e braço-direito da presidente no setor elétrico: conluio com o tesoureiro João Vaccari Neto em Angra 3

DANIEL PEREIRA E ROBSON BONIN

Quando era presidente, Fernando Henrique Cardoso cultivou a fama de exterminador de crises, que, dizia-se, sempre saíam do Palácio do Planalto menores do que entravam. De Dilma Rousseff, fala-se exatamente o oposto. Centralizadora e avessa a negociações, a presidente semeou um quadro de recessão econômica e de derrotas no Congresso. Rejeitada por nove em cada dez brasileiros, ela também perde apoiadores no grupo de políticos e empresários que ditam o rumo do país. Até o ex-presidente Lula, seu mentor, lhe faz críticas cada vez mais contundentes. Com apenas seis meses de segundo mandato, Dilma está só, não exerce o poder na plenitude nem consegue mobilizar a tropa governista. De quebra, é acossada por investigações que podem destituí-la do cargo — entre elas, a Operação Lava-Jato, que esquadrinha o maior esquema de corrupção da história do país. Diante de uma conjuntura assim, a maioria dos governantes optaria por mais diálogo, sensatez e pés no chão. Dilma não. Ela reage à crise com argumentações destrambelhadas, otimismo exagerado e erros primários de avaliação. Pior: como de costume, alimenta a agenda negativa.

Na semana passada, a presidente, contrariando o mais elementar dos manuais de política, fogueou a isca dos adversários e abordou novamente em público a possibilidade de enfrentar um processo de impeachment. “Eu não vou cair, isso é moleza”, desafiou em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, na qual chamou setores da oposição de golpistas. A resposta foi imediata: “Tudo o que contraria o PT é golpe”, ironizou o senador

ANTONIO PALOCCI,
ex-chefe da Casa Civil de Dilma

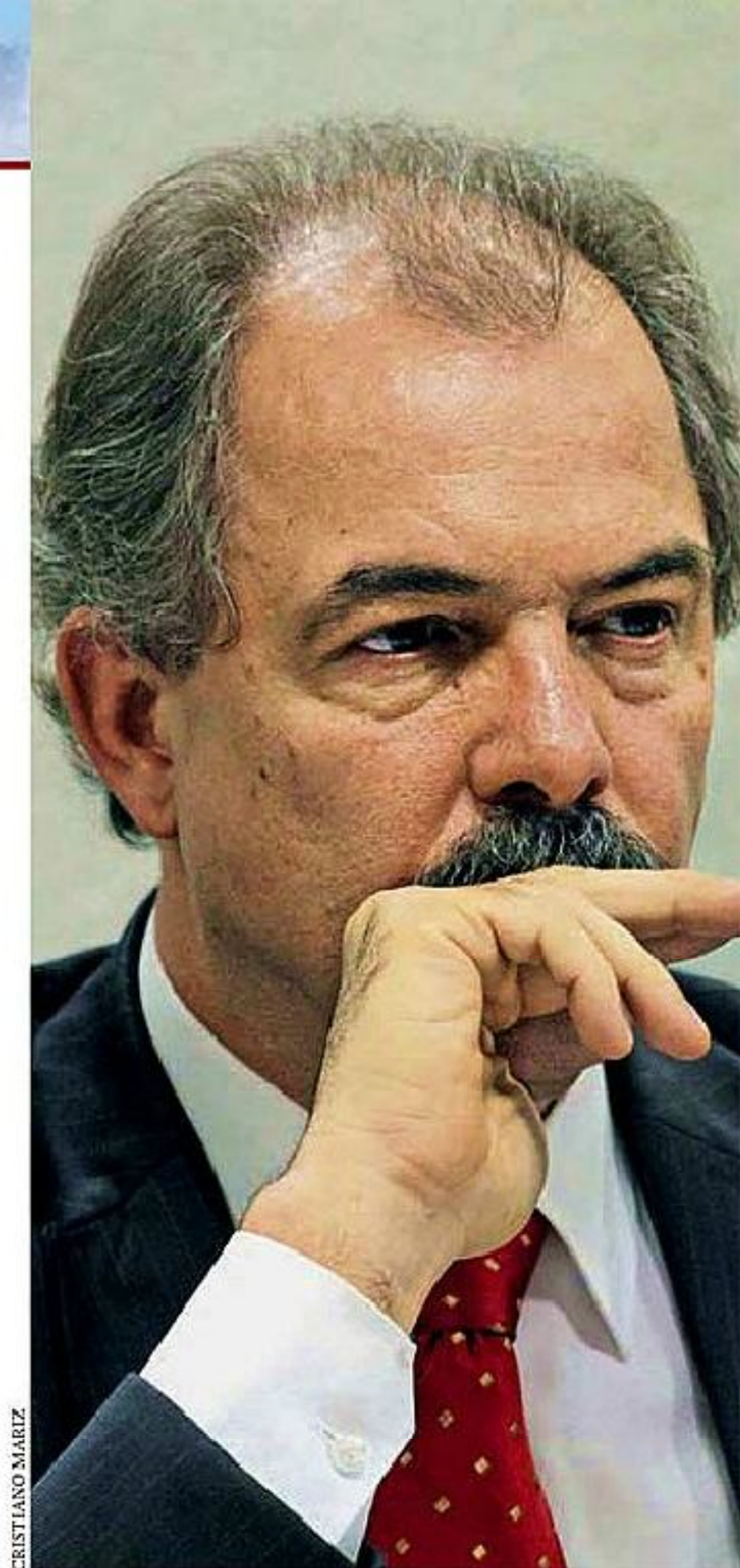
O que revelou o delator Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobras (foto menor):

Em 2010, recebeu um pedido de 2 milhões de reais do ex-ministro Antonio Palocci para a campanha de Dilma Rousseff.

O dinheiro, segundo ele, saiu do esquema de corrupção na Petrobras



CRISTIANO MARIZ



CRISTIANO MARIZ

Aécio Neves (PSDB). Nos regimes democráticos, a destituição de um mandatário depende de provas, do aval das instituições e do apoio da opinião pública (veja a reportagem na pág. 54). Em sua defesa, Dilma alega que jamais se locupletou de dinheiro sujo. Falta a essa versão o respaldo inequívoco dos fatos. VEJA teve acesso a mais um testemunho de que propina cobrada em troca de contratos — desta vez, no setor elétrico, a menina dos olhos de Dilma — abasteceu os cofres do PT em pleno ano eleitoral. Os operadores da transação criminosa foram o onipresente João Vaccari Neto, então tesoureiro do partido, e Valtér Luiz Cardeal, diretor da Eletrobras, o “homem da Dilma” na estatal e um dos poucos quadros da administração com livre acesso ao gabinete presidencial.

O relato desse novo caso de desvio de verba pública para financiar o projeto de poder petista consta do acordo de delação premiada firmado entre o engenheiro Ricardo Pessoa, dono da



RENATO ARAUJO/ABR

ALOIZIO MERCADANTE,
chefe da Casa Civil
de Dilma

**O que revelou o delator
Ricardo Pessoa, dono
da empreiteira UTC
(foto menor):**

Além de ter sido pressionado para doar dinheiro ao PT para a campanha presidencial de Dilma Rousseff em 2014, repassou dinheiro pelo caixa dois para a campanha ao governo de São Paulo de Aloizio Mercadante, em 2010

ZANONE FRAISSAT / FOLHA PRESS



construtora UTC, e o Ministério Público Federal. Num de seus depoimentos, Pessoa contou que em setembro do ano passado o consórcio Una 3 — formado por Andrade Gutierrez, Odebrecht, Camargo Corrêa e UTC Engenharia — fechou um contrato para tocar parte das obras da Usina de Angra 3. A assinatura do contrato, estimado em 2,9 bilhões de reais, foi precedida de uma intensa negociação. A Eletrobras pediu um desconto de 10% no valor

cobrado pelo consórcio, que aceitou um abatimento de 6%. A diferença não resultou em economia para os cofres públicos. Pelo contrário, aguçou o apetite dos petistas. Tão logo formalizado o desconto de 6%, Cardeal chamou executivos do consórcio Una 3 para uma conversa que fugiu aos esperados padrões técnicos do setor elétrico. Faltava pouco para o primeiro turno da sucessão presidencial. O “homem da Dilma” foi curto e grosso: as empresas deveriam doar ao PT a diferença entre o desconto pedido pela Eletrobras e o desconto aceito por elas. A máquina pública era mais uma vez usada para bancar o partido em mais um engenhoso ardil para esconder a fraude.

A conversa de Cardeal foi com Waldir Pinheiro, diretor financeiro da empresa, escalado para tratar dos detalhes da operação. Depois dela, Vaccari telefonou para o próprio Ricardo Pessoa e cobrou o “pixuleco”. “Quan-

do soube que a UTC havia assinado Angra 3, João Vaccari imediatamente procurou para questionar a parte que seria destinada ao PT — o que foi feito pela empresa”, relatou o empreiteiro. Aos investigadores, Pessoa fez questão de ressaltar que, segundo seu executivo, foi Cardeal quem alertou Vaccari sobre a diferença de 4 pontos percentuais entre o desconto pedido pela Eletrobras e o concedido pelas construtoras. Perguntado sobre o que sabia a respeito de Cardeal, Pessoa afirmou: “É pessoa próxima da senhora presidenta da República, Dilma Rousseff”. Dilma e Cardeal são amigos há décadas. Nos anos 90, quando ela era secretária de Energia do Rio Grande do Sul, ele trabalhava como diretor da companhia estadual de energia elétrica. Nomeada ministra, Dilma escalou Cardeal para atuar no governo federal. Sob as ordens dela, ele presidiu os conselhos de administração de Furnas e da Eletronorte. Nessa trajetória, che-



GLEISI HOFFMANN,
ex-chefe da Casa Civil de
Dilma

**O que revelou o delator
Alberto Youssef, o doleiro
envolvido no esquema
(foto menor):**

A ex-ministra recebeu 1 milhão de reais no caixa dois para sua campanha ao Senado em 2010.

O dinheiro, entregue num shopping, também foi desviado através do esquema de corrupção na Petrobras

VAGNER ROSÁRIO / FUTURA PRESS / ESTADÃO CONTEÚDO



JUSTIÇA Aécio Neves, líder da oposição: *“O processo de abuso do poder econômico na campanha tem de ser julgado pelo tribunal, dentro das regras constitucionais”*

gou a ser denunciado pelo Ministério Público por gestão fraudulenta e desvio de recursos. Nada que lhe abalasse o cargo e o prestígio com a presidente. “Só encontrei com João Vaccari em eventos partidários. Jamais tratei com esse senhor qualquer assunto relacionado ao setor elétrico”, disse Cardeal.

Ricardo Pessoa também contou que o contrato de Angra 3 rendeu vantagens financeiras a caciques do PMDB. Os valores foram desembolsados como pagamento à ajuda deles para derrubar “bar-

reiras burocráticas” no setor elétrico, que conta com forte presença do partido. Preço da fatura: 3 milhões de reais, negociados diretamente com os senadores Renan Calheiros (AL), presidente do Congresso, e Romero Jucá (RR). Em sua delação, o ex-presidente da Camargo Corrêa Dalton Avancini também detalhou às autoridades o esquema de corrupção em Angra 3. Avancini afirmou que as empresas do consórcio pagaram propina a políticos do PMDB e a funcionários da Eletronuclear, como o presidente Othon Luiz Pinheiro, também citado por Pessoa. Numa reunião na sede da UTC em agosto de 2014, ficou decidido, segundo Avancini, que a propina equivaleria a 1% do contrato.

Conforme revelado por VEJA, Ricar-

do Pessoa afirmou aos procuradores que usou recurso desviado do petrolão para bancar as despesas de dezoito figuras coroadas da República. Foi com a verba roubada da estatal que a UTC transferiu dinheiro às campanhas de Lula em 2006 e Dilma em 2010. No caso da reeleição da presidente, a doação foi motivada por uma chantagem, feita de “maneira bastante elegante”, pelo tesoureiro da campanha presidencial e atual ministro de Comunicação Social, Edinho Silva. “Você tem obra no governo e na Petrobras. O senhor quer continuar tendo?”, disse-lhe Edinho. O achaque deu certo. Documentos entregues por Pessoa ao Ministério Público mostram que a empreiteira doou 7,5 milhões de reais à campanha de Dilma em 2014.



As ameaças ao mandato da presidente



ALERTA VERMELHO

NO TSE:

A CAMPANHA DE 2014

O PROBLEMA –

O empreiteiro **Ricardo Pessoa** disse em sua delação premiada que utilizou dinheiro desviado da Petrobras para fazer doações oficiais à campanha de Dilma à reeleição. No total, ele doou 7,5 milhões de reais à petista

A CONSEQUÊNCIA – Embora as doações tenham sido oficiais, Pessoa declarou que as contribuições estavam vinculadas à manutenção dos contratos de sua empresa com a Petrobras. Dilma já responde desde dezembro a um processo no Tribunal Superior Eleitoral por abuso de poder econômico. A acusação do empreiteiro será analisada na mesma ação. Há outros dois processos contra ela no TSE, por uso indevido dos Correios e por proibir o Ipea de divulgar dados negativos

OS PRÓXIMOS PASSOS – O empreiteiro tem depoimento marcado para esta semana. Se o tribunal decidir cassar a chapa de Dilma, que inclui o vice-presidente Michel Temer (PMDB-SP), ela ainda poderá recorrer, no cargo, ao Supremo Tribunal Federal

EM CASO DE CASSAÇÃO,

QUEM ASSUME – Se o TSE decidir que Dilma cometeu crime e o STF confirmar a sentença, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), assumirá a Presidência. Ele teria noventa dias para convocar eleições. Se o desfecho se der só a partir de 2017, o Congresso realizará eleição indireta



ALERTA AMARELO

NO TCU:

AS “PEDALADAS”

O PROBLEMA –

O Tribunal de Contas da União deve rejeitar as contas do governo referentes ao ano passado. A questão mais grave são as chamadas “pedaladas” – os bancos públicos pagaram dívidas do governo, como os repasses do Bolsa Família, sem receber os recursos do Tesouro

A CONSEQUÊNCIA – Ter as contas rejeitadas fere a Lei de Responsabilidade Fiscal, ou seja, configura crime de responsabilidade, o que abre a possibilidade de um processo por impeachment

OS PRÓXIMOS PASSOS – O governo tem até o dia 21 para apresentar sua defesa. Se, como é previsto, o TCU rejeitar as contas, o caso seguirá para o plenário da Câmara dos Deputados, que poderá ou não acompanhar a decisão do órgão. A rejeição das contas pode servir como argumento para a abertura de um processo de impeachment

EM CASO DE IMPEACHMENT,

QUEM ASSUME – Para que o processo de impeachment seja aceito, são necessários os votos de 342 dos 513 deputados. Nesse caso, a presidente é afastada e assume o vice, Michel Temer. O Senado precisa aprovar o impeachment, com 54 dos 81 votos, para torná-lo definitivo



ALERTA AMARELO

NA POLÍCIA FEDERAL:

A LAVA-JATO

O PROBLEMA – Dos dezoito delatores que já assinaram acordo com a

Justiça, cinco (Pedro Barusco, Paulo Roberto Costa, Ricardo Pessoa, Alberto Youssef e Eduardo Leite) afirmaram que o megasquema de corrupção na Petrobras continuou no governo Dilma

A CONSEQUÊNCIA – Se ficar provado que a presidente sabia do esquema, como já disse o delator Youssef, ela poderá ser acusada de ter cometido um crime de responsabilidade, que é uma das possibilidades para a abertura de um processo de impeachment

OS PRÓXIMOS PASSOS –

A investigação continua, e ainda não há indícios concretos contra Dilma

EM CASO DE IMPEACHMENT,

QUEM ASSUME – Se a presidente for alvo de um processo de impeachment, e ele for aprovado, o desfecho será o mesmo que se aplica ao caso das “pedaladas”. Assumirá o vice, Michel Temer

Além de iniciarem as investigações criminais em curso, os fatos narrados pelo dono da UTC podem ter peso decisivo na Justiça Eleitoral. Pessoa deporá no processo em curso no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que analisa denúncia de abuso de poder político e econômico por Dilma na campanha de 2014. Acolhida a representação, a presidente e o vice, Michel Temer (PMDB), terão o mandato cassado e uma nova eleição será convocada.

Antes da revelação do teor da delação do dono da UTC, governistas e oposicionistas faziam a mesma projeção: três dos sete ministros do TSE votariam a favor de Dilma, e dois contra-

riamente a ela. O desfecho, então, dependeria dos votos de Dias Toffoli e Luiz Fux. Ambos foram nomeados ministros em governos petistas, mas Toffoli se diz escanteado pela presidente, e Fux carrega no currículo votos implacáveis pela condenação da antiga cúpula do PT no processo do mensalão. A previsão é que o TSE decida o caso em setembro. A presidente também é acoçada em outra frente de batalha. Em agosto, o Tribunal de Contas da União (TCU) se manifestará sobre a prestação de contas do governo de 2014. A tendência é uma decisão unânime pela rejeição das contas. A sentença será encaminhada ao Congresso, que pode ratificar ou não o entendimento do TCU. Caso o Congresso também as rejeite, estará pavimentado o caminho para a apresentação de um pedido de impeachment de Dilma por crime de responsabilidade. Numa conversa reservada na semana passada, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), reafirmou que rejeitará tal pedido, porque, para ele, Dilma só pode ser cassada por um crime cometido na atual gestão.

Desafeto da petista, Cunha observou, no entanto, que o plenário pode recorrer de sua decisão e determinar a abertura do processo de impeachment. O futuro da presidente passaria, então, a depender da situação da economia, dos humores da base governis-

ta e da proporção das manifestações populares marcadas para o dia 16 de agosto. Se houver impeachment, o vice Michel Temer assumirá. Essa solução divide o PSDB. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o senador José Serra veem com bons olhos a possibilidade de Temer se tornar presidente. Serra tem mantido conversas frequentes com o vice. Tucanos dizem que o senador não descarta ser ministro do peemedebista e até cogita lutar para ser o candidato do PMDB ao Planalto em 2018. Com planos de concorrer à Presidência, Alckmin também prefere que, caso Dilma caia, seja pela

via do TCU, já que isso afastaria a possibilidade de Aécio, seu principal rival no ninho tucano, sair vitorioso numa eleição de emergência convocada pela Justiça Eleitoral. "Não tenho de ser protagonista de nenhuma ação de impeachment. O processo de abuso do poder econômico na campanha tem de ser julgado pelo tribunal, dentro das regras constitucionais", disse Aécio a VEJA.

Ao contrário do que ocorreu no mensalão, o governo e o PT não contam com um estrategista para organizar a linha de defesa e um plano de superação da crise. A resistência é

OS TESOUREIROS DO PRESIDENTE



Envolvido no mensalão, Delúbio Soares está preso, condenado por corrupção



Envolvido no petrolão, João Vaccari Neto está preso, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro



CRISTIANO MARIZ

NO SUPREMO Ricardo Lewandowski é peça-chave no conchavo

feita aos trancos e barrancos. Durante meses, Lula pediu a Dilma que se engajasse para deter a Operação Lava-Jato. Ela, no entanto, manteve o discurso de que nada tinha a ver com o petrolão. Foi acusada pelos companheiros de autismo. Com o agravamento da crise e a possibilidade de ser preso, Lula saiu a campo — não como o líder acostumado a mobilizar exércitos, mas no papel de um político que enfrenta queda de popularidade e está à procura de ajuda. Numa conversa com caciques do PMDB, Lula defendeu a tese de que os presidentes dos três poderes deveriam atuar em conjunto para conter uma

campanha de “criminalização político-partidária” que, segundo ele, poderia abrir espaço para um aventureiro conquistar o poder em 2018. O petista citou o caso de Silvio Berlusconi na Itália e, em tom professoral, continuou com uma discursão institucional até ser interrompido pelo senador José Sarney (PMDB-AP).

Com sessenta anos de vida pública e experiência e lucidez de sobra para traduzir os interlocutores, Sarney disse que o problema verdadeiro era a Lava-Jato, que ameaçava o topo da República, de Lula a Dilma, passando pelos presidentes da Câmara e do Senado. E

que só o petista, como o maior líder político do país, poderia deter a enxurrada. Como? Pressionando os ministros dos tribunais superiores a anular a investigação do petrolão com base nas supostas irregularidades e arbitrariedades cometidas pelo juiz Sergio Moro. “O Moro sequestrou a Constituição e o país. O Supremo Tribunal Federal não pode se apequenar”, declarou Sarney. Lula concordou com o peemedebista. Era o que ele queria mas não tinha coragem de dizer. O petista já viu os companheiros Delúbio Soares, José Dirceu e Vaccari ser presos. A atuação de seu tesoureiro de campanha à reeleição, José de Filippi, está devidamente relatada na delação de Ricardo Pessoa. Há tanta apreensão no PT que deputados e senadores do partido defendem a ideia de que Lula seja nomeado ministro para ter direito a foro privilegiado e fugir das garras de Moro.

A conversa com os caciques peemedebistas organizou minimamente a tropa petista. Lula ficou de procurar Ricardo Lewandowski, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), um amigo de longa data que mostrou solidariedade no processo do mensalão e, agora, pode ser decisivo para eventual anulação da Lava-Jato. Na quinta-feira passada, a presidente Dilma recebeu o mesmo Lewandowski para uma conversa em Portugal. Houve uma tentativa de manter o encontro em sigilo. Como ele foi descoberto, restou ao governo alegar que Dilma e Lewandowski trataram do reajuste salarial dos servidores do Judiciário. O PT não respeita a inteligência alheia. Já a presidente, dizem seus próprios aliados, parece viver num universo paralelo. Não sem razão. Na semana passada, Dilma disse que pretende convocar o Conselho da República — formado pela presidente, pelo vice, pelos comandantes da Câmara e do Senado e pelo ministro da Justiça — para defender as instituições brasileiras das ameaças de instabilidade. Só pode ser piada — ou alheamento. Como no caso do mensalão, a investigação do petrolão fortalece as instituições. Riscos a elas, se existem, decorrem dessas tentativas de conchavos nada republicanos. ■

COM REPORTAGEM DE ADRIANO CEOLIN E
MARIANA BARROS



Envolvido no petrolão, José de Filippi foi acusado de articular o repasse de dinheiro desviado da Petrobras para a campanha de Lula em 2006

NO FIM DO TÚNEL
Lula: a estratégia que resta é tentar anular a Operação Lava-Jato no STF

NELSON ALMEIDA / AFP, DIDA SAMPAIO / ESTADÃO CONTEÚDO, VAGNER ROSÁRIO, NILTON FUKUDA / ESTADÃO CONTEÚDO



NO MEIO DO CAMINHO, TINHA...
*O juiz Sergio Moro, da Lava-Jato:
olhe onde pisa, Excelência*



O QUE PODE DERRUBAR A LAVA-JATO

Estudo de procurador que integra a operação critica os motivos que fizeram tribunais anular, desde 2006, quatro processos envolvendo empresários e políticos poderosos. Isso pode se repetir agora?

PIETER ZALIS

Nada deixaria mais felizes os 114 réus da Lava-Jato se, do dia para a noite, o processo simplesmente deixasse de existir. Os acusados passariam a não dever mais nenhuma satisfação aos investigadores, os presos seriam soltos, os já condenados teriam a pena cancelada, todo o trabalho da Polícia Federal, do Ministério Público e da Justiça iria para o lixo e o Brasil acordaria como se nada tivesse acontecido. É impossível que isso ocorra? Infelizmente, não, como mostra um dos procuradores que integram a força-tarefa da Lava-Jato, Diogo Castor de Mattos.

Em sua dissertação de mestrado, recém-concluída, Mattos reconstituiu quatro ações penais que acabaram anuladas por tribunais superiores e que, a exemplo da Lava-Jato, tinham como alvo políticos e empresários poderosos. São elas: Sundown/Banestado, Satiagraha, Castelo de Areia e Boi Barrica/Faktor. O procurador defende a tese de que, nessas quatro ocasiões, as decisões judiciais que livraram os réus das mãos da Justiça colidiram com as decisões precedentes que os mesmos tribunais firmaram quando trataram de crimes que envolviam, por exemplo, traficantes de drogas e contrabandistas (veja o quadro na pág. 52). Em outras palavras: Mattos afirma que os tribu-

nais superiores incorrem em “seletividade penal” quando analisam a legalidade de processos que tratam de corruptos poderosos: essas ações penais seriam mais facilmente “derrubáveis” nessas cortes do que as que lidam com réus com menor poder de influência e acesso a bons advogados.

A anulação do processo que teve origem na Operação Castelo de Areia, por exemplo, foi decidida pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) com base no argumento de que uma denúncia anônima, por si só, não poderia legitimar a abertura de inquérito policial. Em seu trabalho, no entanto, o procurador elenca as diversas vezes em que os tribunais superiores, o próprio STJ

Estas já caíram

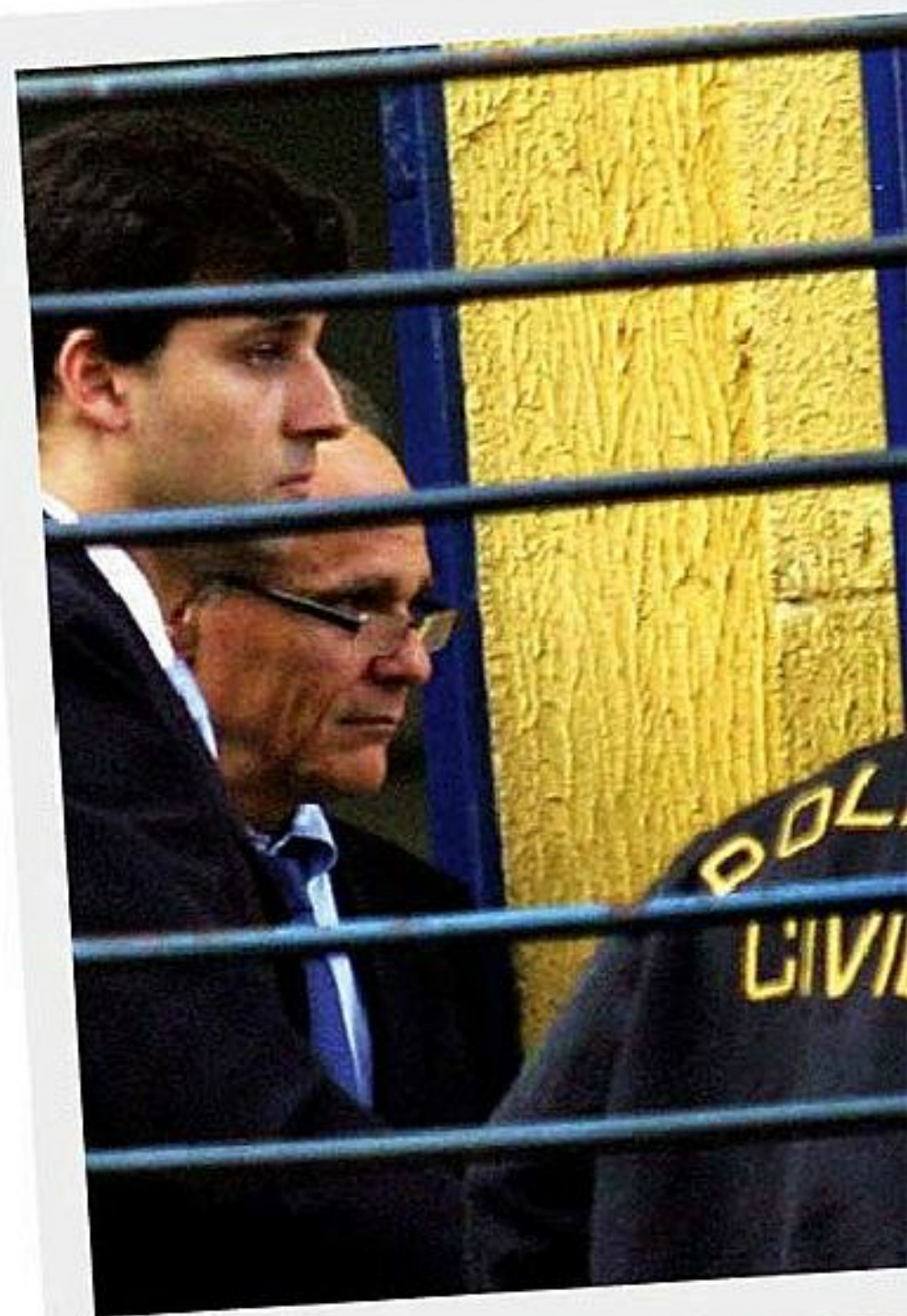
Dissertação de mestrado do procurador Diogo Castor de Mattos mostra que os processos de crime de colarinho-branco são anulados com mais facilidade do que os que tratam de outros delitos

SUNDOWN/BANESTADO (2006)

O QUE FOI — A Polícia Federal descobriu um esquema por meio do qual empresários, incluindo representantes do grupo Sundown, usavam empresas de fachada e subornavam auditores fiscais para fazer importações subfaturadas, o que diminuía impostos e aumentava seus lucros. O esquema movimentou 150 milhões de reais

POR QUE O PROCESSO FOI ANULADO — Por “abuso nas escutas telefônicas” na fase de inquérito, que, em alguns casos, extrapolaram o prazo autorizado

O QUE DIZ O ESTUDO — O mesmo relator que votou pela anulação da Operação Sundown no Superior Tribunal de Justiça (STJ), Nilson Naves, já havia decidido em outro julgamento, de uma quadrilha de roubo de cargas, que escutas podem ser prorrogadas indefinidamente, mediante a “inequívoca indispensabilidade da prova”. Na mesma época, o Supremo Tribunal Federal também reafirmou que, em casos complexos, as escutas podem continuar pelo tempo que for necessário, sem limite



BOI BARRICA/FAKTOR (2008)



O QUE FOI — O Ministério Público Federal denunciou dezesseis pessoas ligadas à família Sarney por crimes contra a administração pública e lavagem de dinheiro, num esquema que teria abastecido o caixa dois da campanha de Roseana ao governo do Maranhão, em 2006. Entre os indícios de crime apontados pelo MP estava um relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) no qual se mostrava que **Fernando Sarney**, filho do ex-presidente, havia sacado 2 milhões de reais em dinheiro vivo

POR QUE O PROCESSO FOI ANULADO — O STJ entendeu que o relatório do Coaf não era suficiente para que um juiz de primeira instância decretasse a quebra do sigilo fiscal de Fernando Sarney

O QUE DIZ O ESTUDO — O Coaf é um órgão de inteligência, e entre seus papéis está municiar investigações de crimes financeiros. Um saque como o realizado por Fernando Sarney indica prática de crime financeiro e não poderia ser descoberto por outro meio

CASTELO DE AREIA (2009)

O QUE FOI — A PF prendeu **executivos da empreiteira Camargo Corrêa** por subornar agentes públicos para fraudar licitações e construir obras superfaturadas. Políticos como Michel Temer e José Roberto Arruda teriam recebido doações de caixa dois da construtora para participar do esquema

POR QUE O PROCESSO FOI ANULADO — O STJ acolheu o argumento da defesa de que a Justiça de primeira instância autorizou medidas como escutas telefônicas, que depois serviram como provas, a partir de uma denúncia anônima, sem averiguações preliminares, o que o tribunal considerou ilegal

O QUE DIZ O ESTUDO — O STJ novamente se contradisse com essa decisão, uma vez que já admitiu a denúncia anônima como base para medidas mais invasivas, como a prisão em flagrante na casa de traficantes. O estudo lembra ainda que a denúncia anônima é a base de serviços públicos como o Disque-Denúncia



SATIAGRAHA (2008)

O QUE FOI — A Polícia Federal prendeu o banqueiro

Daniel Dantas, dono do grupo Opportunity, o ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta e o investidor Naji Nahas por prática de crimes financeiros, corrupção e lavagem de dinheiro

POR QUE O PROCESSO FOI ANULADO — O STJ concordou com o argumento da defesa de que o fato de a PF ter utilizado ilegalmente agentes da Abin em algumas fases da investigação contaminou o processo penal

O QUE DIZ O ESTUDO — A anulação do processo ocorreu sem que se especificassem as provas que os agentes da Abin produziram



JUNIOR PENHEIRO/FOLHAPRESS

incluído, consideraram legais decisões de juízes de primeira instância tomadas com base em denúncias anônimas — com a diferença de que esses casos não envolviam criminosos de colarinho-branco.

No Brasil, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, decisões tomadas por juízes de primeira instância relativas a medidas como autorização para escuta telefônica ou quebra de sigilo estão sujeitas ao escrutínio das cortes superiores. Assim, uma autorização do juiz Sergio Moro, à frente da Lava-Jato, para a quebra de sigilo bancário de um réu, por exemplo, pode ser contestada no Superior Tribunal de Justiça e, no limite, resultar na anulação de toda a Lava-Jato — como ocorreu na Boi Barrica. Nesse caso, um dos réus em questão era o filho do ex-presidente José Sarney, Fernando Sarney, àquela altura denunciado pelo Ministério Público por formação de quadrilha, crimes contra a administração pública, contra o sistema financeiro nacional, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica.

Em outro processo analisado pelo procurador Mattos, o da Sundown/Ba-

ALERTA O procurador Diogo Castor de Mattos: os crimes de colarinho-branco são melhores que os outros?

nestado, a anulação — por abuso na duração de escutas telefônicas — ocorreu com cinco réus já condenados — um dos quais somente tinha cometido a proporção de “um crime a cada três dias”, de acordo com o monitoramento telefônico realizado pelos investigadores ao longo de dois anos, como lembraram integrantes do Ministério Público dias depois da anulação do processo. Em nota, eles lamentaram a decisão “que lançou por terra boa parte de um longo e profundo trabalho conduzido com extrema seriedade e que tomou milhares de horas de vários servidores públicos”. Concluíram o documento dizendo: “Foram, assim, enterrados inquéritos e processos criminais gravíssimos, isentando de responsabilidade não só os empresários envolvidos em crimes fiscais, contra a administração pública, de corrupção e de lavagem de dinheiro, mas também agentes públicos corrompidos”. Que a Lava-Jato escape desse destino. ■



FOTOS: FABIO MOTTA, TIAGO QUEIROZ E MARCIO FERNANDES/ESTADÃO CONTEÚDO



VISÃO DE ESTADISTA
FHC, que enfrentou o
“Fora FHC” e foi contra o
impeachment de Lula no
auge do mensalão: zelo
pela cultura democrática

CUIDADO

Depor um presidente eleito é uma arma que a Constituição oferece ao cidadão nas democracias. Mas acioná-la nunca é simples e as consequências são imprevisíveis

ANDRÉ PETRY

Aos 84 anos, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ainda é a voz mais lúcida do PSDB e da oposição. Na convenção tucana da semana passada, Fernando Henrique falou da crise atual e disse que seu partido “não pode fugir da sua responsabilidade de, dentro da lei, levar até o fim”. Não faltou quem interpretasse a expressão “levar até o fim” como senha para o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Mais que qualquer outro líder em atividade, Fernando Henrique, que enfrentou a onda do “Fora FHC”, sempre tratou o impeachment com a distância respeitosa com que se trata uma bomba atômica — é bom ter, mas melhor ainda é não usar. Recentemente, ao lembrar sua contrariedade à deposição de Lula no auge do mensalão, FHC escreveu: “Derrubar um presidente eleito pode fazer mal para a formação da cultura democrática”.

O Brasil, com três décadas de liberdade, está formando sua cultura democrática. O impeachment de Dilma não é uma saída simples. No entanto, há políticos tratando do assunto com uma leveza incompatível com a sua gravidade. O Solidariedade, legenda de oposição, chegou ao ridículo de recolher assinaturas para pedir a abertura de impeachment contra Dilma apresentando uma justificativa que não fazia nem sequer menção à expressão “crime de responsabilidade”, a única infração que pode levar ao impedimento do presidente. O Solidariedade justificava seu pedido com o prejuízo decorrente da compra da Refinaria de Pasadena, nos Estados Uni-

PAULO WHITAKER/REUTERS

O COM O QUE SE PEDE



CADA COISA EM SEU LUGAR Nas manifestações nas ruas, os pedidos de impeachment reverberam — e não há nada de anormal ou censurável nisso. Mas é bom não confundir o mau humor nacional com solução desejável

dos. Na semana passada, o líder do PPS, Rubens Bueno, achou que a entrevista da presidente ao jornal *Folha de S.Paulo* jogou água no moinho do impeachment por causa da “arrogância de Dilma”. O DEM achou que o impeachment estava crescendo diante do anúncio da nova inflação, de quase 9% ao ano.

Cogitar o impeachment por causa de um prejuízo, de uma entrevista arrogante ou da alta da inflação é perder de vista a gravidade desse recurso constitucional. Podem-se ler na imprensa frias análises táticas sobre o impeachment: se for curto, beneficiará Aécio Neves; se for mais demorado, bom para Geraldo Alckmin; mas, se for adotado o regime parlamentarista para tirar Dilma, melhor mesmo para José Serra. Do lado petista, aparecem simplificações semelhantes. Por exemplo: se novas eleições forem convocadas logo depois da deposição de Dilma, não será bom

para Lula, que já disse a interlocutores próximos que não pretende ser candidato por achar que sua derrota nas urnas é certa. São cenários políticos desenhados com a tinta das coisas naturais. Mas impeachment, embora previsto na Constituição, está longe de ser natural. O próprio FHC, no mesmo texto em que mostrou seu zelo pela formação democrática do país, lembrou que impeachment só acontece quando há “razões políticas e criminais comprovadas”. As razões podem até vir a existir, mas hoje não existem.

A oposição não é golpista. O problema é que vem se confundindo com o golpe por uma equivocada inversão dos eventos que podem conduzir ao impedimento de um presidente. A oposição está à procura de comprovar um crime de Dilma para recorrer ao impeachment, quando o crime comprovado é que deveria conduzir ao recurso extre-

nado seu mandato? Prever o futuro do pretérito é tão arriscado quanto prever o futuro. Mas não existe nenhuma evidência de que a permanência de Collor até o fim do mandato teria jogado o país em um turbilhão de caos. A deposição presidencial não pode ser o alfa e o ômega da oposição. Esse processo é um risco para a oposição e para o país. Logo depois da derrota no ano passado, os tucanos buscavam um meio legal para depor a presidente. Pediram ao STF auditoria no sistema eleitoral por suspeita de fraude. O impeachment que se pede nas ruas é, até aqui, expressão de mau humor e legítima decepção com Dilma. Isso não é golpe. Nem dos tucanos, nem dos manifestantes. A própria Dilma passou recibo de sua má situação na entrevista à *Folha de S.Paulo*. Mas suspeitas e impopularidade não são razões para a anulação de um mandato presidencial. ■

mo do impedimento do chefe da nação. Em 1992, Fernando Collor caiu porque se comprovou um crime que corroeu seu apoio político e resultou no impeachment. Agora, a oposição bate em todas as portas em busca de um alibi jurídico: Supremo Tribunal Federal, Tribunal Superior Eleitoral, Tribunal de Contas. Não é golpe, está na lei. Mas são ações que traem um certo legalismo de oportunidade.

Collor foi alvo de um raro e bem-sucedido processo de impeachment. Talvez venha a ser o mesmo caso de Dilma. Mas o que haveria acontecido no Brasil na eventualidade de que Collor tivesse termi-

NELSON ALMEIDA/AFIP



MANDA QUEM PODE

Preocupada em evitar mais desgastes, Dilma sanciona medida defendida pela bancada evangélica que livra pastores do pagamento de impostos. Ponto para Eduardo Cunha

THIAGO PRADO

Célebre por bater na mesa e impor seu cardápio, a presidente Dilma Rousseff tem sido obrigada nos últimos tempos a praticar a indigesta arte de engolir sapos. Pior: boa parte dos batráquios lhe vem sendo servida por um notório desafeto, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Há duas semanas, Dilma provou nova dose: ao sancionar a Medida Provisória 668, ampliou a garantia de isenção tributária

que desfrutam as igrejas no Brasil e cedeu mais uma vitória a Cunha, o líder da bancada evangélica beneficiada pelo ato. A caneta da chefe de um governo desesperadamente necessitado de arrecadar impostos para fechar rombos de caixa anulou, assim, dois anos de esforço da Receita Federal para lançar sua malha sobre as maiores lideranças evangélicas do país.

A MP, na verdade, tratava da tributação de produtos importados. A ques-



LAÇOS DE FÉ Cunha é recebido na igreja do pastor Ferreira: ali foi redigido o texto mais tarde aprovado por Dilma

tão da isenção das igrejas foi um “jabuti” — como são chamados os enxertos nos projetos de assuntos que não têm nada a ver com eles — arquitetado por Cunha e aprovado previamente em uma reunião com o vice-presidente Michel Temer. Sua sanção tranquiliza as 178 instituições religiosas que vinham sendo alvo de investigação da Receita Federal. Os pastores mais populares do país sofreram uma devassa inédita em suas contas — cabendo a autuação por sonegação mais vultosa ao missionário R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, que recebeu multas no valor de 220 milhões de reais. O pastor Silas Malafaia, da Associação Vitória em Cristo, foi autuado em 1,5 milhão de reais. Outros evangélicos, como o bispo Robson Rodovalho, da igreja Sara Nossa Terra, e Mario de Oliveira, da Quadrangular, também estiveram na mira dos fiscais da Receita.

As leis brasileiras isentam as instituições religiosas de pagar impostos, mas os pastores estão sujeitos a recolhimento de IR e INSS em seu salário. Ocorre que, além do salário, a maioria recebe uma ajuda de custo para despesas como moradia e transporte, e esta, sim, é livre de tributos. A

PERDOADO

R.R. Soares: alvo da investigação da Receita, livrou-se de pagar multa de 220 milhões de reais

Receita apurou que esses extras podiam chegar a até 100 000 reais em alguns casos e concluiu que os excessos deveriam ser considerados parte do salário e sofrer os abatimentos de praxe. “Essa interpretação não faz sentido. Era uma perseguição contra as igrejas”, afirma Malafaia, traduzindo a indignação dos colegas.

Desde a ascensão de Cunha à presidência da Câmara dos Deputados, em fevereiro, o lobby evangélico vinha atuando em peso para reverter a cobrança. Em abril, Cunha articulou um encontro do secretário da Receita, Jorge Rachid, com Malafaia, R.R. Soares e outras lideranças importantes, no gabinete de Michel Temer. Lá se decidiu o teor da medida, à revelia de Rachid, que ainda teve de ouvir, calado, as reclamações da cúpula evangélica. O texto “jabuti” foi redigido dentro da igreja de Cunha, o Ministério de Madureira da Assembleia de Deus. Assessorado por uma equipe de especialistas, o pastor Abner Ferreira, o mesmo que orquestrou a cerimônia de adesão do deputado à congregação, usou seus conhecimentos de advogado formado para escrevê-lo. Cunha cuidou de enxertá-lo na MP dos importados. Um mês depois, no Congresso, o secretário da Receita ainda fez um derradeiro esforço para sustar o acordo, sem sucesso. Inexperiente nesse tipo de articulação, a certa altura cometeu o engano de colocar na mão do deputado Sóstenes Cavalcante (PSD-RJ), braço de Malafaia em Brasília, um bilhete dirigido a aliados do governo: “Cuidado ao destaque dos pastores”. Cavalcante leu-o e pôs a boca no trombone: “O que o senhor tem contra os pastores?”. Procurado, Rachid não quis comentar a sanção da MP.

Nas últimas semanas, a Receita Federal tentou convencer o Planalto a recuar e remover a medida do pacote. Foi em vão. Enfraquecida e precisando de apoio parlamentar, Dilma vetou nove trechos da MP 668 no fim de junho, mas manteve intacto o texto sobre as igrejas. “O PT não iria comprar essa briga com Eduardo Cunha e os evangélicos neste momento”, afirma um integrante da base aliada. E assim, contrariando as leis da natureza, o jabuti virou um sapo. E foi devidamente engolido. ■

JONNE RORIZ/ESTADÃO CONTEÚDO



Maus empreiteiros da arquitetura institucional do país

A Câmara dos Deputados cedeu ao lobby obscurantista da OAB, de setores da imprensa, do Ministério Público e de outras franjas do petismo e aprovou restrições à doação de empresas privadas a campanhas que, se tornadas leis, vão concorrer para sofisticar o caixa dois, empurrando ainda mais o financiamento das eleições para a clandestinidade. Como vivemos um período especialmente talhado para as exclamações do moralismo burro, não é de surpreender que se façam burrices. Nada contra o moralismo, tudo contra a burrice.

O texto ainda está sujeito a alterações. Segundo o projeto aprovado na quinta 9, empresas que mantenham contratos com órgãos e entidades da administração pública não podem fazer doações nas regiões em que atuam. É asnal! Cria-se a circunstância para que novas trapaças se juntem às antigas. Partidos terão o trabalho adicional de urdir as contribuições cruzadas: quem opera em Guarulhos arruma um candidato em Osasco, e quem opera em Osasco, em Guarulhos. Tenham paciência!

Como se pode falar em cartel quando há um só ‘comprador’ que, além de fazer o preço, tem o poder de determinar quem vai tocar a obra e de retaliar as empresas que fugirem à disciplina imposta pelo achaque?

Empresas que trabalham para o governo federal não mais contribuiriam com as eleições presidenciais, certo? Mas nada as impediria de doar a partidos nos estados — desde que não mantivessem contrato com estes. Mas quem criaria obstáculo para a legenda transferir recursos da campanha estadual para a federal?

O texto limita ainda as doações das empresas a 2% do faturamento no ano anterior, desde que não ultrapasse o teto de 20 milhões de reais. Certo. Por que não 30 milhões de reais ou 2,75%? Ninguém sabe. Os números devem ter parecido simpáticos ao legislador. É o puro e simples arbí-

trio brandido em favor do bem e da ordem. Junto com essas limitações, nascem os mecanismos para transgredi-las.

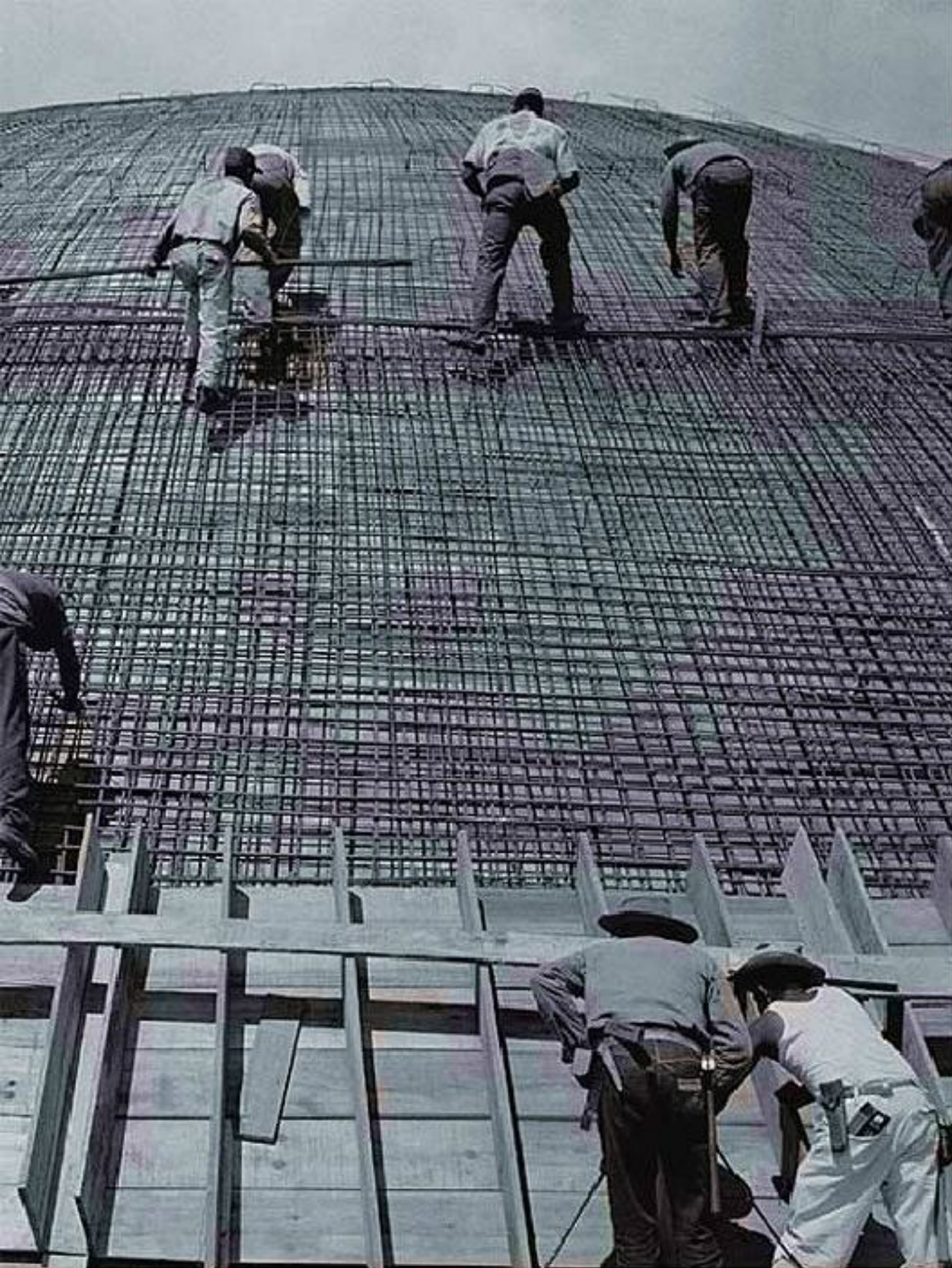
Restrições dessa natureza criminalizam as doações de campanha e acabam conferindo legitimidade ao discurso vigarista do PT, que insiste na falácia de que ações de assalto ao estado de direito, como o mensalão e o petrolão, têm origem na necessidade de financiar eleições.

A ação direta de inconstitucionalidade contra a doação de empresas a campanhas, que está no Supremo, tem pai: Roberto Barroso, ministro da corte. Quem peticionou ao tribunal foi a OAB, mas a entidade estava apenas lavando os reais autores da proposta, que são os advogados Daniel Sarmento, professor de direito constitucional da Uerj, área que era comandada pelo ministro, e Eduardo Mendonça, que já foi sócio de Barroso num escritório de advocacia e seu assessor no STF. Ou por outra: Barroso, o inspirador da dupla, julgou de dia uma causa que patrocinou à noite.

O debate sobre o tema não anda muito iluminado. A forma que tomou a Operação Lava-Jato, nesse particular, turvou o juízo e o bom-senso de muita gente. A tese, que considero absurda, do cartel de empreiteiras, abraçada pelo juiz Sergio Moro e pelo Ministério Público, demoniza as em-



MARCEL CAUTHEROT/ACERVO IMS



OBRA DE DESCONSTRUÇÃO

Desde as fundações de Brasília até agora, o Brasil retrocedeu na arquitetura para coibir a corrupção com dinheiro público

Itamar Franco vetou o Parágrafo 3º do Artigo 56 da Lei de Licitações (8.666)? Ele exigia que a empresa que vencesse uma disputa para a realização de uma obra apresentasse um seguro-desempenho fornecido por instituição financeira credenciada, que se responsabilizaria pelo cumprimento das especificações, como explicou, então, Mario Henrique Simonsen em artigo para a revista EXAME: “Assim, todos os concorrentes passam a se nivelar em qualidade, vencendo o que propuser preço mais baixo”.

Fui buscar as razões do veto de Itamar e lá encontrei esta pérola: “(o seguro-desempenho) favorece as grandes empreiteiras, visto que a sistemática das seguradoras para estabelecer o limite técnico de cobertura dos riscos é baseada no valor do patrimônio líquido

da empresa vencedora da licitação”. Claro que a ideia, declarada ou não, era não retirar o poder discricionário dos burocratas e políticos sobre a decisão de quem ganharia o direito de fazer a obra. Pois um processo que nivelasse os concorrentes por qualidade e em que a escolha do vencedor se desse pelo preço mais baixo deixaria os corruptos sem brechas para vender suas facilidades. Prevaleceu a justificativa cretina sobre a “sistemática” das seguradoras. O que se visou mesmo foi garantir a “problemática” de modo que os corruptos oficiais pudessem continuar vendendo a “solucionática” deles no mercado subterrâneo das propinas, com ganhos milionários para eles próprios e seus amigos tesoureiros de campanhas eleitorais.

Ah, bom! Aí, então, alguns espertos tiveram uma ideia melhor: criar mecanismos para fraudar ou dispensar as licitações, deixando as coisas por conta do “Paulinho”, apelido carinhoso pelo qual Lula chamava Paulo Roberto Costa, o ex-diretor de Abastecimento da Petrobras.

Aí vocês já sabem, né? Mesmo com as doações permitidas, o Paulinho botou pra quebrar. Imaginem se elas forem proibidas, como querem a OAB, o Ministério Público e Barroso, ou um convite à fraude, como na proposta aprovada na Câmara.

Temos sido maus empreiteiros da arquitetura institucional de Brasília. Vencer esse canteiro de obras tem sido muito mais difícil. ■

presas privadas e as torna agentes do mal. Certos reptos vazados em petições e expedições de prisão preventiva lembram o papa Francisco discursando contra o capitalismo na Bolívia: um misto soberbo de repulsa ao capital e de ignorância.

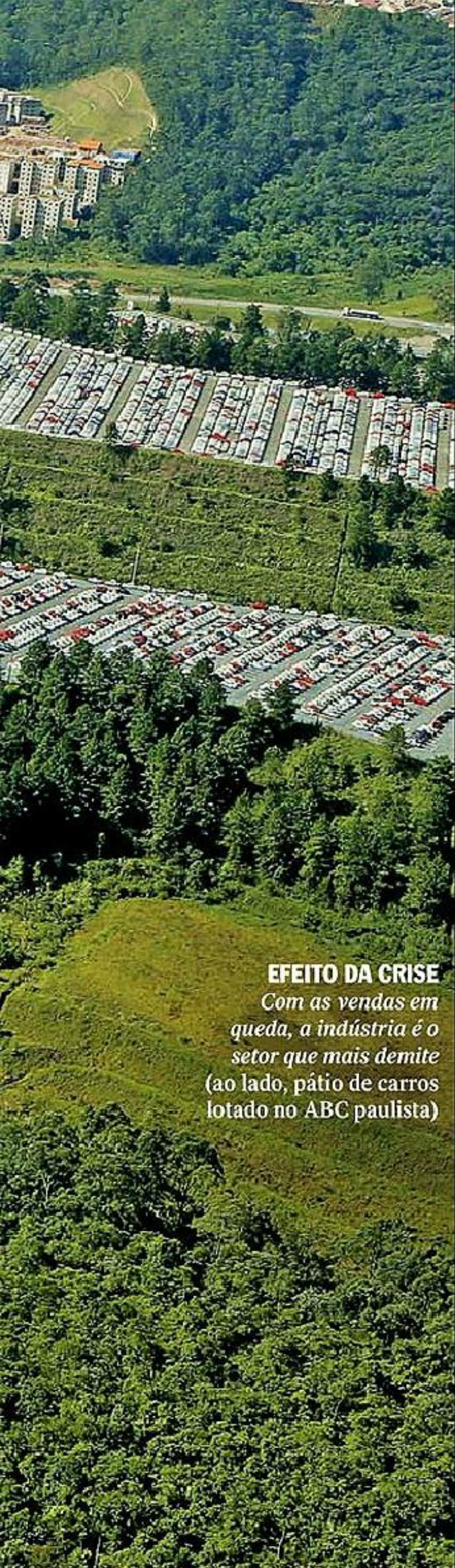
Permito-me uma pequena digressão a respeito antes que avance. Como se pode falar em cartel quando há um só “comprador” que, além de fazer o preço, tem o poder de determinar quem vai tocar a obra e de retaliar as empresas que fugirem à disciplina imposta pelo achaque? Por mais que os candidatos a Savonarola dessa história tentem disfarçar, o fato é que a tese do cartel absolve o petismo do maior de todos os seus crimes, que é o assalto à institucionalidade. Esse partido não delinuiu porque precisava de recursos privados para a campanha, mas para realizar um projeto autoritário de poder, que, felizmente, deu errado! A que custo! Como cobrou caro por aquilo que as instituições não dão de graça!

Proibir as doações ou criar os entraves aprovados pela Câmara só serve à máxima de gerar dificuldades para vender facilidades. Empresários com os quais tenho conversado, alguns deles doadores regulares de campanha, com recibo, estão em pânico. Veem nessas limitações o caminho certo do achaque e da extorsão.

Em vez de o país avançar nessa área, retrocede. Como esquecer que, em 1993, o então presidente



UM PASSO NA DIR



EFEITO DA CRISE
Com as vendas em queda, a indústria é o setor que mais demite (ao lado, pátio de carros lotado no ABC paulista)

Com o desemprego em alta e a popularidade em baixa, o governo abre espaço para a negociação entre empresas e trabalhadores

BIANCA ALVARENGA

O pilar mais sólido do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff foi o emprego. Mas o mercado de trabalho, como seria de esperar, não se manteve imune ao ciclo duradouro de baixo crescimento, com inflação em alta, crédito mais caro e consumo e indústria estagnados. A taxa de desemprego chegou a 8,1% no trimestre encerrado em maio, acima dos 7% no mesmo período do ano passado. Em termos absolutos, 1,3 milhão de pessoas perdeu o trabalho no período, totalizando 8,2 milhões de desempregados em todo o país.

A deterioração do mercado de trabalho tem efeito devastador sobre a popularidade da presidente Dilma. Três em cada quatro brasileiros temem o aumento do desemprego nos próximos meses. Não é por outra razão que o governo passou por cima de suas convicções anacrônicas e anunciou um programa para flexibilizar as regras de jornada e remuneração de trabalhadores da indústria. Uma empresa poderá cortar em até 30% o salário de um funcionário mediante diminuição proporcional das horas trabalhadas. Metade da fatia salarial reduzida será paga pelo governo, por meio de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). O programa, que terá duração de seis a doze meses, é inspirado nas normas trabalhistas da Alemanha, país que ostenta a menor taxa de desemprego da zona do euro. É um modelo bem-sucedido na indústria. No Brasil, é esse o setor, ao lado da construção, que mais tem fechado vagas por causa da crise. Nos cinco primeiros meses de

2015, mais de 200 000 trabalhadores perderam o emprego nos dois segmentos. A expectativa é que a medida atraia companhias que estão com os estoques elevados e contam com mão de obra qualificada, como é o caso do setor automotivo. É preferível reduzir a jornada a demitir um funcionário treinado. “O programa tem o aspecto positivo de permitir que patrões e empregados decidam o que é melhor, sem a interferência do Estado”, diz Juan Jensen, economista-chefe da consultoria Tendências. Mas ele pondera que a medida deveria valer para todos os setores da economia.

O orçamento inicial do programa é de 100 milhões de reais. O governo não deixou claro se o Tesouro terá de fazer aportes adicionais ao fundo para bancar os gastos com a medida. Essa é a principal incerteza do plano, especialmente em um momento em que o Estado corta despesas para reequilibrar o Orçamento. O ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, disse que a expectativa é poupar caixa com a medida, uma vez que sairia mais barato arcar com o programa do que desembolsar o seguro-desemprego para os demitidos. Além disso, os trabalhadores beneficiados continuarão a pagar os tributos incidentes sobre o salário.

Será preciso ainda observar se o programa, na prática, alcançará a eficácia do modelo alemão. Isso porque se instituiu um comitê para avaliar a adesão de cada empresa ao programa. “O governo não perde a chance de complicar o que pode ser simplificado”, diz José Pastore, professor da Universidade de São Paulo. “Se o processo de aprovação se arrastar por meses, as empresas podem desistir da redução da jornada e optar pelas demissões.” ■

ECÇÃO CORRETA



À ESPERA DO POTE DE OURO

As bolsas da China desabaram, um fenômeno agravado pela tentativa do governo de controlar o mercado, mas o impacto na economia do país será mínimo

NATHALIA WATKINS

“O arco-íris sempre aparece depois da chuva”, afirmou um editorial do *Diário do Povo*, o jornal do Partido Comunista, após o anúncio de medidas sem precedentes para conter a queda de 30% em apenas três semanas do mercado de ações chinês. A tentativa de acalmar os ânimos esconde a responsabilidade do próprio governo por parte da crise. Foi a propaganda oficial que incentivou os investimentos privados na supervalorizada bolsa, mesmo à custa de empréstimos e penhora. O Partido Comunista não consegue se desvencilhar de sua atávica propensão de recorrer ao controle estatal para tudo.

Há dois anos, o governo prometeu deixar que as forças do mercado se ajustassem, mas não resistiu à tentação. Ao contrário da imprensa, das greves e das empresas, o mercado financeiro tem a própria dinâmica, que é mais difícil de prever do que os comunistas gostariam.

Desde julho de 2014, as ações se valorizaram em 150%, número que foi alardeado como uma prova da eficiência das políticas do presidente Xi Jinping. Houve algumas aberturas de capital infladas, como ocorreu há um mês com as ações de uma empresa fabricante de saunas que era negociada a 285 vezes o valor de seu lucro, ou com uma fabricante de ventiladores, cotada a um preço 732 vezes superior. A reali-



NG HAN GUAN/AP

dade empresarial e o valor do papel representavam uma miragem. A supervalorização aliou-se a outros fatores, como a desaceleração do crescimento chinês, estimado em 6,8% para 2015 (contra 7,4% em 2014), e um pacote do governo para manter o mercado em alta, que teve o efeito contrário: em vez de acalmar os investidores, causou mais nervosismo. As medidas incluem a criação de um fundo de estabilização e a proibição a acionistas donos de mais de 5% de uma empresa de vender ações nos próximos seis meses. Além disso, os bancos ampliaram o limite de crédito para a compra de ações e estatais foram impedidas de negociar ativos em bolsa. Como consequência, no último mês, os investidores debandaram e as



SERGEI KARPUKHIN/REUTERS

BEM ATENTOS

Investidor monitora as ações em Pequim na quinta-feira 9. Acima, o presidente Xi Jinping é recebido em cúpula na Rússia por Vladimir Putin

empresas perderam 3,5 trilhões de dólares em valor de mercado.

A bolsa de valores chinesa tem características incomuns. O mercado financeiro é a principal fonte de poupança dos chineses de classe média, que não conseguem acesso a outras aplicações, mais seguras, e têm poucas opções de investimento. “Os pequenos investidores privados têm esperança de enriquecer rapidamente com a compra de ações”, diz o economista Thomas Rawski, especialista da Universidade de Pittsburgh. Por isso, há mais investidores individuais na bolsa do que membros do Partido Comunista. O problema é que, na China, entrar no mercado financeiro é mais arriscado do que em outros países, porque o peso das ações do governo é maior que os fundamentos do mercado. A falta de informações confiáveis e de transparência dificulta transações no país e ainda é comum que investidores caiam em armadilhas de empresas fantasmas, o que afugenta o capital estrangeiro.

O tropeço chinês, contudo, não deve afetar o crescimento da segunda maior economia mundial, nem arrastar outros países para crises. Há dois motivos para isso. Primeiro, a queda não foi tão drástica quanto parece. A bolsa recuou apenas para o nível de março, mantendo a valorização de 75% em doze meses. Segundo, o mercado financeiro ainda representa um terço do PIB, uma parcela pequena comparada à média nos países desenvolvidos. De fato, a China é o país que está mais bem posicionado entre os emergentes, cujos chefes de Estado e de governo se reuniram na quinta-feira passada na remota cidade de Ufá, na Rússia, para a VII Cúpula do Brics.

Quase dez anos depois de seu surgimento, o grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul tem mais diferenças que semelhanças. Três dos cinco países estão em crise. O PIB do Brasil cresceu a uma taxa de 7,6% em 2010. Neste ano, a previsão é que vá encolher mais de 1%. A África do Sul, com inflação alta, não passará dos 2%. A Rússia deve entrar em recessão e enfrenta sanções desde março de 2014, quando anexou a Crimeia ao seu território. A exceção é a Índia, que crescerá 7,5% neste ano. Politicamen-

te, são dois regimes autoritários, duas democracias capengas e um governo afundado em escândalos de corrupção. As esperanças que cada país deposita no grupo também divergem. “Brasil e Índia veem o grupo como uma alternativa às relações com os países ricos. A Rússia pretende usar a aliança como forma de confrontação direta, enquanto a China quer ganhar influência política fora da Ásia”, diz a analista indiana Moutusi Sal, do Center for Financial Markets, em Washington. Nesse cenário, o sucesso das iniciativas do grupo é duvidoso. Na semana passada, anunciou-se na cúpula a implementação do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), que pretende financiar obras de infraestrutura em países em desenvolvimento. Cada país-membro investirá 10 bilhões de dólares iniciais, e os primeiros empréstimos são esperados para abril de 2016. As diferenças surgiram em seguida. A Rússia apressou-se em oferecer ajuda à Grécia, o que foi negado por representantes de outros países. “Até agora, só há boas intenções. Se não houver um foco e um modelo de negócios, o banco vai virar um elefante branco”, diz o economista Roberto Luis Trosster, de São Paulo, que esteve no mês passado em Nova Délhi para debater o assunto com outros especialistas. Os Brics também criaram um fundo de emergência com 100 bilhões de dólares em caixa. Fiel ao plano de conquistar soft power (a capacidade de influenciar outros países sem o uso da força), a China aportou 41% do valor. Os Brics querem acreditar que, como postulou o chinês *Diário do Povo*, depois da chuva vem o arco-íris. Brasil, Rússia e África do Sul, porém, ainda não encontraram seu pote de ouro. ■

COM REPORTAGEM DE PAULA PAULI



CAIO GUATELLI

DISPUTA O governo brasileiro quer barrar a mão de obra chinesa em Belo Monte

Limites à parceria chinesa

Nos últimos doze meses, os governos do Brasil e da China se esforçaram para ampliar a parceria econômica, especialmente na área de infraestrutura. Um caso recente, porém, demonstra o tipo de impasse que essa aproximação pode criar. A empresa chinesa State Grid venceu, no ano passado, a licitação para a construção da linha de transmissão da usina hidrelétrica de Belo Monte, em conjunto com as estatais Furnas e Eletronorte. A usina, a maior obra em andamento no país, deve entrar em operação em 2018. A State Grid quer trazer 11 000 trabalhadores chineses para a obra (que deve demandar um total de 15 000), mas enfrenta resistência do governo brasileiro, especialmente num momento em que o desemprego é crescente no país. Os chineses argumentam que só eles possuem o conhecimento técnico para fazer o trabalho. A linha que vai ligar a usina em Altamira ao Sudeste terá frequência contínua com voltagem de 800 quilovolts (o que, em tese, reduz a perda de energia),

um tipo de rede que não existe no Brasil. A companhia também pretende importar equipamentos da China, o que pode esbarrar nas exigências do BNDES de conteúdo nacional para liberar o financiamento para a obra. As empresas chinesas estão acostumadas a atuar dessa forma na África, onde executam obras de infraestrutura e exploram recursos naturais com mão de obra própria submetida, em geral, às leis trabalhistas de seu país de origem. Não é o primeiro impasse envolvendo a State Grid no Brasil. Ela ganhou em 2012, com a paranaense Copel, o direito de construir a linha de transmissão da usina de Teles Pires, na divisa de Mato Grosso com o Pará. A rede deveria ter ficado pronta no início do ano, mas atrasou e só deve ser entregue em outubro. O problema é que a usina está apta a entrar em operação desde janeiro e não o faz porque não tem como levar a energia até as distribuidoras. O ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, já cobrou publicamente o consórcio pelo atraso.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

PATROCÍNIO OFICIAL



46°

FESTIVAL DE INVERNO CAMPOS DO JORDÃO

Dr. Luís Arrobas Martins

DIVERSOS CONCERTOS GRATUITOS
EM CAMPOS DO JORDÃO E NA
SALA SÃO PAULO.

Confira a programação no site
festivalcamposdojordao.art.br

DE 4 DE JULHO
A 2 DE AGOSTO



PROMOÇÃO



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

CO-PATROCÍNIO



APOIO



Ministério da
Cultura



O ESPASMO DE LUCIDEZ DOS GREGOS

Apesar do “não” no referendo popular, a Grécia fez concessões de última hora para permanecer na zona do euro. A Alemanha teme um efeito dominó se o país sair

BIANCA ALVARENGA

É preferível o custo político de ceder à teimosia da Grécia ou o da saída do país da zona do euro? Para as lideranças europeias, em especial as alemãs, esse é o dilema que se coloca à medida que as negociações com os gregos se aproximam de um desfecho. Ficou marcado para os dias 11 e 12, em Bruxelas, um encontro dos líderes dos 28 países que compõem a União Europeia, para que se tomasse uma decisão sobre aceitar ou não a proposta dos gregos para obter um novo empréstimo internacional. No caso de uma rejeição, o país seria obrigado a emitir notas promissórias ou a imprimir uma nova moeda para evitar a paralisia da economia, o que significaria a saída da zona do euro. Um plano de contingência para essa hipótese foi preparado para amenizar o caos que provavelmente iria se instalar, revelou Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia (o braço executivo da União Europeia).

Apesar da vitória do “não” no referendo popular do domingo 5, sobre a aceitação das exigências dos credores, os gregos abandonaram a radicalização nas negociações ao longo da semana passada. O ministro das Finanças, Yanis Varoufakis, conhecido pelas posições extremadas, pediu demissão. O primeiro-ministro Alexis Tsipras apresentou na quinta-feira um plano que se

assemelha ao que os credores haviam exigido e que fora rejeitado no referendo. O compromisso é que as medidas para reformar a previdência e aumentar impostos sejam tomadas a partir desta semana. A mudança de postura se explica pela iminência do colapso: com a escassez crescente de euros em circulação, a atividade econômica na Grécia passou a encolher rapidamente. A população reduziu o consumo ao mínimo necessário, o que esvaziou o comércio e as ruas de Atenas, apesar do verão europeu.

Caso o novo compromisso dos gregos por reformas seja aceito pelos credores, o país deve receber um perdão de parte da sua dívida e, possivelmente, ser beneficiado com um novo cronograma de pagamento das parcelas nos próximos anos. Do lado dos credores, a vontade política por um acordo se revelou mais forte na última semana. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, o da França, François Hollande, e a diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, foram favoráveis a um acordo. A resistência ainda se dá na maior economia do bloco europeu, a Alemanha. “O que trava a negociação é a teoria do mau exemplo. A chanceler Angela Merkel ainda acha que outros países, como Espanha, Itália e Portugal, podem seguir o caminho da Grécia e forçar uma negociação mais branda de suas dívidas”, diz Nicola Tingas, fi-



VINCENT KESSLER/REUTERS

lho de gregos e economista-chefe da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi). O perdão para a Grécia, ainda que parcial, pode fortalecer os argumentos de partidos anti-Europa, como o chavista Podemos, da Espanha, com efeitos ainda piores para o futuro da União Europeia do que uma eventual saída da Grécia. Esse é o cálculo político que está em jogo.

O cumprimento à risca das medidas prometidas pelo governo grego é essencial para o país retomar o crescimento, sem o qual a reestruturação da



dívida terá eficácia apenas temporária. A alegação de que os dois pacotes de socorro acertados em 2010 e 2012 falharam — porque não impediram que a economia grega encolhesse 25% em seis anos e que a taxa de desemprego atingisse um quarto da população — omite o fato de que o dinheiro tinha o objetivo primário de afastar o risco de quebra dos bancos gregos e de estabilizar o sistema financeiro do país e da zona do euro, evitando que a crise se alastrasse. A missão de reconstruir as bases para o crescimento caberia essencialmente ao governo grego, por

meio da aprovação de reformas e do reequilíbrio das contas públicas com medidas como o corte de benefícios e o congelamento de salários do inchaço do setor público, além do aumento de impostos. Esse receituário levou a Inglaterra e a Espanha a reconquistar a confiança do setor privado e a retomar o caminho do crescimento sustentado. E é o que começava a se vislumbrar na Grécia até que o Syriza, partido de Tsipras, ascendesse ao poder no início do ano. Em 2014, o país conseguiu sair da recessão e chegou a crescer 1,5% no terceiro trimestre. O desemprego co-

PLANO B Juncker, com o cartaz do “não” do referendo grego, e o deputado anti-Europa inglês Nigel Farage (à esq.)

meçou a recuar, e os salários, a aumentar. “A Grécia precisa entrar em um processo de transformação, de acabar com privilégios e de deixar de ser tão ineficiente. Só que a cultura local não permite isso. Em muitos aspectos, os problemas são parecidos com os do Brasil”, diz Heni Ozi Cukier, sócio-fundador da consultoria Insight Geopolítico, de São Paulo. ■

COM REPORTAGEM DE ISABELLA DE LUCCA



Coisa de menina também

Esta incrível foto da skatista brasileira **LETICIA BUFONI**, 22, foi o plano B do fotógrafo da revista americana *ESPN*. A imagem que ele queria mesmo era a da atleta descendo uma rampa com o skate. O plano foi deixado de lado depois que ela rolou rampa abaixo, ralando-se toda e arruinando maquiagem e penteado. Nada de muito novo para Leticia, que já arrebentou na-

riz, pé, dedo, coxa e tornozelo e, para o ensaio, “estava coberta de base dos pés à cabeça para esconder os roxos”, disse a skatista. No próximo dia 17, ela disputa o WCS, espécie de copa do mundo do skate, torneio em que já foi campeã quatro vezes. A melhor esportista feminina de street, categoria que usa corrimões, escadas e calçadas, Leticia teve um início duro de carreira. “Aos 9 anos, meu pai quebrou meu skate. Dizia que era coisa de menino.”

Todas as mulheres de Kate

Da lista de figuras femininas mais importantes na vida de uma quase rainha constam sua irmã, geralmente a confidente, a rainha atual, a guarda-costas pessoal e, claro, a babá que cuida dos filhos herdeiros. No batizado de **CHARLOTTE**, a caçula de **KATE MIDDLETON**, todas tiveram seu lugar ao flash

PIPPA MIDDLETON de novo atacou de irmã mais nova. Como fez nos eventos mais fotografados da vida da irmã — o casamento e o batizado do filho **GEORGE** —, neste ela foi vestida quase igual a Kate. Lição da rainha **ELIZABETH**: ela nunca repete cor de roupa em festas anuais. Assim, as fotos não se parecem com as do ano anterior





O gol que Pelé não fez

"Por um cínico e deslavado milagre", a bola não entrou. Foi assim que Nelson Rodrigues descreveu o famoso "gol que Pelé não fez" contra a Checoslováquia na Copa de 1970. Do meio de campo, ele chutou a bola, que passou entre 20 e 50 centímetros da trave esquerda. Desde então, outros atletas concluíram a jogada, mas foi na final da Copa do Mundo feminina, disputada no último domingo contra o Japão, que **CARLI LLOYD** se sagrou a primeira mulher a realizá-la. Como se fosse pouco, Carli ainda fez um *hat-trick* — marcou três gols numa mesma partida — e ganhou a terceira Copa para os Estados Unidos. "Não tive a mesma sorte que ela. Não é a primeira vez que o aluno supera o professor", diz Pelé. A americana quer vencer a Olimpíada do Rio para só depois casar com seu namorado de infância.



PICTURE PERFECT/REX/GLOW IMAGES

Não se fiem nesse bigode

Por meio da investigação feita por um detetive particular, a cidade de Thousand Oaks, na Califórnia, descobriu que o ator **TOM SELLECK**, 70, vem roubando água de um hidrante de incêndio para abastecer sua propriedade rural. Segundo uma ação judicial movida contra Selleck e sua mulher, **JILLIE MACK**, desde 2013, período em que a Califórnia vive uma seca devastadora, um caminhão-tanque já fez ao menos doze viagens entre a fonte e o rancho do casal. A estiagem na região é tanta que os moradores foram obrigados a reduzir em 25% o consumo de água. A Justiça cobra de Selleck os 22 000 dólares pagos ao detetive que descobriu sua malandragem. Será que o detetive Magnum, vivido por ele na TV, cobraria menos?

JULIANA LINHARES. Com Karina Moraes



A babá espanhola **MARIA TERESA BORRALLÓ** estudou na mais antiga escola inglesa de babás, a Norland College, que fornece profissionais para os muito ricos e famosos. Lá, estudou artes marciais, história, psicologia, literatura, direção defensiva e, garantem, métodos para desviar com segurança carrinhos de bebê de paparazzi.



EMMA PROBERT, sargento da Scotland Yard, é a segurança de Kate desde 2010. Estava no banco da frente do Rolls-Royce que a levou a William, no casamento, e caminhou ao lado da duquesa no batizado. Como sempre, levava escondidos a Glock 9 milímetros, uma Taser, arma de dar choque, e o colete antifacadas.



AGORA É NA RETRANCA

A história de como o grande mecenas do Fluminense quase afundou a Unimed no Rio de Janeiro e agora luta para pagar dívidas e pôr as finanças em ordem

CECILIA RITTO E THIAGO PRADO

Com uma portentosa carteira de mais de 1 milhão de clientes, a Unimed Rio de Janeiro, a maior operadora de planos de saúde do estado e a oitava do Brasil, já foi a porção mais saudável do conglomerado de cooperativas médicas que compõe a Unimed Brasil. Não é mais, e,

segundo analistas do setor, os graves problemas que enfrenta decorrem em boa parte dos gastos excessivos do seu presidente, o médico Celso Barros, 62 anos — dentro e, principalmente, fora da empresa. Torcedor fanático do Fluminense, Barros despejou no time nada menos que 225 milhões de reais em patrocínios que começaram pouco depois de ele assumir a presidência do clube,

em 1998, e duraram quinze anos. Com essa quantia, contratou dezenas de craques, conquistou títulos e, ao mesmo tempo, sangrou a Unimed além da sua capacidade. No começo deste ano, com a operadora mirando a bancarrota, Barros orquestrou na Justiça uma tábua de salvação tão imprópria quanto sigilosa, a cujo trâmite VEJA teve acesso: sacou 350 milhões de reais de um fundo gerido pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) que tem por função garantir aos clientes serviços em caso de quebra de operadoras — algo inédito no universo dos planos de saúde. Agora, a ANS pôs um homem de confiança na Unimed para garantir que o fundo seja ressarcido, e o presidente da operadora começou, enfim, a tomar providências para arrumar as finanças.

Criado em 2001, a Peona, como é chamado o fundo, acumula 8 bilhões de reais em reservas, fruto de depósitos obrigatórios por parte das operadoras. Até hoje, quarenta planos de saúde ten-

REESTRUTURAÇÃO

Barros: manobras para obter recursos expuseram problemas como o novo hospital, que só deu prejuízo



taram usar uma parcela dos recursos em momento de dificuldade. Deles, 39 saíram de mãos abanando — a ANS negou o dinheiro. Também Barros ouviu um não, mas foi aos tribunais e obteve autorização para o saque. A agência recorreu ao Superior Tribunal de Justiça. Perdeu. Restou à ANS tentar assegurar que o fundo seja reembolsado. Foi por isso que nomeou em março uma espécie de interventor — sem usar o termo — para supervisionar o caixa. O tamanho do rombo da Unimed carioca ficou, então, evidente. Só à prefeitura do Rio, a operadora devia mais de 1 bilhão de reais em imposto sobre serviços (ISS); com a Receita Federal, a dívida batia em 200 milhões. Médicos e hospitais também reclamavam da falta de pagamento.

Segundo balanço da agência de classificação de risco Fitch, divulgado em abril, o déficit total da Unimed-RJ é de 1 bilhão de reais, resultado de maus investimentos, aí incluído o patrocínio ao Fluminense, encerrado em dezembro

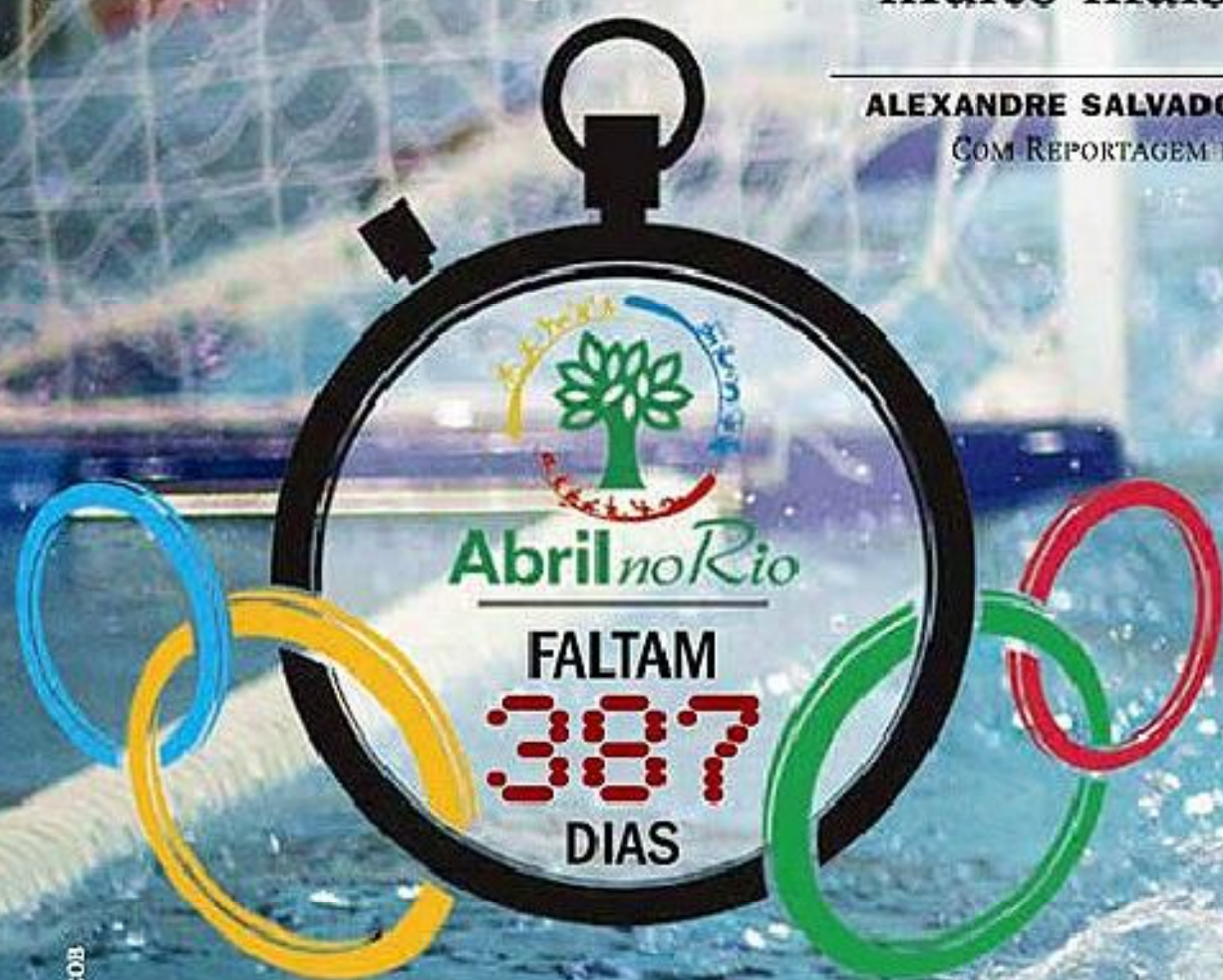
passado, e de outros gastos que se provaram equivocados. Um deles foi a compra da carteira de 160 000 usuários da Golden Cross em 2013, que obrigou a Unimed-RJ a ampliar o atendimento para além da cidade do Rio — expansão para a qual não estava preparada. Justamente nessa época a empresa passou a ocupar a primeira posição no ranking de queixas de beneficiários de planos de saúde. Outra decisão malograda foi a de investir 200 milhões de reais em um hospital próprio na Barra da Tijuca, Zona Oeste carioca. Inaugurado em 2012, ele nunca deu lucro. Com os problemas expostos, Barros contratou um executivo de fora, Alfredo Cardoso, para arrumar as contas da cooperativa. A dívida com a prefeitura foi reestruturada e o hospital está à venda por 400 milhões de reais. “Agora estamos preparando um plano para repor o fundo da ANS. Teremos uma proposta pronta até setembro. Os usuários podem ficar tranquilos”, afirmou Cardoso a VEJA.

Para Barros, um gastador emérito, não será fácil adaptar-se aos novos tempos de austeridade. O recém-lançado livro do ex-diretor de futebol do Fluminense Jackson Vasconcelos, *O Jogo dos Cartolas*, lembra uma frase muito repetida pelo grande mecenas do Fluminense: “No futebol não tem essa história de pagar dívida. No futebol se ganha campeonato”. Ele sempre abriu largo sorriso quando a torcida pedia a volta de algum ídolo aos gritos de “o Celso vai te comprar”. Dono de uma casa avaliada em 10 milhões de reais na Barra da Tijuca, dois carros blindados e um barco, o presidente da Unimed-RJ também é de tratar muito bem os amigos. Há cerca de cinco anos, reuniu a nata do Judiciário do Rio em um hotel em Angra dos Reis, com comida e bebida liberadas. “Tudo do bom e do melhor”, lembra um advogado convidado. Com esse currículo, gastar menos vai ser um duro aprendizado. ■

PARA QUE SERVE UM PAN?

Para pouca coisa. A um ano da Rio 2016, os Jogos de Toronto são ofuscados por uma série de torneios mundiais quase paralelos — como os de natação, vôlei e atletismo —, que oferecem mais chances de vaga para a Olimpíada e entregam marcas muito mais expressivas

ALEXANDRE SALVADOR, DE TORONTO (CANADÁ)
COM REPORTAGEM DE RENATA LUCCHESI



Medalhas subtraídas

O sucesso nos Jogos Pan-Americanos não é garantia de medalhas olímpicas um ano depois

Total de medalhas no Pan de Guadalajara (2011)

Quanto desses medalhistas repetiram pódio na Olimpíada de Londres (2012)

ESTADOS UNIDOS



236

13

5,5%

19

TORONTO 2015



CUBA



136

10

7%

CANADÁ



119

8

7%

BRASIL



141

13

9%

ÁGUAS CALMAS

A equipe masculina de polo aquático do Brasil — já classificada para a Rio 2016, por jogar em casa — venceu sua partida de estreia no Pan, contra o Canadá

Pode soar arrogante, mas talvez não seja muito errado apostar que o momento mais memorável dos Jogos Pan-Americanos de Toronto será o show de acrobacias e magia sempre precisas do Cirque du Soleil, uma invenção canadense, na cerimônia de abertura, na sexta-feira 10. Haverá algumas disputas emocionantes, choro em profusão, e certamente boa parte da delegação de 590 atletas brasileiros subirá ao pódio — torcendo para que os organizadores toquem o hino correto, porque na cerimônia de hasteamento da bandeira nacional na Vila dos Atletas as caixas de som emitiram as notas do cântico das Bahamas, levando os atletas a risos constrangidos, antes de o erro ser descoberto.

Um Pan, qualquer Pan, sempre é um torneio de marcas pouco expressivas, espremido entre competições mais decisivas. Do ponto de vista brasileiro, o torneio de Toronto carrega um paradoxo que o diminui ainda mais. Por anteceder a Olimpíada em casa, no Rio, era de esperar entusiasmo suplementar. Mas não. Em muitas modalidades, o Brasil tem vaga garantida por ser sede olímpica — ou seja, o bom desempenho no Pan seria indiferente. É o caso do polo aquático masculino, que conquistou no mês passado o inédito terceiro lugar na liga mundial, superando os Estados Unidos na disputa do bronze (os dois primeiros lugares ficaram com Sérvia e Croácia), e carimbou a vaga para o ano que vem. O vôlei também é vítima desse efeito colateral — a seleção masculina chegou ao Canadá com um time reserva, mais atenta às duras partidas da liga mundial. A equipe feminina, que o treinador José Roberto Guimarães anunciara com força total, também decidiu viajar com um grupo misto.

Em esportes individuais, como o atletismo e a natação, a competição é contra o relógio, em busca de tempos baixos. Como os atletas precisam alcançar índices olímpicos, é fundamental ter mais empenho em competições entre os

EXAGERO

A vitória da seleção de basquete de Oscar em 1987, contra os EUA, foi bonita — mas a equipe americana era universitária





melhores do mundo, que forçam resultados bons. “Nos Estados Unidos, ao atleta que já tem índice para os mundiais é dada a opção de não disputar os Jogos Pan-Americanos”, revelou a VEJA o técnico Michael Ford, da Universidade Baylor, que trabalha com uma das mais recentes revelações do esporte americano, o velocista Trayvon Bromell (veja o quadro na pág. 76), que não estará em Toronto. “É uma decisão sensata. Correr entre os melhores atletas do mundo traz mais maturidade.” Decisão semelhante tomou o nadador Cesar Cielo. O atual tricampeão mundial dos 50 metros nado livre decidiu abrir mão da competição continental para dedicar suas braçadas à preparação para o Mundial de Esportes Aquáticos de Kazan, na Rússia, em agosto. Dias antes do Pan, ele estava na França para encarar os adversários diretos por uma medalha em 2016, entre eles Florent Manaudou, que o venceu nos Jogos de Londres, em 2012.

“As várias competições do calendário acabam por prejudicar um pouco a força do Pan”, admite o superintendente de esportes do Comitê Olímpico Brasileiro, Marcus Vinicius Freire. O dirigente acredita que o novo patamar atingido pela elite do esporte brasileiro exige um comportamento mais parecido com o que já é praticado pelo comitê americano, que historicamente não envia aos Jogos Pan-Americanos seu time de elite — o maior medalhista olímpico de todos os tempos, por exemplo, o nadador Michael Phelps, nunca disputou um Pan. No passado, contudo, quando as competições eram menos numerosas, a disputa pan-americana foi celeiro de nomes que em seguida explodiriam para o mundo, como Mark Spitz (em Winnipeg, 1967) e Carl Lewis (San Juan, 1979), além de palco para o histórico salto de João do Pulo na Cidade do México, em 1975 (veja o quadro ao lado).

Existem, obviamente, exceções. Para o judô brasileiro, principalmente o feminino, a competição serve de treinamento forte contra adversárias diretas na disputa olímpica. Haverá, nos próximos dias, embates duríssimos entre Mayra Aguiar e a

Exceções que confirmam a regra

Três grandes momentos de atletas excepcionais em Jogos Pan-Americanos



MARK SPITZ

WINNIPEG, 1967

Com apenas 17 anos, ganhou cinco provas. Tinha tudo para explodir na Olimpíada da Cidade do México, no ano seguinte. Fracassou, sem nenhuma conquista individual. Mas em Muni-

que, em 1972, com sete medalhas de ouro, virou lenda — só foi superado, recentemente, por Michael Phelps.

JOÃO DO PULO

CIDADE DO MÉXICO, 1975

Auxiliado pela altitude da capital mexicana, o brasileiro bateu o recorde mundial com um salto triplo espantoso. Cravou 17,89 metros, meio metro a mais que a marca anterior, do soviético Victor Saneyev. O título de João do Pulo parecia inalcançável — só foi superado dez anos depois.



CARL LEWIS

SAN JUAN, 1979

A medalha de bronze no salto em distância foi o prólogo das nove medalhas olímpicas de ouro. Era para Lewis estourar em Moscou (1980), mas o boicote imposto pelos EUA adiou por quatro anos a explosão do gênio. Lewis, já campeão olímpico, disputaria também o Pan de 1987 (foto).



Uma sombra para Bolt

O velocista americano Trayvon Bromell, de 20 anos recém-completados, é a prova da conveniência de olhar para fora do Pan em busca de grandes marcas — ele não participará dos Jogos de Toronto, pois está concentrado para o Mundial de Pequim, em agosto. Bromell, para usar um atalho didático, é o nome cotado para superar Usain Bolt no

Rio em 2016, desde que siga a trilha que o trouxe tão rapidamente ao cume. No mês passado, ainda com 19 anos, o jovem nascido na Flórida atravessou os 100 metros rasos em 9s84, marca que o pôs na lista dos dez tempos mais rápidos da história. Na mesma idade, nenhum de seus concorrentes mais velhos conseguiu ser tão veloz (veja abaixo) — nem mesmo Bolt, embora seja fundamental ressaltar que, até os 20 anos, o jamaicano se dedicava aos 400 metros, e não aos 100 metros.

Bromell é atleta da Universidade Baylor, no Texas, a mesma escola que formou o gigante Michael Johnson, dono de quatro medalhas olímpicas de ouro e ainda recordista mundial dos 400 metros (resultado obtido em 1999). “Bromell tem uma característica comum aos melhores de todos”, disse a VEJA o veterano treinador Clyde Hart, responsável pela construção de Johnson e agora dedica-

do aos prodígios no Texas. “Ele consegue manter total concentração na prova, alheio aos fatores externos, frio como poucos.” Além dos nervos de aço, o garoto recém-saído da adolescência, de apenas 1,75 metro (estatura baixa para provas rápidas), tem uma vantagem em relação a Bolt: o ótimo tempo de reação na largada. Especialistas em biomecânica compararam-no a outros em seu patamar e verificaram que Bromell, a grande esperança americana, é 5% mais rápido na saída do bloco.

E o que significa quebrar a marca dos 10 segundos muito antes que todos os seus concorrentes, numa prova virtual que o põe em primeiro lugar? Por ora, nada além da especulação, ainda que com alguma certeza. “Significa que ele tem um futuro brilhante, mas não podemos colocar a pressão em seus ombros neste momento — não dá para dizer que ele quebrará o recorde mundial ou mesmo que será campeão olímpico”, ressaltava Clyde Hart. Bromell mantém as sapatilhas grudadas no chão, discreto. “Estou animado só de ir a Pequim e ficar ao lado dos cachorros grandes”, diz.

Talento precoce

Comparado aos melhores velocistas do mundo, o americano Trayvon Bromell foi o mais rápido nos 100 metros rasos aos 19 anos



*Aos 19 anos, o jamaicano Usain Bolt ainda corria os 400 metros rasos



OPÇÃO

Cesar Cielo preferiu as disputas mais acirradas do Mundial de natação de agosto, na Rússia

americana Kayla Harrison, algoz da brasileira e medalha de ouro em Londres; entre Maria Portela e a colombiana Yuri Alvear, a atual campeã do mundo; e entre Rafaela Silva e a americana Marti Malloy. Em alguns casos, entra em ação o componente psicológico. Torben Grael, treinador-chefe da equipe brasileira de vela, decidiu que seria bom para sua filha, Martine, e a parceira de barco dela, Kahena Kunze, participar do Pan, mesmo que a disputa não seja forte tecnicamente. “O Torben não queria que a Martine vivesse em casa, no Rio, a primeira experiência em competição multidisciplinar, especialmente sendo líder do ranking mundial e favorita à medalha”, afirma Freire, do COB. Trata-se, aqui, da convivência inaugural com a vitória (ou a derrota), tendo centenas de outros esportistas ao lado.

O retrospecto, tanto o recente quanto o histórico, sugere o necessário distanciamento do frenesi criado pela chuva de medalhas do Pan, que virá, inevitavelmente — ela não se repete na Olimpíada. Em muitos casos, as conquistas foram exageradamente celebradas. Mesmo a vitória da seleção masculina de basquete, em 1987, no Pan de Indianápolis, contra os Estados Unidos, deve ser revisitada e posta em perspectiva. A equipe liderada por Oscar Schmidt surpreendeu ao derrotar os americanos, mas o time adversário era fraco, formado essencialmente por universitários inexperientes. Na Olimpíada seguinte, o Brasil ficou em quinto lugar. Não foi ruim, mas não foi o pódio anunciado com pompa e circunstância no ano anterior.

A certeza de resultados irrelevantes no Pan parece ter servido de atalho para que os moradores de Toronto pouco se interessem pelo torneio. Quase metade dos ingressos não foi vendida. Há muito mais entusiasmo com as notícias dos Raptors, a equipe de basquete que disputa a NBA, com o Blue Jays do beisebol e com o time de futebol, o Toronto F.C., que participa da liga americana. O Pan pouco mudou a rotina da cidade. A Vila Pan-Americana, encravada em um local turístico, o Distillery District, um centro comercial descolado, com a cara do Meatpacking nova-iorquino, passa despercebida. A expectativa dos organizadores é que Toronto, tendo realizado o Pan, mesmo opaco, possa depois ter o direito de abrigar também a Olimpíada, como fez o Rio. ■



Abril no Rio

Patrocínio:

NISSAN

oBoticário
Aqui a vida é linda



Bradesco

vivo



A TOCHA DA AUSTERI

Com patrocínios em baixa e despesas em alta, o Comitê Rio 2016 passa a tesoura em gastos e mordomias para equilibrar as contas. O mais difícil é equilibrar os egos

CECÍLIA RITTO



Quando o Rio de Janeiro derrubou pesos-pesados como Chicago e Tóquio e venceu a disputa para sediar os Jogos de 2016, os olhos do mundo se viraram com otimismo para um emergente Brasil. Em 2009, o ano da escolha carioca, com a crise mundial a emperrar as grandes economias, apostava-se que patrocinadores afluiriam aos montes à medida que o projeto olímpico tomasse corpo. Feitas as contas, porém, percebeu-se

que entrou menos dinheiro no caixa do comitê organizador local do que se esperava a um ano do grande espetáculo — algo em torno de 400 milhões de reais abaixo do projetado nos tempos em que o Cristo Redentor disparava como um foguete na capa da revista inglesa *The Economist*. Um misto de burocracia e marasmo econômico dentro e fora do país espantou as empresas. Obstáculos que não estavam no roteiro atrapalham: atolada no escândalo de corrupção e mau uso dos investimentos, a Petrobras até agora não pingou 1 centavo, frustrando a expectativa de contri-

buir com pelo menos 60 milhões de reais para o abastecimento da frota. Os patrocínios não são a única razão, mas a principal, para o comitê, preocupado em não entrar no vermelho, rever o plano original e passar a tesoura em uma lista de itens à qual VEJA teve acesso.

O comitê organizador é responsável por transporte, alimentação e acomodação dos envolvidos na engrenagem olímpica, de funcionários a atletas, bem como pelos equipamentos esportivos e instalações nas arenas. O peso da navalha se fará sentir em todas essas áreas. Era isso ou correr o risco de ver o orçamento de 7,4 bilhões de reais estourar em quase 1 bilhão até o fim do ano. “Para manter o caixa em ordem, não havia escolha”, diz o diretor financeiro do comitê, Wilson Risolia. A “praia olímpica”,



PEDRO LADIERA/FOLHA PRESS



RICARDO MORAES/REUTERS

TODO MUNDO NA FOTO Apresentação da tocha olímpica em Brasília na presença de Dilma, Nuzman, Paes e do governador do Rio, Luiz Fernando Pezão: conta muito além do previsto na Vila dos Atletas (acima)

que são justamente essas pessoas que elegem o presidente do COI”, explica um dirigente que, por motivos óbvios, prefere não se identificar.

Nenhuma das esferas de poder engajadas na organização quer que a Olimpíada de 2016 se torne palco de gastança — a começar pelo COI, que aspira a fazer do Rio uma vitrine para Jogos mais austeros. O número de interessados em arcar com os gastos da competição vem caindo. Noruega e Suécia, por exemplo, barraram os Jogos de Inverno de 2022 por considerá-los caros para tempos de economia em baixa. As chances agora oscilam entre Pequim, onde quase não neva, e o Cazaquistão, onde falta acomodação. Hamburgo, Berlim e Paris já manifestaram simpatia em abrigar a Olimpíada pós-Tóquio, em 2020, mas isso só aconteceu depois de Thomas Bach pôr à mesa a ideia de uma empreitada mais modesta e com legado sólido — o saldo que espera do Rio. Gastar mais do que o previsto, portanto, não está nos planos do COI, nem dos governos federal, estadual e municipal. São eles os fiadores dos Jogos; se o comitê extrapolar, deverão cobrir o buraco. E já deram sinais de que não querem pagar a conta.

Um respiro virá se empresas prestes a fechar patrocínios — que com as ver-

bas do COI e a venda de ingressos compõem boa parte do orçamento do Comitê Rio 2016 — efetivamente assinarem os contratos. Mas isso depende, entre outros detalhes, de desemperrar a burocracia. O governo estadual acenou com um alívio nos impostos para atrair patrocinadores, só que ainda nada fez. Enquanto isso, o comitê, presidido por Carlos Arthur Nuzman, tenta equilibrar as finanças em meio a gastos com os quais não contava. A despesa maior é com o aluguel que terá de pagar na Vila dos Atletas pelos apartamentos, mesmo desocupados, antes e depois da Olimpíada, quando serão remodelados para venda. A cifra definida no dossiê de candidatura — 50 milhões de reais — quintuplicou graças a uma brecha jurídica acionada pelo consórcio dono dos prédios.

Há poucos dias, a presidente Dilma Rousseff esteve no Rio para tratar da Olimpíada. Até pouco tempo atrás, esse vocábulo não tinha vez no Planalto, que empurrou várias de suas atribuições originais para a prefeitura carioca. Pois agora tem. Enredada em más notícias e em vexaminoso índice de popularidade, a presidente quer ter nos Jogos uma “agenda positiva” — e isso não combina com gastos estratosféricos. A estratégia federal a partir de agora será tentar apresentar o evento como uma conquista nacional, descolando-o, na medida do possível, do prefeito Eduardo Paes. Ao fim de uma reunião com todos os caciques olímpicos presentes, Dilma se despediu dizendo: “No mês que vem, eu volto”. ■

DADE

que faria das areias de Copacabana um imenso complexo ligando vôlei e triatlo, se limitará a duas arenas. No Riocentro, palco do boxe e do tênis de mesa, a arquibancada encolheu 15%. Também os eventos-teste, a partir de agosto, terão menos público e regalias — cavalos para o hipismo, só os nacionais mesmo. Nos quartos dos atletas não haverá TV nem ar-condicionado. Um ponto da lista foi avaliado pelo próprio presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o alemão Thomas Bach, por ser considerado “sensível”: a comida. O comitê errou nas contas, botou o valor lá embaixo e não atraiu fornecedores à licitação. Agora, terá de oferecer a todos um menu igual, tirando das salas vips — dos dirigentes — champanhe, vinho e outros mimos. “É um item delicado por-



REPAGINADA A Floresta da Tijuca, no meio do Rio: abaixo, os bugios que devem ser inseridos no habitat ainda neste ano e um carcará, ave que já é comum desde o início do reflorestamento da região, tomada por fazendas no passado



Parque Nacional da Tijuca

ÁREA	3 953 hectares (o equivalente a 318 estádios do Maracanã)
TIPO DE VEGETAÇÃO	Mata Atlântica
FAUNA	328 espécies (como tucanos-do-bico-preto , macacos-prego e quatis)
FLORA	1 619 espécies (como bromélias , palmitos-juçara e cedros)
PONTOS TURÍSTICOS	Pico da Tijuca, Corcovado e Pedra da Gávea





FOTOS VITOR MARIGO

A VIDA DE VOLTA À FLORESTA

Ambicioso projeto pretende resgatar a fauna original do Parque Nacional da Tijuca, pedaço reflorestado da Mata Atlântica no Rio que foi mandado plantar por dom Pedro II

JENNIFER ANN THOMAS

A Floresta da Tijuca, no coração do Rio, serve de emblema do conflito entre progresso e natureza que marca a história do Brasil desde o descobrimento, em 1500. “Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado da ignorância; com o andar do tempo faltarão até as chuvas fecundantes, que favorecem a vegetação”, previu o estadista, naturalista e poeta José Bonifácio em 1823, ao ver a Tijuca sendo desmatada. Por séculos, a floresta foi devastada para dar lugar a cafezais. Bonifácio foi tutor de Pedro II, e influenciou as ideias ambientalistas do último imperador do país. Foi de Pedro II a iniciativa de reverter a situação da Tijuca. Em

1861, antes mesmo da criação do simbólico parque de Yellowstone, nos Estados Unidos — marco do início das preocupações conservacionistas no planeta, ideia tão em voga hoje —, o imperador expulsou fazendeiros e instituiu a área protegida da Floresta da Tijuca. O local estava desflorestado, e levou um século para, em 1961, a flora ser resgatada e a região virar um parque, que ocupa 3,5% do território da capital fluminense (veja ao lado) e é considerado a maior floresta urbana replantada do mundo. O habitat, porém, ainda é tido como “morto” por ambientalistas, pois, se há nele

1 619 espécies de planta, faltam animais. A boa notícia: teve início um extraordinário esforço para recriar a Mata Atlântica original. Desta vez, o que se quer é reviver a fauna da Tijuca.

Passado mais de meio século de sua criação, o parque continua a enfrentar a destruição humana. Hoje, a pressão urbana sobre a floresta vem de incêndios provocados pela queda de balões, do extrativismo ilegal da flora, da caça a animais exóticos para comercializá-los no mercado negro e do avanço de favelas do entorno, a exemplo da Rocinha e da Dona Marta. “A volta dos animais, principalmente os de porte maior, fará com que as pessoas entendam que aquilo é uma floresta e que, portanto, deve ser protegida”, explica o biólogo Ernesto Viveiros de Castro, diretor do parque.

Castro coordena o projeto de reintrodução das espécies. Já foram realocadas na floresta, em parceria com pesquisadores, como os da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aves e cutias. O próximo passo, o mais ousado, será levar um grupo de cinco bugios, macacos de pelagem colorida, que pesam até 10 quilos e cujo “ronco” (um grito forte e grosso) os caracteriza. “Além de terem o papel fundamental de dispersar sementes diversas, algo essencial para o balanço do ambiente, os bugios, com seu barulho, farão a população notar de vez a vida na floresta”, aposta Castro.

Os animais estão sendo preparados em cativeiro no Centro de Prima-



FOTOS MINDEN PICTURES/ LATINSTOCK E VITOR MARIGO



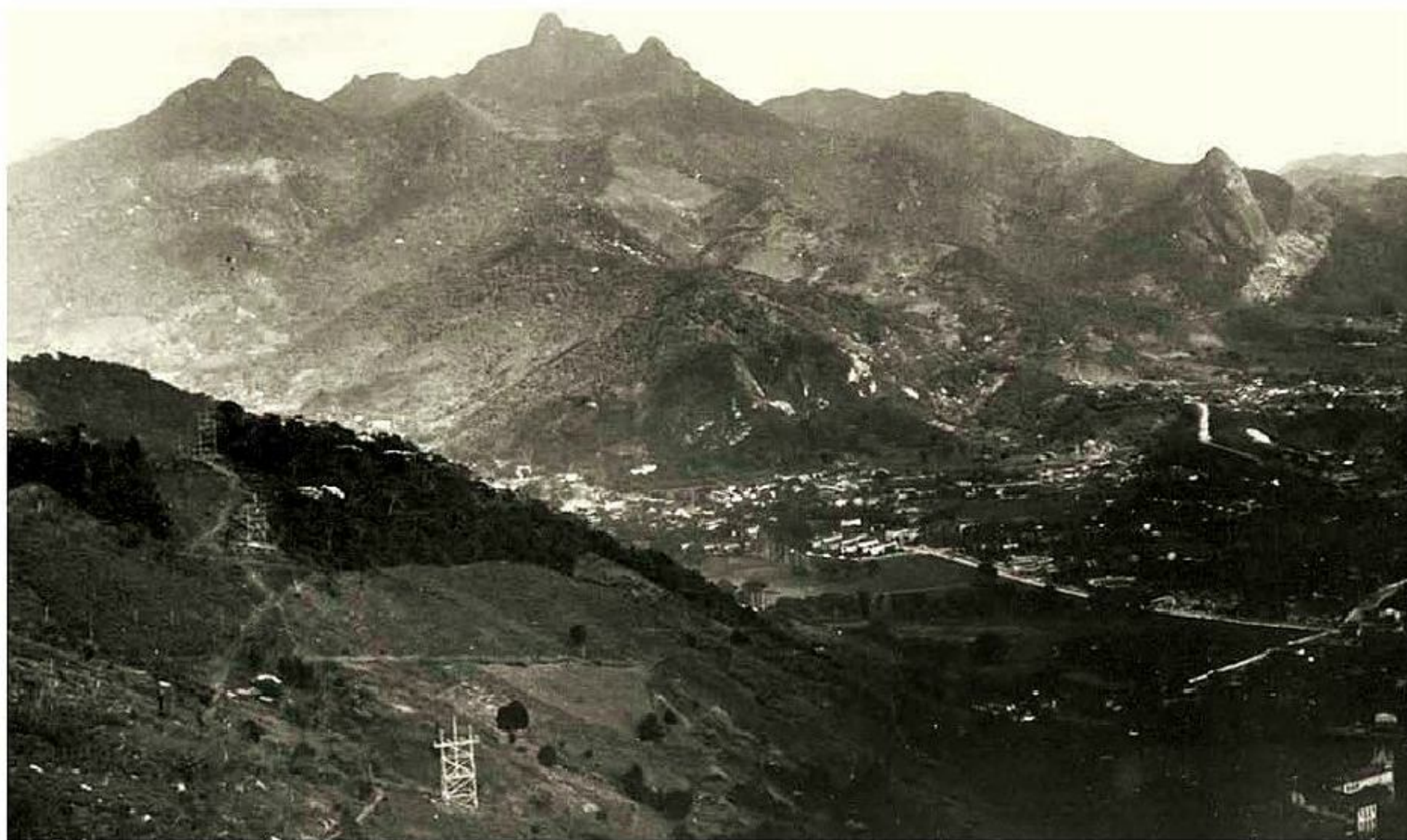
THE BRIDGEMAN/KEYSTONE BRASIL

tologia, em Guapimirim, a 84 quilômetros da capital, para retornar à natureza até o fim deste ano. VEJA teve acesso exclusivo aos planos de reviver a Tijuca, um projeto de 3 milhões de reais. “A mata está recuperada, mas sem os bichos não há o mesmo valor, pois são eles que dão força e estabilidade ao bioma”, afirma Castro. Sem eles, as sementes das árvores não se dispersam, o que, eventualmente, levaria ao desaparecimento das plantas — ou exigiria um esforço contínuo de plantio de novas mudas. Com os bugios, o objetivo é realizar três solturas nos próximos três anos, sendo a primeira até o fim de 2015. Nesta leva serão cinco exemplares, sendo quatro adultos — os machos Hanuman e Chico e as fêmeas Kala e Maia — e um jovem, César. Dois dos mais velhos nasceram em cativeiro, enquanto os

outros três são fruto de apreensões do Ibama — César, por exemplo, era animal de estimação de um dos maiores traficantes de drogas do Rio.

Antes de levá-los à floresta, biólogos adaptam a dieta dos animais, ensinam os macacos a achar comida na mata e também a se impor em território selvagem. Quando libertados, os bugios serão monitorados por colares dotados de um equipamento de GPS. Há, porém, um grande risco de a iniciativa não vingar, e os biólogos envolvidos admitem a provável falha. De comportamento de bando, os bugios podem se separar acidentalmente e, se isso ocorrer, provavelmente morrerão de fome. Outros animais, como os macacos-prego, também podem não receber bem os novos e imponentes habitantes, o que costuma gerar conflitos. Por fim, a fiscalização falha talvez não dê conta de combater caçadores ilegais.

A reintrodução de espécies em seus habitats é uma iniciativa arriscada. Experiências internacionais apontam para uma probabilidade de erro em torno de 70%. Em outras palavras, de cada dez tentativas de voltar com uma espécie para a natureza, apenas três deram certo. Caso emblemático (pelo lado negativo) foi a realocação de lobos-cinzentos na reserva de Yellowstone, nos Estados Unidos. Por sete décadas o lobo foi considerado extinto naquela região, e o único predador no topo da cadeia alimentar era o urso-cinzento. Quando o lobo voltou, as duas espécies começaram a disputar caça e território. Houve relatos de conflitos diretos entre lobos e ursos. Hoje, eles convivem, mas não em um balanço ideal, e o projeto de reintrodução não é considerado totalmente bem-sucedido.

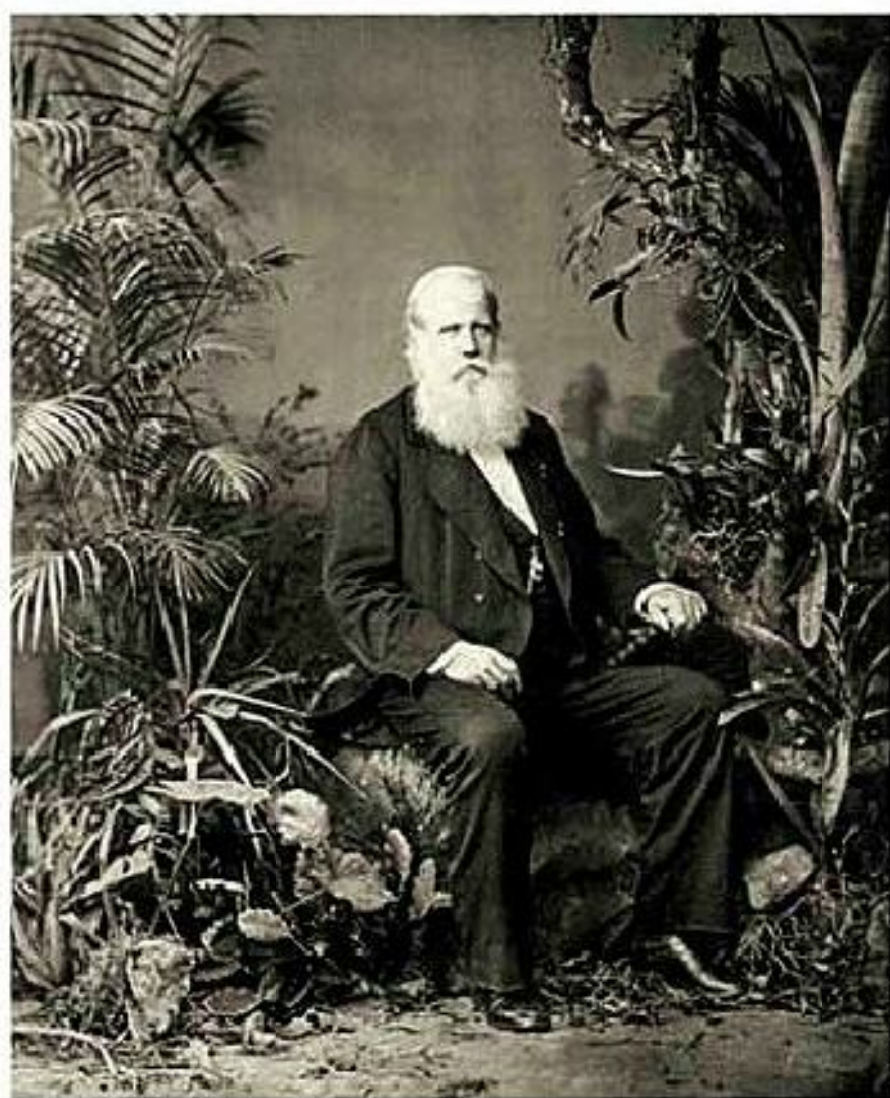


MARC FERREZ/IMS

HISTÓRICO DE CONFLITOS

A Tijuca ficou entre a destruição e a recuperação: no século XIX, cafezais devastaram a área, como mostra a pintura Desmatamento de uma Floresta, de Johann Moritz Rugendas; acima, foto de Marc Ferrez, de 1885, no reflorestamento; à direita, o imperador Pedro II, que iniciou o projeto ambientalista

Por que apostar em tática tão arriscada na Tijuca? As expectativas de sucesso são altas justamente por se tratar de uma floresta reconstruída. A área tem servido de laboratório ambientalista por séculos. O replantio foi efetivo e, se os biólogos fizerem o trabalho com calma, tudo indica que a reintrodução de animais poderá ter final feliz. Por mais irônico que possa parecer, colabora ainda o fato de se tratar de uma floresta urbana, ou seja, no coração de uma metrópole. Como não se aventuram pelas ruas da cidade (comportamento só visto em desenho animado), não há como os animais fugirem da mata e se dispersarem para outros lugares, des-



HARALD SCHULTZ/FBN

trutivos. Mesmo se tiverem a ousadia de se misturar aos humanos, as cutias e os bugios (e será assim com toda espécie inserida no habitat daqui para a frente) podem ser recuperados com o apoio de GPS e radiotransmissores.

Caso as três levas de bugios se adaptem corretamente, a intenção do projeto

é continuar com a realocação de animais em cativeiro. Os próximos a chegar devem ser um grupo de três espécies de ave, os araçaris-banana, os araçaris-de-bico-branco e os trinca-ferros. A longo prazo, o objetivo é aumentar o número de espécies até atingir o patamar original, no padrão de uma Mata Atlântica crua. Para se ter uma ideia, hoje há 63 tipos de mamífero na Tijuca. A meta mais ambiciosa é chegar no mínimo ao dobro, próximo à média de um habitat similar.

Se o plano der certo, poderá servir de modelo de recuperação da Mata Atlântica brasileira, que em sua origem tomava 15% do Brasil, incluindo todo o Estado do Rio de Janeiro. Após 515 anos do descobrimento pelos portugueses, sobraram apenas 12,5% de toda a extensão natural da mata no país. No Rio, menos de 20% da área do estado é hoje florestada. “Um dos maiores sonhos dos ambientalistas brasileiros é reverter esse cenário, e queremos ser a inspiração para isso”, diz Castro. “Aliás, somos ambiciosos, pois pretendemos virar um laboratório com bons exemplos para qualquer projeto de reflorestamento e recuperação de animais no planeta”, conclui o biólogo. ■



KEEP CALM E FECHE A TORNEIRA

DICAS PRÁTICAS E IDEIAS PARA LIDAR COM
A ÁGUA EM CASA, NA CIDADE, NO PLANETA!

ESTE MATERIAL É PARTE INTEGRANTE DAS REVISTAS VEJA E NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL DE MAIO E JUNHO E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.



MANUAL DE ETIQUETA

Água

PERGUNTAS E RESPOSTAS
PARA VIVER BEM COM MENOS ÁGUA
E SEM PERDER A CALMA

ÁGUA TEM PRAZO DE VALIDADE?

E SE O VIZINHO NÃO COLABORAR?

ESSA CRISE VAI DURAR?
O QUE APRENDEMOS COM ELA?



**BAIXE GRÁTIS E COMPARTILHE O NOVO
MANUAL DE ETIQUETA DO PLANETA!**

Realização



“Já nasci
pilhada.
Minha mãe deve
ter feito tanta
loucura quando
estava grávida que
o efeito passou
para mim”

A fruta da estação

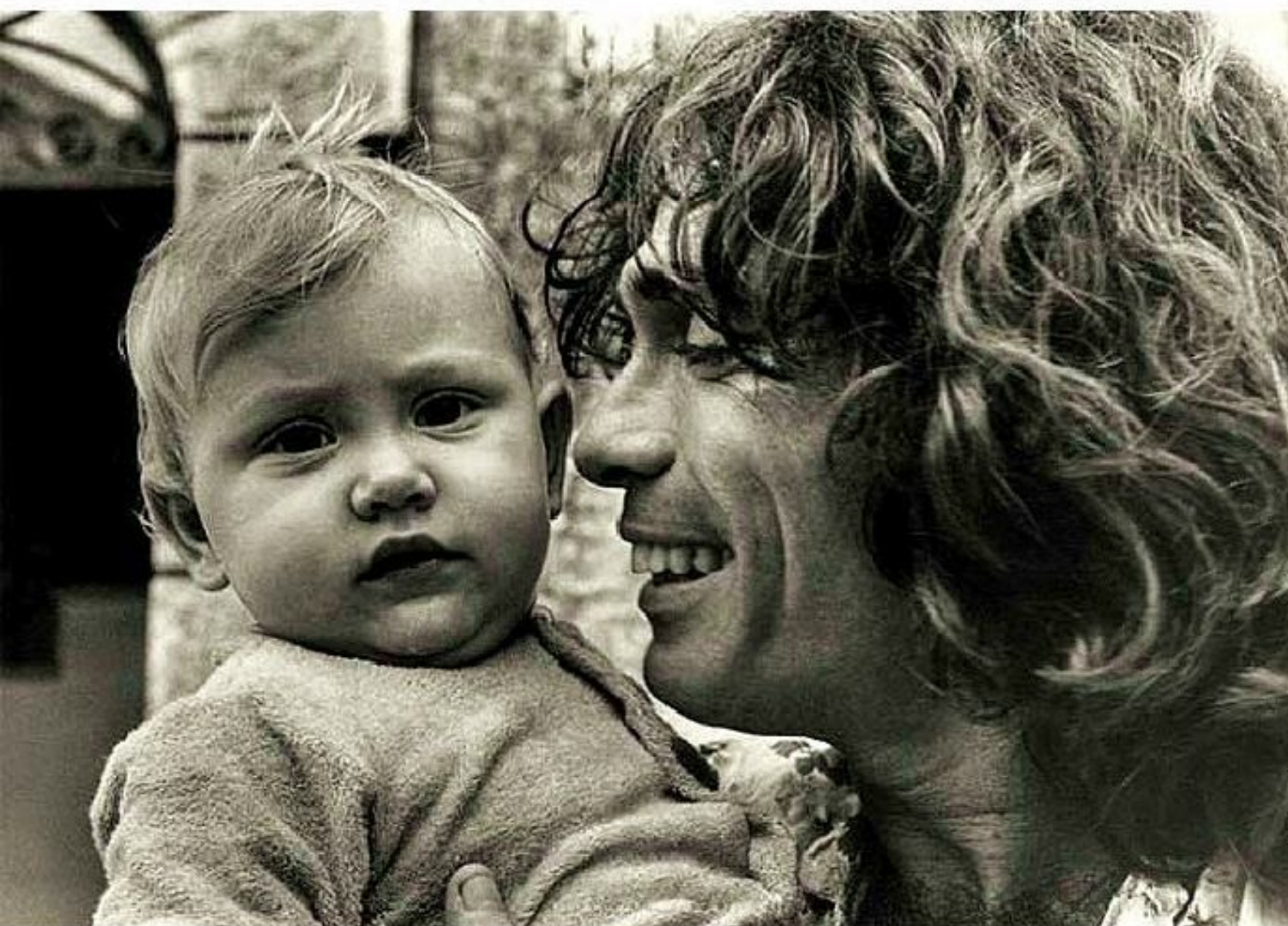
Criada em um lar tropicalista (e bem doido), Amora Mautner se converteu na mais festejada diretora da Globo. Sua nova ousadia: gravar a próxima novela das 9 como um reality show

MARCELO MARTHE

Tempos atrás, a carioca Amora Mautner se consultou com Mãe Carmem, herdeira do terreiro do Gantois, na Bahia. Ao jogar os búzios, a mãe de santo se intrigou: Amora lhe pareceu “calminha” demais para uma filha de Xangô e Iansã, orixás de temperamento explosivo. “Calminha, eu? É só por respeito que estou aqui ajoelhada e calada”, reagiu ela. Quem convive com Amora na vida pessoal ou no trabalho como diretora de núcleo da Globo sabe do que ela fala. Filha do mentor e malquete do tropicalismo Jorge Mautner e da etimologista Ruth Mendes dos Santos, ela é produto das agitações dos anos 70. “Já nasci pilhada. Minha mãe deve ter feito tanta loucura quando estava grávida que o efeito passou para mim”, diz.

BENDITA LOUCURINHA

Amora Mautner: ela é poderosa, pegadora — e ainda ganha um salário de 150 000 reais



ADRIANA VENEZIANO

FAMÍLIA COLORIDA O bebê Amora no colo de Jorge Mautner, na década de 70: terapia desde os 7 anos para superar o estrago de ver o pai andar peladão em casa

Na TV, esse turbilhão candomblecista e pós-tropicalista tem se revelado funcional. Aos 40 anos, Amora é a fruta da estação na teledramaturgia da Globo. Garimpadora de novas técnicas de gravação, ela teve papel relevante no sucesso de *Avenida Brasil*, trama de 2012 que foi um marco na renovação do gênero. A novela de João Emanuel Carneiro tinha entre seus trunfos a balbúrdia suburbana na casa do ex-jogador Tufão. Aquele jogral caótico, no qual os atores falavam de improviso ao mesmo tempo, foi uma invenção típica da “Amoralândia”, a peculiar usina de inovações que é a mente da diretora (confira o quadro à direita). No próximo folhetim das 9 da emissora, *A Regra do Jogo*, também de autoria de Carneiro, sua aposta no coloquialismo ruidoso vai redobrar. A novela terá ares de reality show: câmeras serão escondidas no cenário, com o intuito de fazer com que os atores se movam com maior naturalidade. Nem uma mãe de santo poderia prever se uma ousadia assim vai vingar. Mas o histórico de Amora e Carneiro inspira confiança. “Posso me dar bem ou quebrar a cara de um jeito bizarro”, diz ela.

A Regra do Jogo estreia em 31 de agosto com a missão de tapar a cratera aberta no ibope pela desastrosa Ba-

bilônia. A diretora jura que não sente a pressão, mas debate-se com outro fator de stress: o medo de seu trabalho não fazer jus à trama de Carneiro. O jeito é recorrer aos milagres da medicina. “O texto do João é um negócio de maluco. A cada capítulo que leio, tenho de tomar um Frontal antes de dormir. O que eu posso fazer? Frontal é legalizado”, diz a falante diretora, referindo-se a um ansiolítico.

Segundo Amora, a inquietude existencial foi um traço estimulado por seus pais — especialmente o caldeirão de sincretismos quânticos chamado Jorge Mautner. Desde cedo, o pai instigou os hábitos de leitura da filha. “Eu aumentava a mesada toda vez que Amora lia um livro. Começou com Monteiro Lobato, mas logo ela passou a ler de Simone de Beauvoir a Bertrand Russell.”

Nem tudo foram flores na convivência com o pai. Aos 7 anos, Amora foi fazer terapia para lidar com um efeito adverso da criação em um lar tropicalista: ver o pai peladão o tempo todo fez mal para sua cabeça. Ela conta que até brincava com um, digamos, detalhe anatômico do pai. “Para eles, era tudo normal. Coisa de índio”, diz Amora. Mautner faz um mea-culpa. “Se eu sou-

Por dentro da “Amoralândia”

A diretora Amora Mautner foi responsável por expedientes que inovaram a gravação das novelas — e fará sua aposta mais ousada na próxima trama das 9, *A Regra do Jogo*

CORDEL ENCANTADO (2011)

A fotografia luxuosa, com textura de película de cinema, conferiu uma embalagem harmônica à história que misturava universos improváveis — cangaço com realce europeia. Seu sucesso pôs a fantasia em voga no horário das 6



AVENIDA BRASIL (2012)

A balbúrdia suburbana na casa do ex-jogador Tufão (Murilo Benício) representou um avanço em matéria de registro realista. Batizada de “cama de sujeira”, a invenção consistia em temperar os diálogos com intromissões improvisadas dos atores





JOIA RARA (2013)

O Nepal suntuoso que emerge da tela é todo de mentirinha. A diretora apagou da paisagem o casario feioso da capital do país, Katmandu, além de emoldurar seus templos com montanhas que não existiam ali. Os monges em cena eram reais, mas usavam figurinos da Globo



A REGRA DO JOGO (estreia em agosto)

A novela de João Emanuel Carneiro será gravada como um reality show. À maneira do *Big Brother Brasil*, as câmeras ficarão escondidas no cenário. A ideia é fazer com que os atores se movam com radical naturalidade. A técnica da "caixa cênica" deverá ser patenteada pela Globo

besse que faria mal a ela, nunca teria feito isso. Vivo ajoelhado aos pés da cruz, em eterna penitência", diz.

Sendo filha de quem é, foi natural para Amora crescer dentro da teia de relações da elite cultural no Rio. Entre seus amigos, desde sempre estão os filhos de Gilberto Gil e Caetano Veloso. O primeiro namorado já era uma celebridade: aos 16 anos, ela se iniciou no amor com o galã Fábio Assunção. "Para quem vinha de uma família tão doida, até que demorei para perder a virgindade. Fui praticamente uma mulher do século XVIII", diz. A coisa encrespou quando Amora, pouco depois de completar 18 anos, trocou o então jovem ator por um homem com mais de 50 anos. O pai virou uma arara. "Ele falou que eu estava querendo namorar um homem mais velho porque tinha um problema freudiano é com ele. Virou o maior dos caretas", conta.

A fila andou — e como — na vida de Amora. Ela foi mulher do ator Marcos Palmeira (pai da filha Julia, de 7 anos) e anuncia o casamento com sua paixão atual: Arnon de Mello, filho do ex-presidente Fernando Collor e de Lilibeth Monteiro de Carvalho, expoente do high society carioca. "Sempre quis um príncipe. Serei uma noiva tradicional", diz. Mas, em se tratando de Amora, a tradição tem seu lado inesperado: "Estou quase ficando com Arnon e Lilibeth

juntos, de tanto que a amo. Fiz duas badaladas para ela lá em casa".

As festas na Amoralândia, aliás, são animadas. "É tudo o que Ibiza queria ser: música disco e loucurinha", diz. A lista de convidados vai da sogra à atriz Carolina Dieckmann. "A Carolzinha era careta até me conhecer", conta. Para Amora, o Rio é uma festa até no horário do expediente. Enquanto dava entrevista a VEJA, em um restaurante na Barra da Tijuca, ela interrompeu a conversa ao encontrar o cantor Zeca Pagodinho. "Gênio, eu te idolatro", disse. Em seguida, deu um rolezinho com o sambista pelo restaurante, para negociar a participação dele na festa da novela e tratar de outros babados.

Alguma dose de loucurinha também faz parte de seu método de trabalho. Tome-se o jeito como ela convenceu o ator Alexandre Nero a encarnar o protagonista de *A Regra do Jogo*, Romero Rômulo. Após fazer o Comendador de *Império*, Nero estava cansado e não queria nem saber do convite. Sem achar ninguém para a vaga, ela focou o Frontal e se atirou na presa. "Num telefonema muito tropicalista, eu disse que me ajoelhava para ele passar uma horinha no estúdio comigo", afirma. Nero achou graça em sua abordagem "muito louca" — e acabou cedendo.

Amora credita o êxito como executiva a um traço improvável sob sua pele folclórica: o pendor para general. A novela nem começou e já se contabilizam três baixas em sua equipe por não aguentar a pressão. Isso sem botar na conta a saída do ator Murilo Benício, que faria o papel que acabou nas mãos de Nero. "Ele apresentou, simbolicamente, uma energia menos propícia ao que considero necessário para um trabalho dar certo", diz ela.

A moral da moça na Globo está estampada em seu holerite: ela embolsa 150 000 reais mensais. Perdulária, Amora abriu mão de controlar a própria conta depois que estourou seu cartão de crédito comprando dois contêineres de mobília numa loja em Nova York. A amiga Flora, mulher de Gilberto Gil, estava junto e a socorreu. Após o episódio, Amora entregou a administração de seu dinheiro à empresa da família Gil. Na hora de zelar pelos frutos do trabalho, até loucurinha tem limite. ■



FOTOS DIVULGAÇÃO/TV GLOBO



Dores do crescimento

A paupérrima adaptação de *Cidades de Papel*, de John Green, põe em relevo a importância do cineasta John Hughes, de *Clube dos Cinco*, que entendeu a adolescência como poucos

ISABELA BOSCOV

O escritor americano John Green, de 37 anos, é um caso raro: combina uma prosa de qualidade literária com uma memória excepcionalmente nítida do que é ser adolescente. A chave do imenso sucesso de Green, porém, está vários passos além da capacidade de identificação — está no fato de que, embora desenvolva seus personagens e enredos dentro das fronteiras dessa memória, ele o faz de fora delas, com a perspectiva da experiência. Green não presume que seja possível, ou sequer desejável, falar de igual para igual; o que ele prova em seus livros (3,7 milhões deles vendidos

apenas no Brasil) e em seus vídeos na internet é, sobretudo, que ouve e fala com respeito pela inteligência de seu público. No ano passado, a primeira adaptação de um romance de Green para o cinema, *A Culpa É das Estrelas*, conseguiu preservar essa sinceridade, assim como a rapidez e a graça dos diálogos do autor. Já *Cidades de Papel* (*Paper Towns*, Estados Unidos, 2015), em cartaz no país, é uma transposição paupérrima, roteirizada e dirigida com uma constrangedora ignorância do que torna Green tão especial para seus leitores. Nem teria sido necessário aos produtores reinventar a roda: bastaria mirarem-se no exemplo de um dos pioneiros do gênero nos anos 80, o diretor

John Hughes, de *Clube dos Cinco* e *Curtindo a Vida Adoidado*.

Em *Cidades de Papel*, Quentin (o simpático Nat Wolff, que quando sorri lembra George Harrison) é desde pequeno fascinado por sua vizinha Margo Roth Spiegelman, o tipo de menina a quem cabe referir-se assim, pelo nome completo: uma garota que sempre pedala a bicicleta em pé, que aos 9 anos observa de perto o cadáver de um suicida sem se assustar, que dos 15 em diante foge de casa para viver aventuras. Margo (a modelo Cara Delevingne, fraquinha e antipática) é um ícone na escola que ela e Quentin frequentam, num subúrbio da Flórida. Mas nem lembra mais que Quentin foi seu amigo. Hoje, aos 18 anos, no último ano do secundário, Margo o ignora com aquela indiferença hormonal da adolescência: ainda que olhe diretamente para o estudioso e comportado Quentin, ela não o enxerga.



ALBUM/LATINSTOCK

UM DIA DE HONESTIDADE Nelson, Estevez, Ally, Molly e Hall de castigo escolar em *Clube dos Cinco*, clássico de Hughes (acima): um sábado que começa com estereótipos e termina com a descoberta de que eles contêm, cada um, uma multidão

Até uma madrugada em que, por razões inexplicadas, Margo o elege para acompanhá-la numa saga de vingança contra um ex-namorado — para então, no dia seguinte, desaparecer. Enfeitiçado, Quentin acredita que Margo deixou pistas sobre seu paradeiro para ele, e que ele deve portanto segui-las pelo país afora. O destino da jornada de Quentin, porém, não é Margo em si: é o aprendizado de que a Margo que ele vê é uma criação — tem muito dos desejos que ele projeta nela, e mais ainda do que ela quer projetar para o mundo. Das minúcias com que o autor dá corpo ao dia a dia da escola, da família, dos amigos, à iniciação do protagonista nesse complicado fundamento econômico dos relacionamentos, *Cidades de Papel*, o livro, escande o significado de um verso do poeta Walt Whitman que fascina os personagens — “Eu contendo multidões”. Já *Cidades de Papel*, o filme, trai por completo os princípios de Green: oferece a aparência da história em vez de sua

riqueza e seu significado, e acha que a plateia não vai perceber a contrafação.

Bem antes de John Green, contudo, outro artista compreendeu como ninguém as multidões que cada adolescente pode conter. Entre 1984 e 1987, John Hughes (1950-2009) escreveu seis filmes passados na *high school* que permanecem sem paralelo: *Gatinhas e Gatos*, *Clube dos Cinco*, *Mulher Nota Mil*, *A Garota de Rosa-Shocking*, *Curtindo a Vida Adoidado* — que é a obra-prima do conjunto — e *Alguém Muito Especial*. Hughes, um sujeito introvertido que, como Green, nasceu e se criou no Meio-Oeste e foi o que hoje se chamaria um nerd, tinha a mesma capacidade de recuperar a sensação de ser adolescente, o mesmo respeito pela perspicácia dos adolescentes, a mesma seriedade de que ele no trato com o drama de estar extraviado entre a infância e a vida adulta. Tinha, porém, algo ainda mais intenso: a certeza de que a maioria das pessoas, ao ir deixando a adolescência para trás, não amadurece — falsifica-se. Os professores do colégio, nos filmes de Hughes, são de uma inépcia, e às vezes de uma malevolência, que os desautorizam de servir de exemplo para qualquer coisa. Os pais são indiferentes ou, na melhor das hipóteses, sem noção. Mas, embora as regras que emanam do mundo adulto condicionem a vida na *high school* e a transformem num pesadelo, os adolescentes, quando

isolados dessa influência, terminam por fazer descobertas extraordinárias sobre si mesmos e os outros.

Se essa crença na adolescência como o último momento de honestidade cristalina da vida aparece em todos os filmes de Hughes, ela é o tema por excelência de *Clube dos Cinco*, que ganha agora uma edição de aniversário em Blu-ray. Descontem-se os penteados e roupas dos anos 80 e o jeito de dançar dos personagens, uma relíquia antropológica pré-hip-hop: se Molly Ringwald, Emilio Estevez, Anthony Michael Hall, Ally Sheedy e Judd Nelson chegam para um sábado de castigo na escola como os estereótipos que eles próprios acreditam ser — a princesa, o atleta, o nerd, a esquisita e o delinquente —, nove horas depois, à saída, eles terão descoberto que são uma multidão. Mais ao ponto, também o espectador terá se descoberto em todos eles. Por exemplo, nos antagonismos que viram lealdade indivisível no instante em que um adulto dá as caras, no ressentimento com o excesso ou a carência de expectativas paternas, no medo das pressões dos pares — ou no mínimo nas cenas extraordinárias de manifestação do tédio adolescente: quem nunca passou horas puxando o cordão do agasalho para lá e para cá nem jamais enrolou um barbante no dedo para vê-lo inchar está dispensado de assistir à aula de Hughes. Em qualquer outro caso, ela é matéria obrigatória. ■



GILBERTO TADDAY

DIVULGAÇÃO



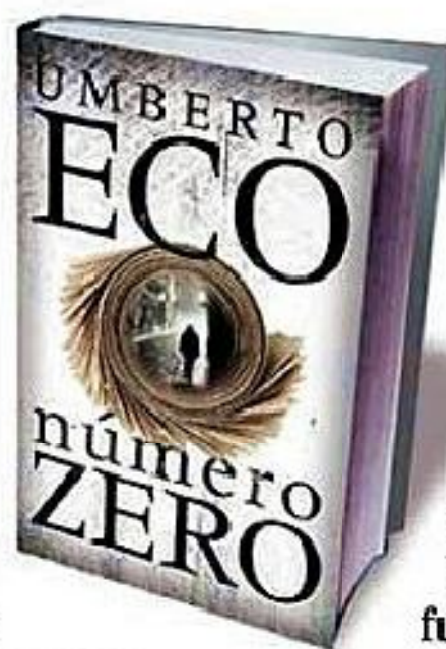
UMA NOITE DE ENGANO Cara e Wolff durante sua saga de vingança, em *Cidades de Papel*: uma traição à crença do autor John Green (à esq.) no discernimento de seu público

Uma aula de paranoia

Em *Número Zero*, o novo romance de Umberto Eco, o *professore* italiano reafirma sua maestria no uso literário de uma matéria-prima peculiar, as teorias conspiratórias

EDUARDO WOLF

Há alguns anos, Umberto Eco incorporou uma piada em suas entrevistas e aparições públicas. Segundo o *professore*, como Eco é chamado com carinho na Itália, o americano Dan Brown, autor do best-seller *O Código Da Vinci*, não existe. “Ele é um personagem do meu romance *O Pêndulo de Foucault*. Eu o inventei. Ele compartilha da fascinação de meus personagens pelo mundo das conspirações. Suspeito que Dan Brown nem sequer exista.” Os milhões de leitores de Eco — consagrado filósofo e acadêmico italiano que em 1980 se tornou um dos maiores sucessos literários do século XX com o romance *O Nome da Rosa* — reconhecerão no gracejo uma verdade subjacente: Eco sempre esteve interessado em tramas que exploravam o mecanismo de funcionamento das teorias conspiratórias e o fascínio que elas exercem sobre um contingente enorme de pessoas — os leitores de Dan Brown que o digam. Em *O Pêndulo de Foucault*, um plano conspiratório feito um pouco por diversão sai do controle quando os personagens passam a ser perseguidos por uma sociedade secreta que os toma por detentores de um segredo dos Cavaleiros Templários. Em *O Cemitério de Praga*, o avô do protagonista é um antisemita que acredita que os maçons, os templários e a seita secreta dos Illuminati estiveram por trás da Revolução Francesa. Agora, com *Número Zero* (Record; tradução de Ivone Bene-



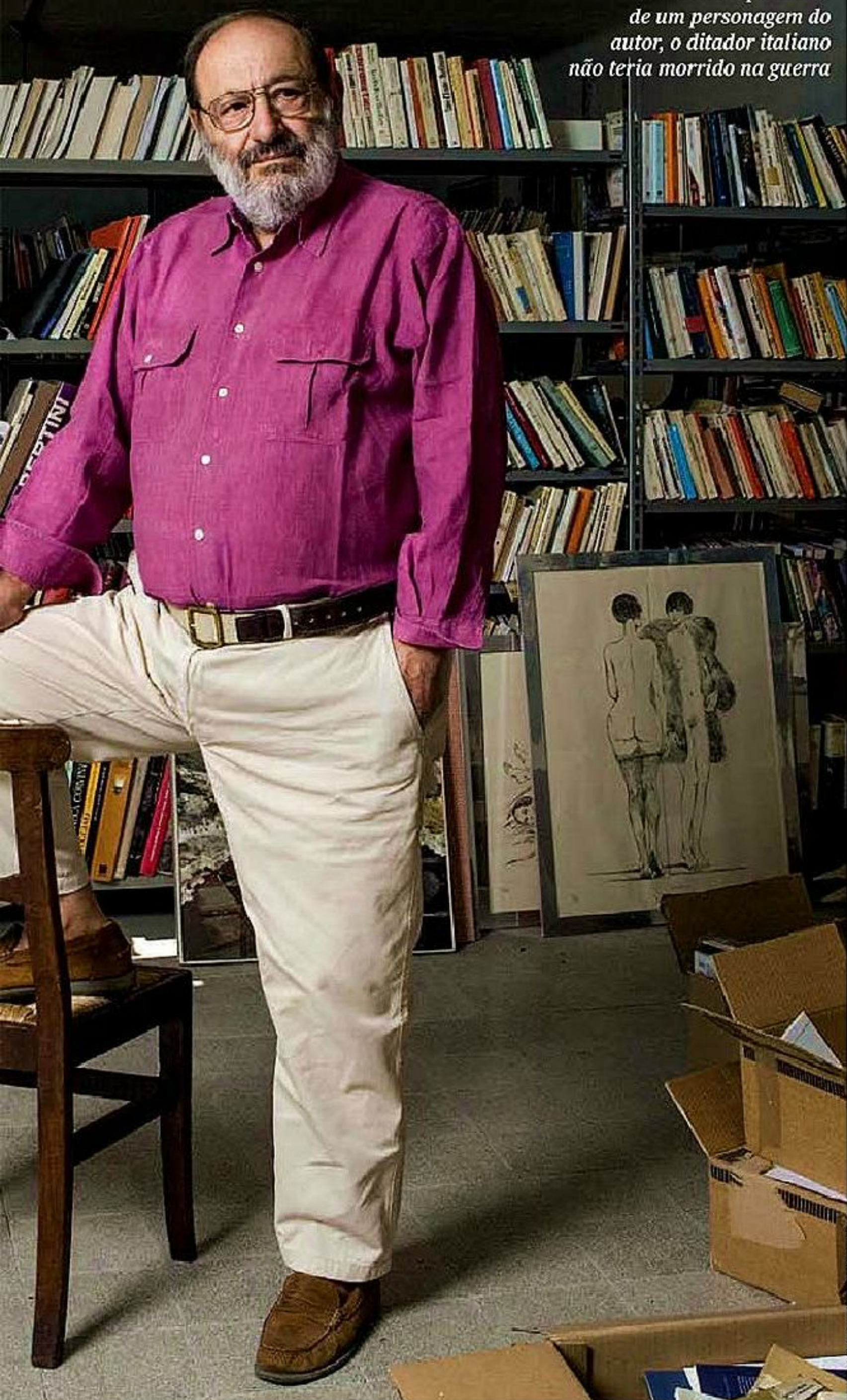
detti; 208 páginas; 35 reais), que mal foi lançado e já surge em quinto lugar na lista de ficção de VEJA, Eco leva seu interesse pelas teorias conspiratórias para um ambiente bem diverso daquele de suas outras obras de ficção: a redação de um jornal de Milão, em 1992.

Ainda que deixe de lado o romance histórico ambientado em tempos e terras distantes, *Número Zero* não abandona o terreno da história: o ano em que transcorre a narrativa de Colonna — um tradutor, eterno candidato a escritor e jornalista por força das necessidades da vida — é um marco na recente história italiana. Em 1992, tinha início a Operação Mãos Limpas — a Operação Lava-Jato que os italianos fizeram antes dos brasileiros —, que desbaratou a corrupção no coração da vida política daquele país. Sob esse pano de fundo, Colonna é contratado para coordenar uma redação de jornal peculiar. O comendador Vimercate funda o fictício jornal *Amanhã* com o propósito de usá-lo como instrumento contra os inimigos — qualquer semelhança entre o magnata e o ex-premiê Silvio Berlusconi não é mera coincidência. Através da cômica redação, Eco ilustra o pior do jornalismo: o servilismo a interesses políticos e econômicos escusos, o descaso para com a verdade e a informação precisa, a manipulação do leitor por meio da distorção intencional dos fatos.

É no ambiente do jornal que história, conspiração e farsa se misturam na composição paranoica de Braggadocio, o mais típico dos personagens de Eco



INTELLECTUAL POP
Umberto Eco e Mussolini
(à dir.): segundo a
versão conspiratória
de um personagem do
autor, o ditador italiano
não teria morrido na guerra



HULTON-DEUTSCH COLLECTION/CORBIS/LATINSTOCK

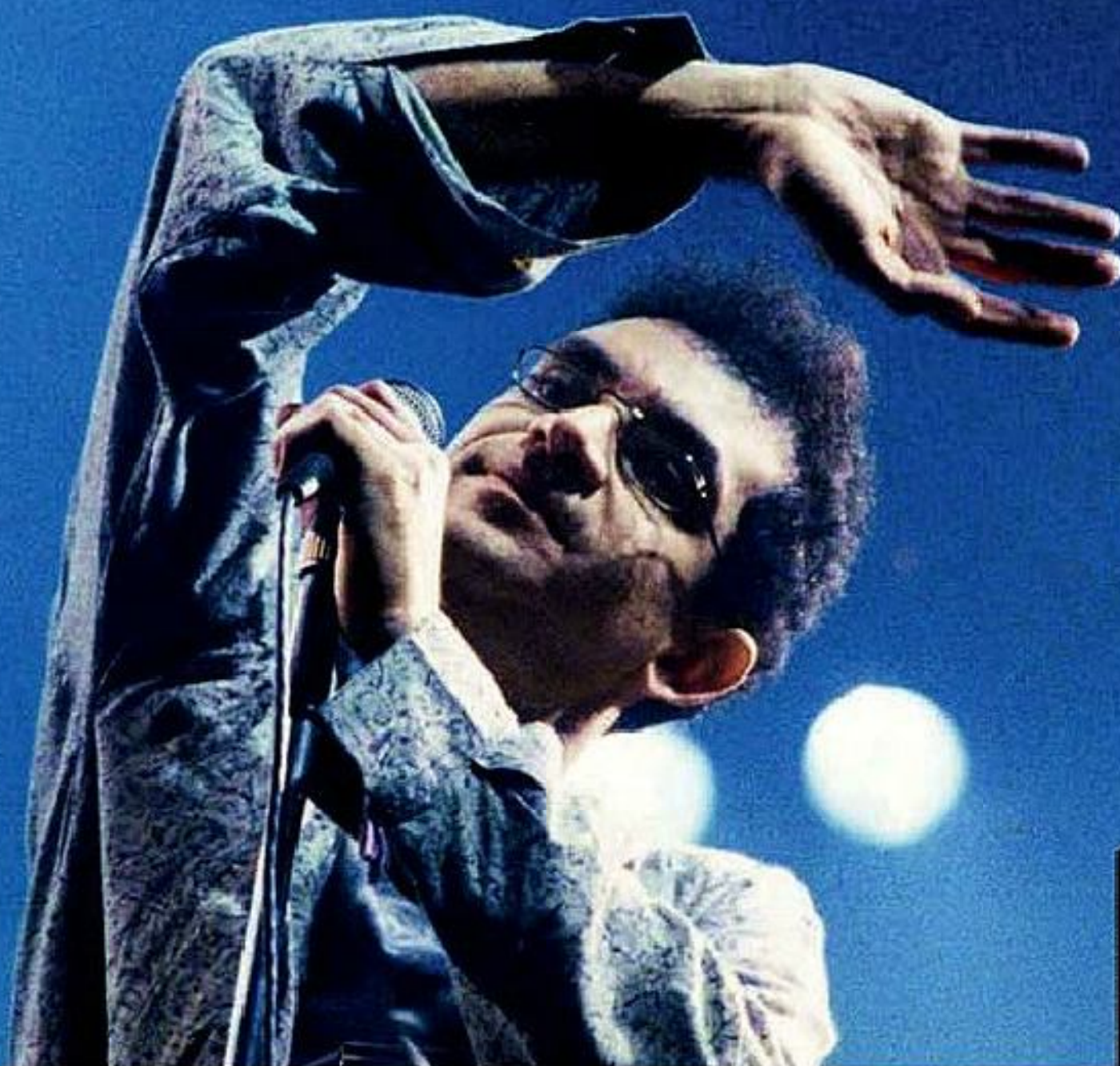
no romance. Obcecado por teorias da conspiração, ele construirá, em suas conversas com Colonna, uma versão diferente da história italiana desde o fim da II Guerra Mundial. Caberá a ele conduzir o leitor por relatos fantasiosos — notadamente, a teoria de que o ditador italiano Benito Mussolini não morreu no conflito: teria fugido após o fim da guerra para levar uma vida oculta.

Mussolini vivo? Claro que o leitor de Eco não cairia em truque tão banal, e o romancista é ciente disso. Seus leitores não são os mesmos que acreditam nos complôs de Dan Brown. Mas serão todos os elementos da narrativa de Braggadocio só produtos de uma mente paranoica? As virtudes de *Número Zero* estão nessa zona indefinida, em que muito do que parece irreal se revela relato fidedigno dos fatos, e a própria história sai como uma farsante. É certo que *Número Zero* não se iguala aos melhores romances de Eco. Há uma queda no ritmo que o autor atribui à necessidade de reproduzir o estilo rápido do jornalismo, mas cujo resultado é discutível. Ainda assim, a marca distintiva do humor e da inventividade do *professore* compensa seus pecadilhos narrativos. ■

LEONARDO CENDAMO/LEEMAGE/AFIP

Relatos selvagens

Só por Hoje e para Sempre reúne escritos que Renato Russo produziu quando esteve internado em uma clínica para dependentes químicos. É um retrato estarrecedor dos efeitos do vício na vida do cantor



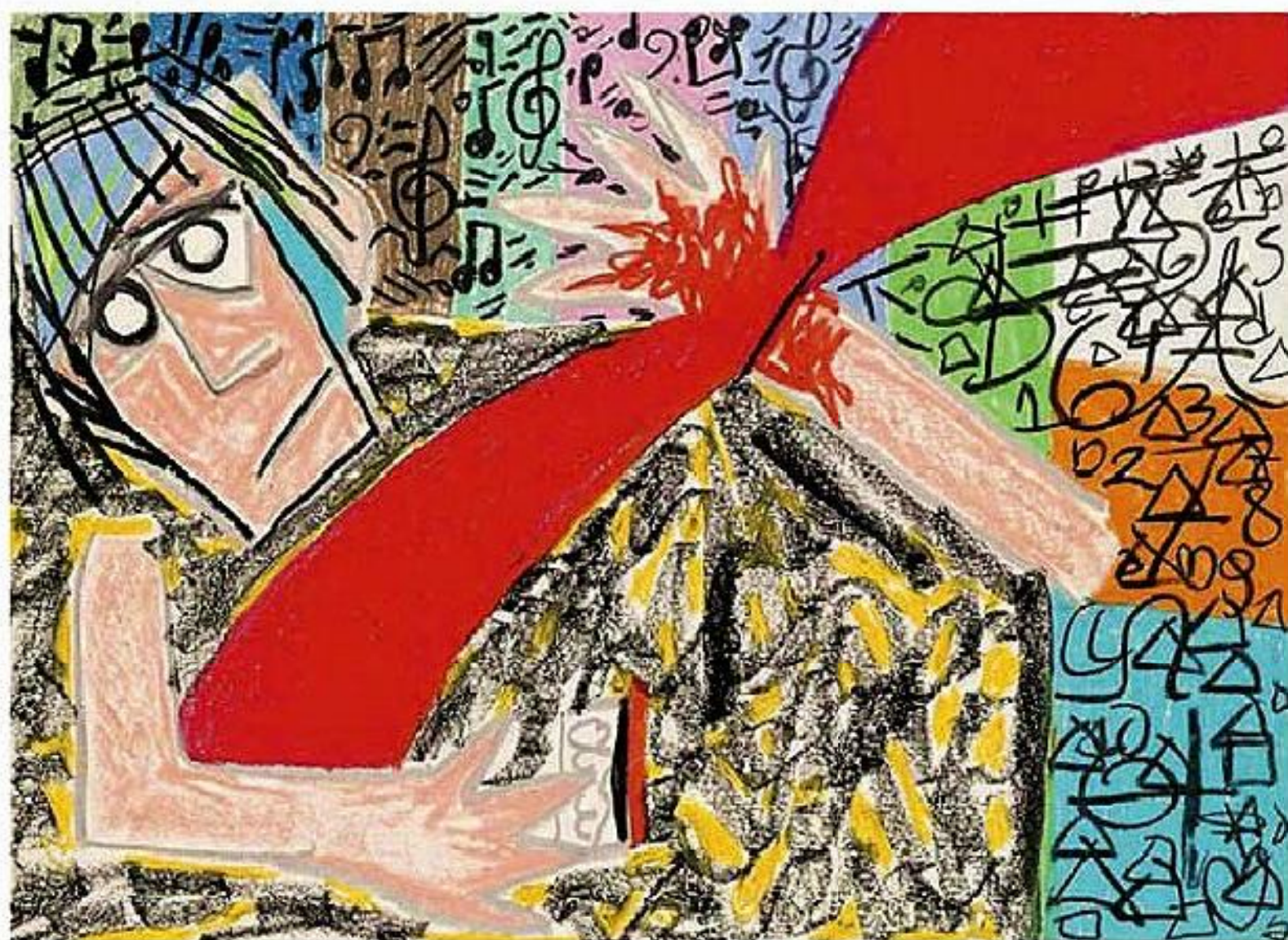
SÉRGIO MARTINS

Quando Renato Russo morava em um hotel no Rio de Janeiro, seus pais foram passar uma temporada na cidade junto com Giuliano, filho adotivo do cantor. O roqueiro foi ao encontro da família, mas não estava em seus melhores dias: baqueado pelo consumo de heroína, padecia de ataques de pânico, taquicardia e pressão alta. Giuliano, então com pouco mais de 1 ano, tinha tomado remédio para uma infecção no ouvido e também não se sentia bem. Ao brincar com o filho, Russo notou que ele estava “mole e estranho”. Mas o mal-estar com a droga falou mais alto que o instinto paterno, e ele foi dar uma volta na esperança de que o efeito da heroína arrefecesse. Ao retornar, quase uma hora mais tarde, não havia mais ninguém no local. Vítima de choque anafí-

lático, o menino fora levado às pressas para o hospital. Vinte e cinco anos depois do episódio, ocorrido em agosto de 1990, Giuliano Manfredini emocionou-se ao ler sobre o dia em que quase morreu. “Ninguém havia contado para mim. Quando li, parecia que estava vendo um filme no qual eu era um personagem”, disse ele, hoje com 26 anos, a VEJA. Eis uma das tantas revelações sobre a relação autodestrutiva do cantor com as drogas e o álcool reunidas em *Só por Hoje e para Sempre — Diário do Recomeço* (Companhia das Letras; 168 páginas; 34,90 reais). O livro traz anotações pessoais que o líder da Legião Urbana, o grupo mais cultuado da história do rock nacional, produziu nos 29 dias em que esteve internado numa clínica de reabilitação na tentativa de largar o vício.

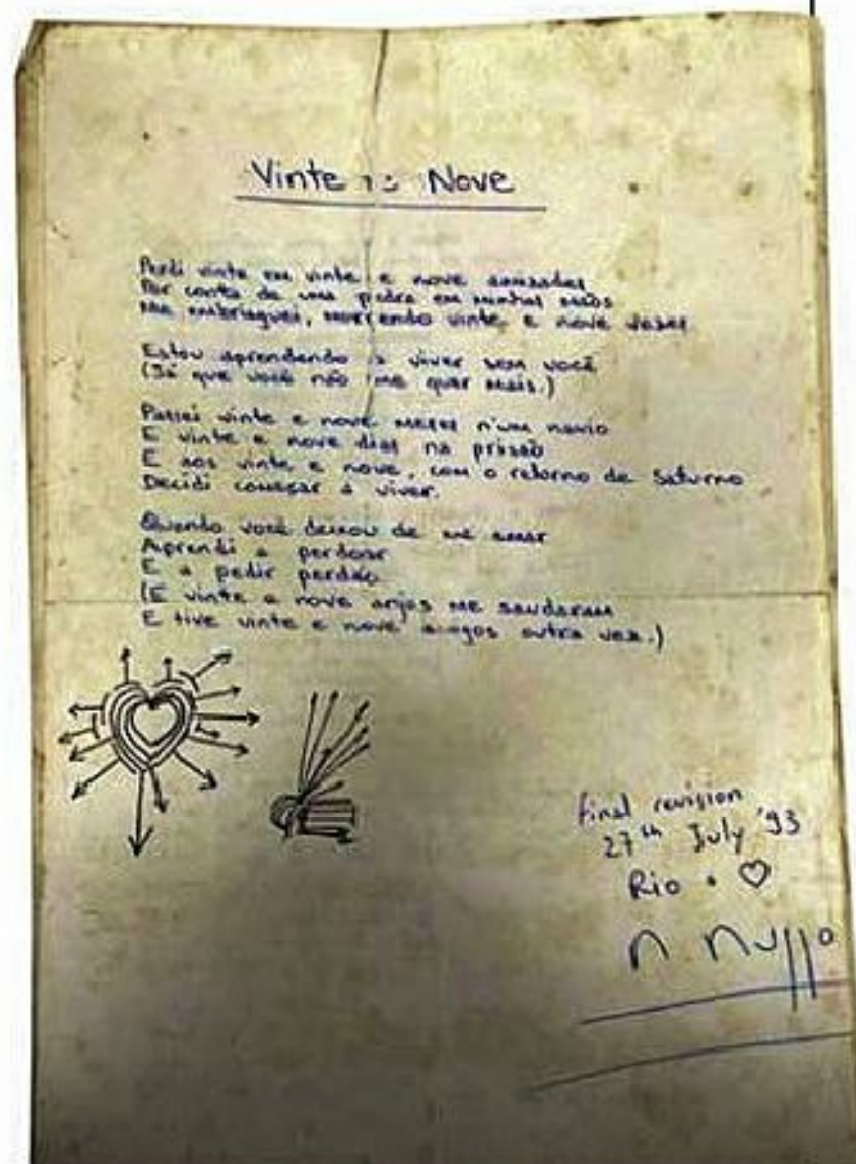
Renato Manfredini Jr., o Renato Russo, encaixa-se na definição de “penitente

do espírito”, criada pelo jornalista musical americano Bill Flanagan para classificar os compositores que fazem letras com base em suas experiências pessoais. O medo, as decepções amorosas e certo olhar melancólico sobre seu tempo foram elementos centrais dos versos do roqueiro. Mas *Só por Hoje e para Sempre* deixa óbvio que os dramas narrados nas letras eram fichinha perto de seus tormentos. Russo sempre foi um sujeito complicado. Em 1984, antes mesmo de se viciar em heroína, vivia tão deprimido que tentou o suicídio. A imagem do cantor cortando os pulsos inspirou o desenho que ele fez com giz de cera reproduzido na página ao lado — que, embora não conste do livro, é parte de um acervo póstumo que deverá ser lançado no futuro, assim como o manuscrito de uma



PENITENTE DO ESPÍRITO

Renato Russo no palco (à esq.) e alguns de seus registros póstumos: o autorretrato de 1984, quando tentou o suicídio ao cortar os pulsos (acima), o manuscrito de uma canção do álbum *O Descobrimento do Brasil* (no alto, à dir.) e seus planos para continuar longe das drogas (à dir.)



NOME RENATO MANFREDINI JUNIOR Nº _____

1- ESTAS ÁREAS NECESSITAM DE MINHA ATENÇÃO NO PÓS-TRATAMENTO:

(x)) DEP. QUÍMICA	(x)) FAMÍLIA/MARITAL	(x)) FINANCEIRA
(x)) SAÚDE FÍSICA	(x)) LEGAL	(x)) RECREAÇÃO/LAZER
(x)) PSIC/ESPIRITUAL	(x)) EMPREGO/VOCACIONAL	(x)) AMOR
(x)) SOCIAL	(x)) EDUCACIONAL	

2- MINHAS METAS SÃO: Manutenção da abstinência, viver 24 horas, ter paciência, trabalhar, atividade, desligamento emocional, T.P.E., auto-estima, intolerância, viver e deixar viver (família e trabalho), trabalhar qualidade de relacionamentos, harmonia com Poder Superior.

letra que também ilustra a reportagem (o próximo projeto será a edição completa de suas letras e poemas). No diário, o roqueiro revela que teve três overdoses. O relato sobre sua pior fase é estarrecido: "Não me importava mais com nada, só tinha pensamentos e emoções extremamente negativos, minha compulsão sexual voltou (por vezes, eram cinco meninos por noite, toda noite) e eu só pensava em morrer".

Parte dos problemas de Russo vinha das frustrações amorosas. A impossibilidade de manter relações sólidas era algo que o deprimia profundamente. Por decisão da família e dos advogados da editora, vários dos nomes originais são trocados por iniciais nos trechos sobre tais desventuras. O rapaz nomeado só como F.J. se dizia homossexual, mas às vezes prestava favores sexuais a Russo em troca de dinheiro para comprar drogas. Outro ex-namorado — e aqui

nem as iniciais são reveladas — tocou o terror no apartamento de Russo: desesperado em reatar o romance com ele, cortou-se com um caco de vidro, manchando de sangue a suíte do autor de *Faroeste Caboclo*. Sob a inicial S. está alguém conhecido em sua biografia: Robert Scott Hickmon, americano que foi seu *affair* mais intenso. Quando Scott voltou para os Estados Unidos, após cinco semanas no Rio, Russo desabou. "Fiquei semanas bebendo, escrevendo cartas de amor e ouvindo músicas tristes, e depois entrei fundo na heroína." O americano teria transmitido o vírus da aids ao cantor, que morreu em decorrência da doença, em outubro de 1996.

Além das agruras com as drogas e o sexo, o artista conta um episódio que expõe seu lugar de patinho feio nas rodas

dos medalhões da cultura. Em reunião na casa da atriz Regina Casé, a convite do antropólogo Hermano Vianna, Russo cruzou com celebridades como Caetano Veloso e Ney Matogrosso. Mas eles nem teriam dado bola para os amigos do roqueiro — que naquela noite, para variar, bebeu demais. "Depois vieram me dizer que essa turma 'escolhe' alguém para fazer papel de bobó", desabafou.

Na reabilitação, o cantor teve sarna e síndrome de abstinência. Mas a penitência mostrou-se útil. Um prontuário no qual ele faz sugestões para sua vida pós-clínica demonstra que a experiência o tornou mais consciente do vício. Para os fãs, a internação trouxe um belo bônus: Russo saiu dali para fazer *O Descobrimento do Brasil*, um dos melhores trabalhos de sua banda. ■



CINEMA Samba:
desventuras de um
imigrante em Paris

EXPOSIÇÃO
Natureza-
morta de
Guignard:
beleza
extraída
da dor



EXPOSIÇÃO

GUIGNARD — A MEMÓRIA PLÁSTICA DO BRASIL MODERNO (EM CARTAZ NO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO ATÉ 11 DE SETEMBRO)

■ O pintor Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) teve a obra marcada por duas circunstâncias: os deslocamentos geográficos e as tragédias pessoais. Nascido na cidade fluminense de Nova Friburgo, ele estudou arte na Alemanha após o casamento de sua mãe com um barão falido. Na volta ao Brasil, mudou-se para Minas Gerais, onde se apaixonou pelas cidades históricas. Um defeito congênito — o lábio leporino — foi motivo de sofrimento por toda a vida. Guignard enfrentou o suicídio do pai, foi abandonado por sua única paixão na lua de mel e morreu em razão do alcoolismo. Miserável e errático, nunca teve um ateliê. Mas, dessa combinação peculiar de uma bela formação técnica com a paixão pelos cenários de Minas e dissabores sem fim, produziu-se um legado essencial do modernismo brasileiro. Entre os 72 trabalhos da retrospectiva do MAM há retratos, naturezas-mortas e delicadas paisagens com influência da pintura chinesa. Mas é nos autorretratos e representações de Cristo — nos dois casos, sempre com lábios defeituosos em realce — que Guignard revela seu maior dom: a capacidade de extrair beleza da dor.

DISCOS

BEFORE THIS WORLD, JAMES TAYLOR (UNIVERSAL)

■ O cantor e compositor americano James Taylor faz da repetição uma arte. Treze anos separam *October Road*, seu último trabalho que contém material inédito, de *Before This World* — que alcançou o primeiro lugar na parada dos Estados Unidos na semana de seu lançamento. Durante o período de hibernação criativa, ele lançou discos de Natal, de releituras e um ao vivo com a amiga Carole King. Quando finalmente voltou ao repertório autoral, fez um álbum que ombréia com os melhores de sua carreira. James Taylor é especialista no estilo que a crítica chamou de *bittersweet* (agridoce, em português): baladas e pops bem-arranjados, com letras confessionais interpretadas com sua voz anasalada. “De algum modo, eu não morri”, entoa em *Today Today*. *Angels of Fenway* é dedicada à paixão da avó do cantor por um time de beisebol. Em *Far Afghanistan*, ele narra o horror da guerra sob o ponto de vista de um soldado americano. Musicalmente, Taylor abraça desde o balanço típico do grupo Steely Dan até influências do folk inglês. Um ótimo retorno.



UPTOWN TOP RANKING, BYRON LEE & THE DRAGONAIRES (VP RECORDS BRASIL)

■ O baixista e produtor Byron Lee (1935-2008) pertence a um momento particular da música jamaicana. Ele foi um dos ícones do ska e do rock steady, gêneros dominantes na ilha do Caribe antes da chegada do reggae politizado, religioso e vagaroso (ao menos do ponto de vista da turma do ska) de Bob Marley e companhia. Lee foi pioneiro na utilização do baixo elétrico e dono do estúdio Dynamic Sounds, que abraçou as incursões caribenhas de Paul Simon e The Rolling Stones. Ele ainda deu oportunidades a vários talentos da Jamaica, como The Maytals e Jimmy Cliff, que chegou a cantar com os Dragonaires. Basicamente instrumental, esta coletânea é um bailão com o melhor da Jamaica pré-reggae. Há skas trepidantes como *Dumplin's*, o primeiro single de Byron Lee e seu grupo. E, como na Jamaica tudo é assimilado, reprocessado e exportado com cara local, são igualmente vibrantes as versões da trupe para músicas populares. O repertório passa por temas do agente secreto 007 (*From Russia with Love* e *Goldfinger*), clássicos da Broadway (*Ol' Man River*, da dupla Jerome Kern e Oscar Hammerstein) e até pelo funk politizado de Sly & The Family Stone (*Don't Call Me Nigger, Whitey*).





Depois de Dilma

Por que este título — “Depois de Dilma”? Levando-se em conta que a presidente da República só vai terminar seu atual contrato de trabalho no dia 31 de dezembro de 2018, parece muito cedo para ficar falando em “depois”. Antes disso será preciso viver o “durante”, período de tempo que pelo calendário eleitoral ainda vai levar três anos e meio até acabar — coisa bem demorada, sem dúvida, e que em condições mais ou menos normais já deveria ser preocupação suficiente para todos. Mas as condições, hoje, não são mais ou menos normais. O governo Dilma, após esforçar-se durante anos a fio para errar em praticamente tudo, derreteu — e tanto o mundo político como a maioria dos brasileiros que têm algum interesse em acompanhar a vida pública passaram a pensar no que virá depois dela, convencidos de que o prazo de validade de Dilma Rousseff venceu. Até algum tempo atrás, apesar de todos os sinais de autodesmanche fabricados por um governo que vem se dedicando a criar uma calamidade por dia, para si mesmo e para a população em geral, parecia um exagero perguntar se Dilma iria chegar ao fim do seu segundo mandato. Não é mais; ao contrário, é a grande atração do

Dilma envolveu-se numa dessas lutas de boxe amador em que um lado não sabe nada de boxe e o outro não tem nada de amador; sabe-se como costumam acabar

dia. Se o presente já não existe, parecem pensar quase todos, só resta brigar pelo futuro.

Este texto, como regularmente se registra aqui quando são tratados fatos que ainda não aconteceram, é apenas um artigo de revista; não é um mapa astral. Mas o que deveria ser um assunto para o fim de 2017 ou o começo de 2018 virou a conversa do dia em julho de 2015 — e as questões do curto prazo, como se sabe, sempre acabam sendo as mais interessantes para nove entre dez homens e mulheres *sapiens*, como diria a presidente da República. É possível, dentro da teoria geral de que nada é impossível, que o pós-Dilma comece quando deveria começar, em janeiro de 2019. O problema é que bem pouca gente, e cada vez menos gente, está acreditando nisso no momento. Nada demonstra tão bem a

situação precária do Palácio do Planalto quanto o atual vai e vem dos chefes reais das máquinas políticas, que podem não ser formadores de opinião, mas certamente são formadores de fatos. Eles se reúnem praticamente todos os dias para discutir como Dilma deve ser processada, embalada e descartada; parecem ter perdido a fé nas possibilidades de recuperação da presidente.

O PT, os outros partidos de “esquerda” e os “movimentos sociais”, que hoje dependem da engrenagem oficial para tudo, já deixaram há tempo de se empenhar de corpo e alma em sua defesa. Pregam sem parar contra o impeachment, mas é só isso que fazem. Estão de pleno desacordo quanto a todo o resto, a começar pelo mais importante: como, no fim das contas, o governo deve governar. O programa econômico do ministro da Fazenda, para ficar só no exemplo principal, deve ser mantido ou seria melhor trocar ambos, programa e ministro, por alguma coisa diferente e oposta? Não há até agora nenhuma resposta coerente. O ex-presidente Lula, o líder que mais poderia socorrer Dilma no momento, também não tem sido de grande valia — quer ficar a favor e contra o governo ao mesmo tempo. Sua última contribuição foi sugerir que a sucessora encoste a cabeça no “ombro do povo”. Pode ser bonito, mas não é muito útil — como, na prática, alguém consegue encostar a cabeça no ombro do povo, ainda mais numa hora destas? É preciso considerar, além disso, que existe uma

oposição; por mais gentil que ela seja, não é dali que Dilma deve esperar ajuda, mesmo porque é mais fácil o camelo da *Bíblia* passar pelo buraco de uma agulha do que o governo estender a mão aos adversários em busca de um entendimento. Resta o PMDB, que normalmente é amansado com empregos na máquina pública. Mas Dilma, até agora, não conseguiu fazer nem isso — e, mesmo que venha a fazer, o antigo aliado, a esta altura, pode imaginar que terá muito mais empregos depois de Dilma, caso acabe se dando bem com um novo governo, como costuma acontecer.

Dilma parece envolvida numa dessas lutas de boxe amador em que um lado não sabe nada de boxe e o outro não tem nada de amador; sabe-se como costumam acabar. Em *Gita*, a mais potente de todas as suas canções, Raul Seixas descreve a si próprio, e a cada um de nós, como “a vela que acende” e, ao mesmo tempo, “a luz que se apaga”. A vela de Dilma, ao longo dos seus anos de vida pública, nunca pareceu acesa. Hoje, a três anos e meio do momento em que deve deixar o Palácio do Planalto para concluir sua passagem pela história atual do Brasil, ela tornou-se apenas uma luz apagada.



SHOP ONLINE | carmim.com.br



Carmim

**NAVEGUE MELHOR
E MAIS RÁPIDO COM
A VELOCIDADE 4G.**

NEOGAMA/BBH

Blue Man Group



Troque seu chip por um
TIMChip 4G

Saiba mais em tim.com.br/4G

Velocidade média de navegação no 4G para download é de até 5Mbps e para upload é de até 500kbps, podendo haver oscilações. Clientes TIM terão acesso à rede 4G automaticamente, desde que possuam os seguintes requisitos de elegibilidade: aparelho homologado para a frequência 4G no Brasil; TIMChip 4G; e estar em uma área com cobertura da rede 4G. Para mais informações acesse tim.com.br/4G.



Você, sem fronteiras.